

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO EM TEOLOGIA - PPGT PUCPR
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES**

MARCOS ROGER RIBEIRO

**ATUAÇÃO ECLESIAL EM OCUPAÇÃO URBANA:
UMA ANÁLISE TEOLÓGICA**

**CURITIBA – PR
2025**

MARCOS ROGER RIBEIRO

**ATUAÇÃO ECLESIAL EM OCUPAÇÃO URBANA:
UMA ANÁLISE TEOLÓGICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Área de Concentração Teologia e Sociedade, Linha de Pesquisa: Teologia, Arte, Educação e Cuidado Integrais: Práticas e Processos, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Luiz Fernandes

CURITIBA – PR

2025

Aos meus pais Manoel (*in memorian*) e Maria Rosa
por me proporcionarem a vida.

Aos meus irmãos Karla e Luís Fernando
pela parceria e cumplicidade.

À Congregação do Santíssimo Redentor
pela oportunidade, apoio e incentivo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em Jesus Cristo, sempre providente em cada momento de minha vida, me ensinando que a fé é a melhor parte de mim.

À minha família que sempre está ao meu lado me orientando, motivando e rezando para que diante das escolhas, consiga vencer e partilhar as conquistas.

À Congregação do Santíssimo Redentor, bem como aos confrades da comunidade religiosa do Juniorato São Clemente, pelo incentivo e compreensão ao longo deste período de pesquisa e dissertação.

Ao Pe. Joaquim Parron, CSsR. por acreditar na minha capacidade e por me motivar a ingressar no Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* - Mestrado, da PUCPR, bem como pelo apoio dispensado ao longo de todo este percurso.

Ao meu orientador Marcio Fernandes, pela confiança, incentivo, paciência, compreensão e orientação ao longo da condução do processo.

À Comunidade Urbana Britanite, onde ocorreu a pesquisa de campo e aos entrevistados, que partilhando suas vivências e experiências, muito contribuíram para a produção da presente dissertação, permitindo que visitando suas histórias e travando contato com suas verdades e biografias, eu aprendesse não só a teologia, mas a fazer teologia, aprendizado este que os livros não ensinam. Como fizeram Santo Afonso de Ligório, no séc. XVIII, e como fez o papa Francisco ao longo de seu magistério pontifício, partindo de uma pastoral prática, que vem da realidade trazida pelo povo

Aos Professores e ao Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Teologia.

A todos que se sentem parte desta conquista.

E à CAPES pelo apoio financeiro.

Essa gente de periferia tem história pra contar
São histórias cheias de alegria, são histórias de chorar
Sobrevivem pela teimosia pois dinheiro ali não há

Casinhas de periferia que escondem sofrimento
Que abrigam esperanças, que abrigam tanto amor
Casinhas de periferia, não sabe quem jamais foi lá
Abrigam tanta gente boa, só sabe quem passou por lá e escutou

(Casinhas de periferia. Pe. Zezinho, SCJ)

RESUMO

A presente dissertação descreve a conjuntura social na qual estavam inseridos os, então, moradores da comunidade urbana Britanite, região do Tatuquara, em Curitiba/PR, que por ato livre e espontâneo ocuparam a área em questão no contexto da pandemia da covid-19. Assim sendo, o problema que se impõe é saber como foi e como se deu a atuação eclesial na ocupação urbana, a partir da eclesiologia do Concílio Vaticano II e de sua opção preferencial pelos pobres, considerando o apelo do magistério de Francisco, isto é, uma Igreja em saída. O trabalho tem como objetivo recolher, por meio de pesquisa de campo, as narrativas sobre as percepções da atuação da Igreja na comunidade em questão, analisar os dados à luz das indicações pastorais do Papa Francisco, além de apresentar a opção preferencial pelos pobres com base nos documentos da Igreja. O método de abordagem é a fenomenologia, que se ocupa de interpretar o mundo com base na consciência do sujeito, além da revisão bibliográfica de temática teológica e de periferias urbanas, bem como o uso da pesquisa qualitativa de cunho fenomenológico a partir dos três passos apontados por Creswell: redução fenomenológica, horizontalização e unidades de significados. Os resultados obtidos com a análise dos dados indicam que a pandemia da covid-19 foi fator determinante para que a área em questão fosse ocupada, e que na iminência do despejo, visando o bem-estar das famílias, houve a propositura da ADPF junto ao Supremo Tribunal Federal, que garantiu a permanência das famílias nas ocupações por determinado período de tempo. Postularam a efetiva presença da Igreja junto à ocupação urbana, demonstrando o desejo de se inserir na caminhada da comunidade eclesial. Por fim, a pobreza em âmbito latino-americano, indicada pelos dados estatísticos das Nações Unidas, revela a dificuldade das pessoas para alugar e/ou comprar um imóvel, restando, por vezes, os espaços irregulares e inapropriados para residirem.

Palavras-chave: Eclesiologia; Ocupação Urbana; Teologia prática.

ABSTRACT

This dissertation describes the social context of the then residents of the Britanite urban community, in the Tatuquara region of Curitiba, Paraná, who, through a free and spontaneous act, occupied the area in question during the COVID-19 pandemic. Therefore, the challenge is to understand the nature and nature of ecclesial activity in the urban occupation, based on the ecclesiology of the Second Vatican Council and its preferential option for the poor, and considering the call of Francis's magisterium for an outgoing Church. Through field research, the work aims to gather narratives on perceptions of the Church's role in the community in question, analyze the data in light of Pope Francis's pastoral directives, and present the preferential option for the poor based on Church documents. The approach is phenomenology, which interprets the world based on the subject's consciousness. It also includes a literature review on theological topics and urban peripheries, as well as the use of qualitative phenomenological research based on Creswell's three steps: phenomenological reduction, horizontalization, and units of meaning. The results obtained from the data analysis indicate that the COVID-19 pandemic was a determining factor in the occupation of the area in question. In the face of imminent eviction, seeking the well-being of the families, an ADPF (Advanced Lawsuit) was filed with the Supreme Federal Court, which guaranteed the families' continued residence in the occupied areas for a certain period. They postulated the effective presence of the Church within the urban occupation, demonstrating a desire to be part of the ecclesial community's journey. Finally, poverty in Latin America, as indicated by United Nations statistics, reveals the difficulty people have in renting and/or buying property, often leaving them with irregular and inappropriate spaces to live in.

Keywords: Ecclesiology; Urban Occupation; Practical Theology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Declarações relevantes da Ocupante de área Alzira.	23
Figura 2 - Ranking e População em favelas da Região Metropolitana de Curitiba ...	27
Figura 3 – Bairro Tatuquara, Curitiba – PR.....	30
Figura 4 – Entrada e espaço de encontro da Comunidade Urbana Britanite	31
Figura 5 – Reintegração de posse da área ocupada	32
Figura 6 – Reintegração de posse da Ocupação Urbana Britanite	33
Figura 7 – Imagem atual do terreno desocupado	34
Figura 8 - Categorização de pessoas atingidas ou ameaçadas pelo despejo	51
Figura 9 – A Britanite quer futuro	57
Gráfico 1 – População em favelas de Curitiba	28
Gráfico 2 – Assistência às famílias despejadas.....	33
Gráfico 3 – Fonte de renda	38
Gráfico 4 – Famílias atingidas e ameaçadas de pelo despejo	50
Gráfico 5 – Pessoas atingidas ou ameaçadas pelo Despejo em porcentagem	52
Gráfico 6 – Ranking dos Estados Ameaças e Despejos.....	53
Gráfico 7 – Religião dos entrevistados	66
Gráfico 8 – Definição da Comunidade Urbana Britanite	70
Gráfico 9 – Média ponderada de 18 países da América Latina: taxas de pobreza e pobreza extrema em 1990-2022 e projeções para 2023 (Em porcentagens)	76
Quadro 1 – Busca por títulos de publicações de artigos científicos	18
Quadro 2 – Dados dos moradores entrevistados.	21
Quadro 3 – Problemas enfrentados durante a Pandemia da covid-19	24
Quadro 4 – Problemas enfrentados durante a Pandemia da covid-19	37
Quadro 5 – Sobre o preconceito	39
Quadro 6 – Problemas de infraestrutura	41
Quadro 7 – Percepção de Deus	44
Quadro 8 – O problema da moradia e o medo do Despejo	54
Quadro 9 – Assistência religiosa e atuação da Igreja Católica na Ocupação	57
Quadro 10 – Como os entrevistados enxergam a Comunidade Urbana Britanite....	67
Quadro 11 - Pistas de ação	71
Quadro 12 – Apresentação dos treze compromissos do Pacto das Catacumbas.....	86

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADPF	Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental
Art.	Artigo
At	Atos dos Apóstolos
BADEHOG	Banco de Dados de Pesquisas Domiciliares
BCP	Benefício de Prestação Continuada
CA	<i>Centesimus Annus</i>
CELAM	Conferência Episcopal Latino-Americano
CEPAL	Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
CD	<i>Christus Dominus</i>
CDZ	Campanha Despejo Zero
CF	Constituição Federal
CLT	Consolidação das Leis Trabalhistas
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
COHAB	Companhia Habitacional
Cor	Coríntios
DAp	Documento de Aparecida
DF	Distrito Federal
DM	Documento de Medellín
DP	Documento de Puebla
DSD	Documento de Santo Domingo
DSI	Doutrina Social da Igreja
DZ	Despejo Zero
EG	<i>Evangelii Gaudium</i>
EN	<i>Evangelii Nuntiandi</i>
Ex	Êxodo
FAZ	Fundação de Ação Social
GS	<i>Gaudium et Spes</i>
Hb	Hebreus
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Jo	João
Lc	Lucas
LG	<i>Lumen Gentium</i>

MC	Medida Cautelar
MST	Movimento Sem Terra
Mt	Mateus
ONU	Organização das Nações Unidas
PR	Paraná
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
Pe.	Padre
PSALC	Panorama Social da América Latina e do Caribe
QA	<i>Quadragesimo Anno</i>
RN	<i>Rerum Novarum</i>
STF	Supremo Tribunal Federal
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TdL	Teologia da Libertação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 ITINERÁRIO DA PESQUISA E ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA	17
2.1 PESQUISAS ENCONTRADAS NA ÁREA DO ESTUDO	17
2.2 A FENOMENOLOGIA COMO MÉTODO DE ABORDAGEM.....	19
2.3 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA PESQUISA DE CAMPO	20
2.4 CONTEXTO HISTÓRICO DA OCUPAÇÃO URBANA BRITANITE	26
3 HORIZONTES DA DESCRIÇÃO ESTRUTURAL DAS VIVÊNCIAS	36
3.1 PANDEMIA DA COVID-19 E A PROBLEMÁTICA DA MORADIA NO BRASIL	36
3.2 PRECONCEITO POR MORAR EM ÁREA DE OCUPAÇÃO URBANA.....	39
3.3 PROBLEMAS COM INFRAESTRUTURA	41
3.4 EXPRESSÃO DE FÉ E PERCEPÇÃO DE DEUS	44
4 A ESSÊNCIA DA COMUNIDADE URBANA BRITANITE	48
4.1 O MEDO DO DESPEJO E A REINTEGRAÇÃO DE POSSE	48
4.2 ASSISTÊNCIA RELIGIOSA NA OCUPAÇÃO	57
4.3 SENTIMENTO DE PERTENÇA À OCUPAÇÃO BRITANITE	66
4.4 PISTAS DE AÇÃO DA ARQUIDIOCESE DE CURITIBA.....	71
5 POBREZA EM ÂMBITO GLOBAL E LATINO-AMERICANO	73
5.1 POBREZA NO MUNDO ATUAL.....	73
5.1.1 Realidade da Pobreza na América Latina.....	75
6 O POBRE NA PERSPECTIVA TEOLÓGICA E DOUTRINAL	78
6.1 ECLESIOLOGIA DO CONCÍLIO VATICANO II: IGREJA SERVA DOS POBRES	80
6.2 IGREJA POVO DE DEUS: SINAL DO REINO	81
6.3 A ECLESIALIDADE DO POVO DE DEUS	83
6.4 IGREJA SERVIDORA E POBRE: O PACTO DAS CATACUMBAS	84
6.5 RECEPÇÃO DO CONCÍLIO VATICANO II NA AMÉRICA LATINA.....	94
6.5.1 II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano – Medellín	97

6.5.2 III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano – Puebla.....	98
6.5.3 IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano – S. Domingo.....	100
6.5.4 V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano – Aparecida.....	100
6.6 O POBRE NA PERSPECTIVA DOS BISPOS DE ROMA	101
6.6.1 Opção preferencial pelos pobres no pontificado de Francisco.....	106
6.6.2 Clericalismo: uma perversão na Igreja	107
6.6.3 Teologia que liberta e clericalismo.....	109
6.6.4 Convite de Francisco: uma Igreja em saída	110
7 CONCLUSÃO	112
REFERÊNCIAS	117
ANEXOS.....	122
ANEXO A – CARTA DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL	122
ANEXO B – FOLHA DE ROSTO	123
ANEXO C – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	124
ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	129

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação visa analisar a atuação da Igreja em área de Ocupação Urbana, região periférica de Curitiba, à luz das indicações pastorais do Papa Francisco. E a partir disto, se pretende recolher, por meio de pesquisa de campo, as narrativas sobre as percepções da atuação da Igreja na comunidade em questão; relatar aspectos pastorais cujas ocupações urbanas carecem e têm potencial de acolher como campo de missão; apresentar a opção preferencial pelos pobres a partir dos documentos da Igreja.

A hipótese levantada é que esta população esteve fora do alcance do pastoreio eclesial, isto é, talvez a Igreja não lhes tenha alcançado de forma ordinária, com presença, acolhimento, missão e evangelização. É possível perceber que o fato de a periferia ser tratada como periferia não é uma realidade apenas presente na sociedade civil, mas também, por vezes nas estruturas eclesiais.

O primeiro capítulo vai tratar do itinerário da pesquisa e da abordagem metodológica, o leitor vai se deparar com a forma como que a pesquisa foi conduzida, a partir de uma análise fenomenológica que abordou a temática da atuação da Igreja na ocupação urbana Britanite, localizada em Curitiba. Num primeiro momento, realizou-se uma pesquisa bibliográfica de artigos científicos no portal de periódicos da Capes, no intuito de compreender o que a comunidade científica discutiu sobre o tema até então. Ao longo das buscas foi encontrado um total de 92 títulos publicados em forma de artigos científicos que foram selecionados para a análise do título, dos quais 7 foram selecionados para análise do resumo. Assim sendo, foram descartados 85 títulos por estarem relacionados a outras áreas de interesse, como por exemplo, meio ambiente, geografia, arquitetura e urbanismo, saúde, educação.

A fenomenologia, escolhida como método de abordagem se apoia na filosofia de Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty, ou seja, se ocupa de interpretar o mundo com base na consciência do sujeito. O objetivo da pesquisa fenomenológica é descrever e entender os fenômenos com base no ponto de vista de cada participante.

O presente trabalho se deu por meio da pesquisa de campo, em que foi entrevistado um grupo de 15 pessoas, entre homens e mulheres com idade entre 19 e 63 anos de idade, residentes na ocupação urbana Britanite. A comunidade urbana Britanite foi uma ocupação, à época da pesquisa realizada, composta por 407 famílias, com uma média de 5 integrantes cada, somando um total de 2035 pessoas, entre

adultos, idosos, jovens e crianças, algumas delas neuro divergentes residentes na comunidade. A religião dos entrevistados variou entre católica, evangélica e candomblé.

Ainda no primeiro capítulo, o contexto histórico da comunidade urbana é apresentado como importante aspecto da fenomenologia para a compreensão dos significados, que se inicia com a conjuntura e dados analíticos sociais do município de Curitiba, perpassando pela realidade do dia em que a ocupação aconteceu, o período em que esteve ativa até chegar no seu final, com a execução da reintegração de posse, após vários litígios em ações judiciais.

No que tange aos horizontes estruturais das vivências, do qual vai tratar o segundo capítulo da pesquisa, serão apresentados os resultados das entrevistas, buscando despojar-se de ideias pré-concebidas acerca do fenômeno, no intuito de se captar o significado das experiências. Inicia-se com o contexto pandêmico, para compreender melhor o lugar das falas dos ocupantes da área em questão.

Um dos desafios encontrados e enfrentados pelas pessoas ocupantes da área urbana Britanite, foi a questão que com a Pandemia da covid-19, muitas pessoas perderam seus empregos, ficaram sem trabalho, gerando transtornos em decorrência da dificuldade financeira, de forma que tiveram de se submeter a situações como morar numa ocupação urbana, por exemplo. O preconceito sofrido pela sociedade, os problemas com infraestrutura e a expressão de fé trazidas nas narrativas, também são objeto de análise.

Já sobre a essência da comunidade urbana Britanite, se diz da experiência dos moradores que visa ser compreendida ao penetrar o significado comum das vivências, uma vez que o estudo fenomenológico busca aprofundar a compreensão baseado na experiência do grupo, analisando suas experiências vivenciais. É interessante o leitor acompanhar, no terceiro capítulo, os pontos marcantes e determinantes que aí se encontram, já que vai abordar o grande temor de todo ocupante de área: o medo do despejo, que se manteve suspenso por determinação do Supremo Tribunal Federal, não permitindo que houvesse, por determinado período de tempo, a execução da reintegração de posse.

Com gráficos e dados atualizados pelo último censo do IBGE, é demonstrada a atual conjuntura das famílias que, de fato, foram despejadas e as que temiam pelo despejo em meio ao contexto da pandemia da covid-19. A assistência religiosa na ocupação, o sentimento de pertença à comunidade e as pistas de ação do plano de

ação para a evangelização da arquidiocese de Curitiba, são os temas, também, trabalhados neste tópico em que se dialoga com o referencial teórico.

No quarto capítulo, após abordar a pesquisa de campo, o faz-se uma breve análise da conjuntura social em âmbito global e Latino-americano já que, Brasil, estado e o município de Curitiba foram contemplados no decorrer da análise da pesquisa. Desta forma, se enriquece a discussão a partir do fundamento eclesiológico e sociológico embasado em dados científicos.

A conjuntura socioeconômica latino-americana não é das melhores, o cenário é de países em desenvolvimento, contudo a pobreza e a extrema pobreza ainda são situações recorrentes tanto nas metrópoles, como nas regiões interioranas dos Estados que compõem o continente em questão.

O quinto capítulo visa apresentar como a Igreja aborda a complexa temática que engloba o pobre, a pobreza e o evangelho desde a perspectiva Teológica, do Concílio Vaticano II, perpassando pela doutrina e magistérios pontifícios até se chegar no pontificado de Francisco, uma vez que, entre Deus e o pobre há uma relação profunda, estreita e de bem querer, em que Deus quer ser favorável, com bênção, com a proposta de um estilo de vida que vai culminar na concretização do Reino de Deus. As Sagradas Escrituras fundamentam o assunto neste primeiro momento do último capítulo.

Falar do pobre na perspectiva teológica implica afirmar que Deus Pai tem muitos filhos pobres, entre eles, seu Filho unigênito, seu bem-amado, quando se encarnou na história. Este evento cristológico não pode ser ignorado, uma vez que, ao revelar-se e comunicar-se, o fez preferencialmente aos pobres e fazendo-se Ele mesmo pobre.

Após a abordagem teológica, no sexto capítulo o leitor vai se deparar com o desenvolvimento do tema dos menos favorecidos, a partir da perspectiva do Concílio Vaticano II, além de ser apresentado, também, como se posicionaram os romanos pontífices, bem como a Doutrina Social da Igreja acerca do assunto. O pacto das catacumbas, ocorrido concomitante ao Concílio e a recepção deste importante evento na América Latina são igualmente abordados neste capítulo.

Eis a necessidade de sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho. Eis a proposta de ser “Igreja em saída”, provocação do Papa Francisco, na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*.

Por fim, nas considerações finais ver-se-á que a principal resposta ao problema apresentado é a hipótese básica, que é uma suposição inicial, provável e provisória, que foi testada para verificar se pode ser confirmada ou refutada com base em evidências científicas. Nesse caso, a hipótese levantada pelo pesquisador desta dissertação é de que a Igreja não tem dedicado atenção suficiente às pessoas que viveram na ocupação urbana Britanite. Isso sugere que a Igreja ainda está longe de ser aquela “em saída” que o Papa Francisco tem pedido ao longo de seu pontificado.

Com base na pesquisa realizada e nas histórias recolhidas dos habitantes da Ocupação, as percepções que surgiram, a partir dos dados obtidos, permitem concluir que há uma falta de presença da Igreja, considerando que não há orientação, diálogo, apoio ou qualquer forma de manifestar a face de Deus através da missão profética da Igreja ao anunciar o Evangelho entre os mais esquecidos.

Observou-se que realmente há uma negligência e/ou uma omissão, uma vez que membros da Igreja local estavam cientes das circunstâncias, mas não tomaram iniciativa para visitar e vivenciar a realidade da ocupação, escutando os residentes, suas necessidades, sofrimentos, alegrias e esperanças.

2 ITINERÁRIO DA PESQUISA E ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

A compreensão das vivências dos moradores da ocupação urbana Britanite e a atuação da Igreja na referida comunidade, em vista do apelo do magistério pontifício de Francisco, por uma Igreja em saída, constituem a temática desse estudo. Num primeiro momento foi realizada uma busca de títulos de pesquisas já publicadas em artigos científicos no portal da Capes, com temas semelhantes, no intuito de aproveitar o que já foi produzido pela comunidade científica, bem como auxiliar no repertório do referencial teórico acerca da temática da Igreja e sua relação e atuação com as ocupações urbanas.

Em seguida, a fenomenologia foi escolhida como forma de abordagem metodológica para a análise dos dados da pesquisa, na perspectiva de Husserl. Em terceiro lugar, é apresentado o detalhamento do itinerário da pesquisa de campo, desde o seu planejamento até a execução das entrevistas e a síntese dos dados.

Por fim, um breve contexto histórico da comunidade urbana Britanite, como se iniciou, como se findou e, durante visita do pesquisador ao local, registros de como está atualmente o terreno, antes utilizado como moradia por centenas de famílias.

2.1 PESQUISAS ENCONTRADAS NA ÁREA DO ESTUDO

Foi realizada revisão de literatura no intuito de encontrar títulos de resultados de pesquisas publicados com a mesma vertente temática e identificar trabalhos que corroborem com a presente pesquisa, tendo como ponto de partida o que já se tem de conhecimento e produção científica a respeito do tema proposto e o que se pode investigar e contribuir de forma inovadora com a temática de teologia e periferia.

As buscas se deram no banco de dados do portal de periódicos da CAPES e ocorreram no período compreendido entre agosto e dezembro de 2023. Os títulos disponíveis no portal da CAPES são a partir de 2010. Já o critério de escolha foi por semelhança de temas com o da pesquisa pretendida, com termos de busca predeterminados.

Quadro 1 – Busca por títulos de publicações de artigos científicos

Termos de busca	Artigos
1. Ocupação urbana (Ciências humanas)	24
2. Ocupação urbana Igreja (Ciências humanas)	5
3. Assentamento urbano (Ciências humanas)	18
4. Habitação popular (Ciências humanas)	24
5. Despejo e moradia (Ciências humanas)	21
Total	92

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Ao longo das buscas foi encontrado um total de 92 títulos publicados em forma de artigos científicos que foram selecionados para a análise do título, dos quais 7 foram selecionados para análise do resumo. Assim sendo, foram descartados 85 títulos por estarem relacionados a outras áreas de interesse, como por exemplo, meio ambiente, geografia, arquitetura e urbanismo, saúde, educação.

Acerca do termo de busca 1, “Ocupação Urbana”, a análise de títulos dos 24 resumos que apareceram como resultado conclui que apenas 1 tem correlação com o termo de busca, o artigo de Aragão, Correa, Soraggi (2021). “Ocupações urbanas como repertório confrontacional dos movimentos de luta por moradia” (Aragão, Correa, Soraggi, 2021) é o título do artigo.

No que diz respeito ao termo de busca 2, “Ocupação Urbana Igreja”, foram analisados 5 artigos científicos, dos quais nenhum se relaciona com Ocupação Urbana ou com atuação eclesial, mas sim com questões de urbanização e importância históricas de determinadas igrejas inseridas em centros urbanos centenários.

Já no tema 3, “Assentamento urbano”, foram encontrados 18 artigos científicos, dos quais foram selecionados 3 para análise, a saber, “Acampamento e assentamento: participação, experiência e vivência em dois momentos da luta pela terra” (PINTO; FIEGUEIREDO, 2014), “As lutas sociais no campo e a Igreja católica: um estudo de caso do assentamento Nango vive, em Jundiá do Sul - PR” (SILVA, 2022) e “Militância e religião no passado e no presente da luta pela terra” (OLIVEIRA, 2012).

No termo de busca 4, “Habitação popular”, retornou resultado de 24 artigos científicos, entretanto, apenas 2 foram selecionados para análise, com os seguintes temas: “A contribuição da Igreja Católica na transformação da habitação popular em problema público na França e no Brasil” (SOARES; SILVEIRA; FREIRE, 2010).

Por fim, a busca 5, “Despejo e moradia” retornou 21 resultados de artigos científicos, dos quais apenas 1 foi selecionado para análise do resumo, com o título “Terra, lugar e espaço: a Luta dos pobres por cidadania e dignidade no Brasil desde uma perspectiva teológica” (ZWETSCH, 2010), no qual o teólogo pretende demonstrar como a luta dos pobres no Brasil representa um esforço por voz e vez no contexto da dignidade humana, tomando como exemplo o Movimento Sem Terra (MST), a partir de um acompanhamento pastoral que realizou por dez anos na região metropolitana de Porto Alegre.

O reduzido número de pesquisas bibliográficas encontradas apontou preocupação com a questão da moradia e luta por terra, por dignidade, demandas históricas, relação das lutas sociais e Igreja, militância e religião. Contudo, o tema da eclesialidade enquanto atuação em ocupação urbana, não é abordado nas pesquisas encontradas. Desta feita, é oportuno e necessário que se faça uma pesquisa mais ampla com a temática da atuação eclesial em ocupação urbana, como propõe o título da presente pesquisa.

2.2 A FENOMENOLOGIA COMO MÉTODO DE ABORDAGEM

As pessoas ocupantes da área urbana Britanite, possuem experiências ou vivências em comum. Postula-se compreender melhor o significado das experiências dessas pessoas, por meio da análise de suas próprias percepções. Para a investigação científica em questão, a fenomenologia de Edmund Husserl, se apresenta como abordagem oportuna.

A metodologia da pesquisa fenomenológica, se apoia na filosofia de Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty, ou seja, se ocupa de interpretar o mundo com base na consciência do sujeito (MARCONI, LAKATOS, 2017). Ainda para as autoras, o objetivo da pesquisa fenomenológica é descrever e entender os fenômenos com base no ponto de vista de cada participante.

As técnicas mais adequadas para a coleta de dados na pesquisa fenomenológica são as que possibilitam a livre expressão dos participantes, o que é

essencial tanto para a descrição quanto para a interpretação da experiência vivida. A mais comum dessas técnicas é a entrevista focalizada, que, ao mesmo tempo em que permite a livre expressão do entrevistado, garante a manutenção de seu foco pelo entrevistador.

2.3 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA PESQUISA DE CAMPO

O projeto de pesquisa foi submetido ao CEP (Comitê de Ética em Pesquisa) da PUCPR em agosto de 2023 e aprovado em setembro do mesmo ano, com protocolo de aprovação nº 6.284.409, constante no Anexo C. O interesse deste objeto de estudo foi buscar compreender como funciona a dinâmica da atuação da Igreja nas ocupações urbanas, tendo em vista a opção preferencial pelos pobres e ser a ocupação urbana espaço sagrado e campo fértil missionário.

Foi entrevistado um grupo de 15 pessoas, entre homens e mulheres com idade entre 19 e 63 anos de idade, residentes na ocupação urbana Britanite. Para o recrutamento pensou-se em convidar pessoas que moram na ocupação, não necessariamente católicas. Os participantes da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

As pessoas foram entrevistadas no período de 08/09/2023 a 04/11/2023, durante a semana no período da tarde e aos sábados, entre às 15h e 20h, período de tempo que o pesquisador permaneceu junto à ocupação Britanite, visitando as casas, conversando com os moradores, fazendo as observações do modo de vida, cultura, características e comportamentos, bem como, as anotações em seu “diário de campo”.

A comunidade urbana Britanite foi uma ocupação, à época da pesquisa realizada, composta por 407 famílias, com uma média de 5 integrantes cada, somando um total de 2035 pessoas, entre adultos, idosos, jovens e crianças, algumas delas neuro divergentes residentes na comunidade. A religião dos entrevistados variou entre católica, evangélica e candomblé.

Outro aspecto levado em consideração é a fonte de renda que eles possuíam, variando entre Benefícios do governo federal (como Bolsa Família e Benefício de Prestação Continuada – BCP), Pensão por morte e Aposentadoria; trabalho formal registrado no regime CLT; trabalho informal e alguns não informaram.

O campo de pesquisa está inserido no contexto de insegurança habitacional, com risco iminente de despejo, e os entrevistados trouxeram muito presente em sua narrativa a questão do preconceito que sofrem por, na época, residirem em área de ocupação urbana.

A coleta de dados se deu por meio do trabalho de campo, não apenas nos dias em que ocorreram as entrevistas, mas previamente, a partir da convivência e da observação do modo de viver da comunidade, visitando as casas, comendo o que serviam como por exemplo pão, café, conversando sobre os anseios, sobre o que almejavam, da esperança de terem seus direitos assegurados, a abertura dos participantes em partilhar suas histórias de vida, suas pequenas conquistas, suas fragilidades, suas dores, desafios, a capacidade de lidar com o medo e de enfrentar a insegurança que por vezes os assombrava.

No que tange à transcrição das entrevistas, os relatos orais foram transcritos, compostos, também com o jeito que os participantes falaram, isto é, narrativas de pessoas simples, carregadas de significados. Para assegurar o sigilo dos participantes, os nomes atribuídos às falas são fictícios.

Quadro 2 – Dados dos moradores entrevistados.

MORADORES OCUPANTES DA ÁREA – DADOS DAS ENTREVISTAS E ENTREVISTADOS – ANO 2023								
Nº	Nome Fictício	Idade	Gênero	Tempo na Ocupação	Estado Civil	Filhos	Religião	Data da Entrevista
1	Alzira	54	F	10 meses	Divorciada	1	Evangélica	08/set/23
2	Noêmia	52	F	2 anos e 9 meses	Casada	3	Católica	09/set/23
3	Marineide	29	F	10 meses	Viúva	3	Evangélica	16/set/23
4	Augusta	27	F	2 anos	Casada	3	Católica	23/set/23
5	Josefina	53	F	2 anos e 6 meses	Casada	1	Católica	27/set/23
6	Romeu	39	M	1 ano e 6 meses	Solteiro	0	Católica	27/set/23
7	Durvalina	38	F	2 anos e 9 meses	Casada	2	Católica	30/set/23
8	Odair	19	M	9 meses	Solteiro	0	Evangélica	14/out/23
9	Plínio	22	M	2 anos e 9 meses	Casado	1	Católica	14/out/23
10	Bartolomeu	25	M	1 ano	Solteiro	0	Candomblé	14/out/23
11	Inácio	25	M	2 anos e 9 meses	Casado	0	Católica	14/out/23
12	Tadeu	24	M	1 ano	Solteiro	0	Católica	21/out/23

13	Jurema	63	F	2 anos e 1 mês	Divorciada	1	Católica	28/out/23
14	Rute	32	F	1 ano e 8 meses	Casada	4	Católica	31/out/23
15	Benedito	40	M	2 anos e 9 meses	Solteiro	0	Evangélica	04/nov/23
Legenda: M (Gênero Masculino) / F (Gênero Feminino); a (anos) / m (meses)								

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Entre dezembro de 2023 e março de 2024 procederam-se as transcrições das entrevistas pelo próprio pesquisador, já contemplando a primeira fase do método fenomenológico que consiste na leitura prévia dos dados. Ao longo do processo de adequação de formatação do texto e as correções de ortografia das transcrições, sempre preservando a forma expressada pelos entrevistados, já se iniciou uma segunda análise, a contemplativa, recordando e revivendo as lembranças significativas com o campo.

Sobre o tratamento dos dados coletados, vale destacar que a análise da vivência dos moradores ocupantes de área urbana visa compreender o fenômeno, como em Husserl, por meio da perspectiva de pessoas que participam desse fenômeno, até que se chegue o mais próximo possível da essência daquilo que foi vivido pelo grupo.

As entrevistas realizadas foram transcritas/digitalizadas no programa de computador “Word”, juntamente com as anotações do caderno de campo, referente ao contexto e informações da entrevista, registrado pelo pesquisador. Na leitura da revisão das transcrições, foram omitidos os nomes ou dados passíveis de identificação das pessoas de modo a não comprometer o sigilo dos entrevistados.

As entrevistas transcritas, termos de consentimento e autorizações assinadas estão em posse do pesquisador, em local protegido, não sendo sob hipótese alguma, repassados a terceiros.

É interessante perceber que no processo de análise, na obra “Investigação qualitativa e projeto de pesquisa”, John Creswel (2020) adota os três passos da “redução fenomenológica”, proposta por Husserl. Acerca da *epoché*, afirma o autor

Este é o primeiro passo na redução fenomenológica, o processo da análise de dados em que o pesquisador se afasta o mais humanamente possível de todas as experiências preconcebidas, para melhor entender as experiências dos participantes do estudo. (CRESWELL, 2014, p. 220).

Já o segundo passo ele vai chamar de “horizontalização”, momento em que o pesquisador lista todas as declarações significativas que sejam relevantes para o estudo e lhes atribui igual valor. Posteriormente, o terceiro passo da redução fenomenológica as declarações são agrupadas em temas, ou unidades de significado.

Creswell (2014, p. 156) afirma que a partir da elaboração das unidades de significado ou temas, descreve-se “o que” os participantes experimentaram com o fenômeno. Trata-se do que ele denomina “descrição textual” da experiência, do que aconteceu, e inclui exemplos literais. Descreve-se, ainda, “como” a experiência aconteceu, o qual ele chama de “descrição estrutural”. Trata-se de uma reflexão acerca do ambiente e contexto do fenômeno experimentado. Por fim, Creswell diz que se deve redigir uma descrição composta do fenômeno, incorporando as descrições textual e estrutural. Para ele, esta passagem é a “essência da experiência” e representa o aspecto central de um estudo fenomenológico. Neste sentido, conta-se ao leitor “o que” e “como” os participantes experimentaram o fenômeno.

A descrição textual foi realizada para os 15 participantes da pesquisa, de forma individual, a partir das declarações relevantes, que após reiteradas leituras e análises o pesquisador detectou e refinou, lançando-as no programa de computador Excel, como exemplifica a figura seguinte, referente à entrevistada denominada de forma fictícia de Alzira, escolhida para ilustrar como foi realizada para cada respondente.

Figura 1 – Declarações relevantes da Ocupante de área Alzira.

Questão de trabalho	Vim para a ocupação quando minha filha veio trabalhar de panfletagem.
Questões familiares e a importância da Ocupação	Apanhou muito do marido e a ocupação é um refúgio. Passou fome desde meados de setembro de 2022 (quase um ano).
Contexto familiar	Moro eu, miha filha e 3 netos, uma vai fazer uma cirurgia no coração e um outro tem autismo.
Medo iminente de despejo	Se sair daqui, não tem para onde ir. Se for para abrigo, vai me separar dos meus netos.
Presença da Igreja	A Igreja está aqui, mas não é por causa da igreja, é mais o padre Parron que vem falar de Deus. Queria mesmo a Igreja católica aqui dentro.
Fonte de renda	Ganhei uma bolsa família. E não dá pra pagar aluguel, sou diabética.
Atos por moradia	Os atos são para ajudar a gente a ter nosso cantinho.
Expressão de Fé	Tenho muita fé que ele nunca me desamparou. Aqui parece a Terra de Deus, aqui tá o povo dele.

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Nas descrições textuais foi respeitada a ordem cronológica do que foi expresso ao longo das entrevistas, no intuito de apreender e destacar o significado intencionado pela pessoa. Vale destacar que esta etapa formula a compreensão da própria pessoa daquilo que vivenciou com o fenômeno, isto é, com a experiência de ser moradora, de estar vivendo dentro de uma ocupação de área urbana, expressando sua fé, recebendo ajuda humanitária, participando de atos políticos na luta pelo direito à moradia, tendo como pano de fundo a atuação eclesial junto à ocupação. Nessa descrição, pergunta-se o que experimentaram, e descreve-se sem a interferência de ideias pré-concebidas.

A seguir, se procedeu a descrição estrutural geral da experiência vivida e compartilhada nas entrevistas, “como” as pessoas experimentaram o fenômeno. Os aspectos comuns às pessoas entrevistadas foram agrupados em temas, com o intuito de preparar para a terceira descrição de aprofundamento, a da essência do fenômeno. As descrições foram realizadas partindo dos diversos agrupamentos das declarações em comum dos entrevistados, considerando temas mais evidenciados após análise reiterada do pesquisador. Aqui, ainda não se dialoga com o referencial teórico.

Quadro 3 – Problemas enfrentados durante a Pandemia da covid-19

Categoria	Trecho dos discursos
Dificuldades decorrentes da Pandemia da covid-19	“Com a pandemia, o patrão do meu marido pegou covid, ficou 50 dias entubado. E trabalhava com obras e com isso deixou de receber, porque não trabalhava. Eu trabalhava num restaurante em período de experiência e com a pandemia caiu o movimento e quem estava na experiência foi dispensado.” (Josefina 5). “Moro com meu marido e meus quatro filhos. Antes eu morava na

Dificuldades decorrentes da Pandemia da covid-19	Vila Verde, pagava aluguel e estava com 3 meses de aluguel atrasado, por causa da pandemia. Minha irmã falou da ocupação e quando nós viemos, já tinha a casa para nós.” (Rute). “Antes de vir pra cá, eu pagava aluguel, só de aluguel, fora água e luz, 750 reais, na época eu trabalhava registrado, com a água e a luz ia para mil, mil e cem, às vezes variava o consumo da água. Perdi o emprego durante a pandemia.” (Benedito).
---	---

Fonte: O autor, 2023.

Descreveu-se, por fim, a “essência da experiência”, que, para Creswell (2014, p. 157) representa o aspecto culminante de um estudo fenomenológico. Trata-se de uma descrição composta, incorporando as descrições, textual e estrutural da experiência com o fenômeno. Neste sentido, afirma que

A partir da descrição estrutural e textual, o pesquisador então escreve uma descrição composta que apresenta a “essência” do fenômeno, chamada de estrutura essencial invariante (ou essência). Primeiramente, essa passagem foca as experiências comuns dos participantes. Por exemplo, significa que todas as experiências possuem uma estrutura subjacente (o pesar é o mesmo se o ser amado é um cachorrinho, um periquito ou uma criança). (CRESWELL, 2014, p. 76)

E acerca da estrutura essencial invariante, diz que a

essência é o objetivo do fenomenologista; reduzir os significados textuais (o quê) e estruturais (como) das experiências a uma breve descrição que tipifique as experiências de todos os participantes em um estudo. Todos os indivíduos a experimentam; portanto, ela é invariante e é uma redução dos “aspectos essenciais” das experiências. (CRESWELL, 2014, p. 220)

Ou seja, eis o objetivo do fenomenólogo: reduzir os significados textuais e estruturais a uma descrição que tipifique as experiências. É a redução de um significado central. Por fim, se escrevem as sínteses, discussões, implicações e aplicações que, na presente pesquisa, levam em consideração a discussão da experiência na Ocupação Urbana.

A descrição da essência da experiência dos ocupantes da ocupação Britanite foi dialogando com outras fontes de dados, como o referencial teórico e com as falas de pessoas que moravam na ocupação. Assim sendo, se buscou aprofundar o sentido dessas experiências.

Os temas levantados, relacionados às categorias, possibilitariam conclusões e aplicações de interesse do grupo pesquisado, não fosse sua desmobilização do local onde estavam vivendo, na ocupação urbana. Para a fenomenologia a história é importante, haja vista que é necessária para a compreensão de significados. Assim sendo, segue breve relato e contexto histórico acerca da Ocupação Comunidade Urbana Britanite.

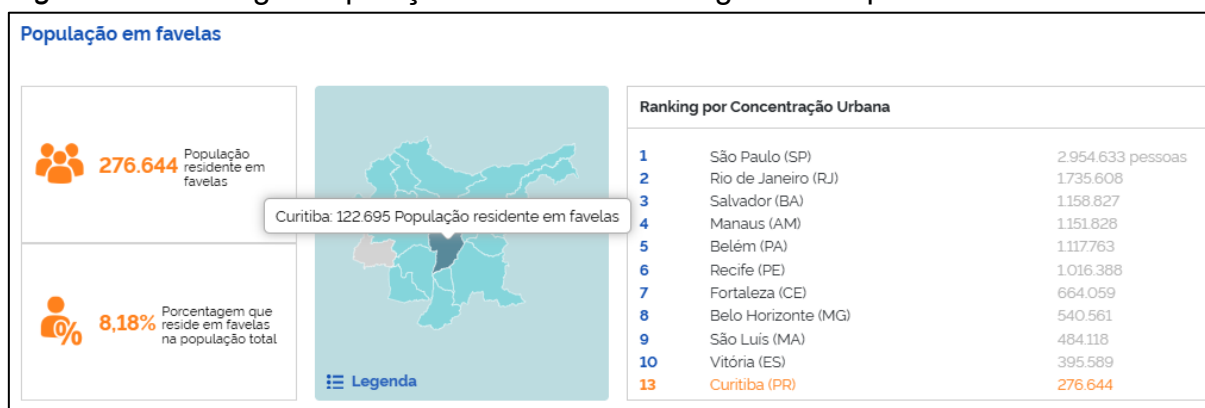
2.4 CONTEXTO HISTÓRICO DA OCUPAÇÃO URBANA BRITANITE

Para iniciar este tópico, é de suma importância refletir sobre o município de Curitiba. Antes de adentrar no contexto histórico da ocupação, é necessário desmistificar e desconstruir a imagem da “cidade perfeita” e passar a enxergá-la como, de fato, ela é, com seus desafios e limitações. Como afirma Carrano

Numa cidade que já foi tida como modelo de planejamento urbano, não são apenas as questões urbanísticas que carecem da formulação de políticas públicas eficientes, a área social também deve receber atenção do poder público, pois, ao contrário do que já foi vendido, a capital paranaense não é uma ilha de prosperidade no Brasil, embora tenha mesmo indicadores mais positivos que outras metrópoles ainda assim é afligida por velhos problemas nacionais, como a desigualdade social. (CARRANO, 2025, p. 193).

O IBGE apresenta a figura abaixo em que a cidade de Curitiba, capital do estado do Paraná, aparece na colocação do 13º município no *Ranking* da população em favelas por concentração urbana.

Figura 2 - Ranking e População em favelas da Região Metropolitana de Curitiba



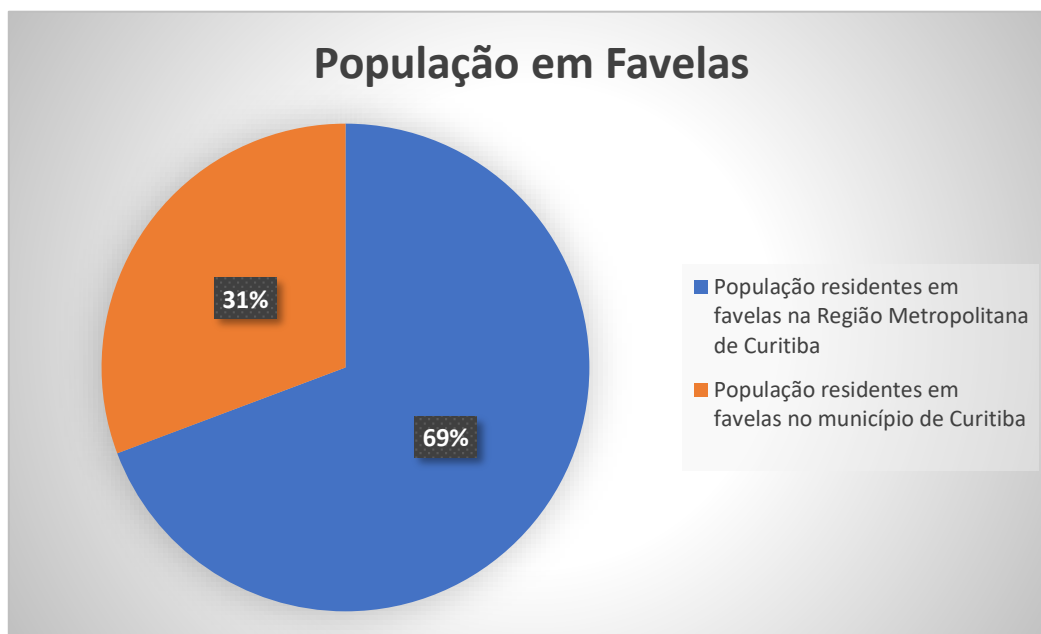
Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE – Censo 2022)¹

Assim sendo, é possível entender que a periferia e a pobreza ocupam um lugar especial na capital paranaense, os dados do último censo realizado pelo IBGE, em 2022, evidenciam um substantivo número de população residentes em favelas, e para entender um pouco mais da dinâmica das periferias geográficas e marginalização de comunidades urbanas que comprometem a garantia de direitos a esta população, é importante ter presente determinados conceitos capazes de elucidar melhor e contextualizar o meio em que a pesquisa e o estudo foram realizados.

O fato é que, por vezes, a sociedade civil marginaliza, isto é, criminaliza os marginalizados e trata as periferias, onde se encontram as comunidades urbanas, como é o caso da Comunidade Britanite, com indiferença e/ou desprezo. As pessoas não são tratadas com igualdade e menos ainda com equidade, que seria o princípio constitucional de tratar igual aos iguais e desigual aos desiguais à medida de sua desigualdade, para que uma vez observados seus direitos, se faça cumprir o princípio da isonomia.

¹ População residente são as pessoas que tinham o domicílio como local de residência habitual e estavam presentes na data de referência da pesquisa, ou ausentes, temporariamente, por período não superior a 12 meses em relação àquela data.

Gráfico 1 – População em favelas de Curitiba



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE – Censo 2022)

O percentual da população residente em favelas no município de Curitiba não é baixo, muito pelo contrário, trata-se de um número elevado de pessoas que (sobre)vivem passando por situações diárias de constrangimento, não ter endereço com ruas nomeadas e numeração oficial; ao estar numa comunidade que não tem saneamento básico, água tratada potável, banheiro (muitos barracos e casebres não possuem banheiro), água encanada, ou seja, na cifra de 31% da população residente em favela em Curitiba, está oculto e representado um cenário complexo e paradoxalmente de fácil e difícil forma de resolver esta questão, ou diminuir drasticamente este percentual.

Se diz que é fácil resolver se houver apenas a boa vontade de quem compete para o fazer, destinando recursos e fazendo o que tem de ser feito com honestidade, entretanto, difícil do ponto de vista de que se dá a entender que não é interesse de quem tem a competência para o fazer, haja vista a necessidade de burocratizar o simples. Entretanto, não é novidade que os direitos das pessoas que já se encontram em situação de vulnerabilidade social não são respeitados, e tampouco cumpridos.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, algumas nomenclaturas foram sofrendo alterações, é necessária sua atualização, para que esteja em consonância com aquilo que exige a comunidade científica, por exemplo, o que antes era chamado

de “Favelas” passou a ser chamado de “Comunidades Urbanas”, conforme documento do IBGE denominado Censo Demográfico 2022 Favelas e Comunidades Urbanas².

O Censo traz elementos importantes como o direito à moradia, a promoção da autoconstrução e a ocupação de espaços para que se cumpra sua função social, e mais adiante ver-se-á que foi exatamente desta forma e neste intuito que se constituiu a Comunidade Urbana Britanite, objeto de estudo da presente pesquisa. O documento ainda segue afirmando

Algumas condições parecem reproduzir-se em todas as Favelas e Comunidades Urbanas, como a atuação precária, incompleta ou inexistente do Estado (...) a apresentação de lógicas e formas próprias de organização espacial, sem obediência aos padrões urbanos normativos do Estado; e, de modo geral, a predominância de domicílios com insegurança jurídica da posse. (IBGE, 2022, p. 32)

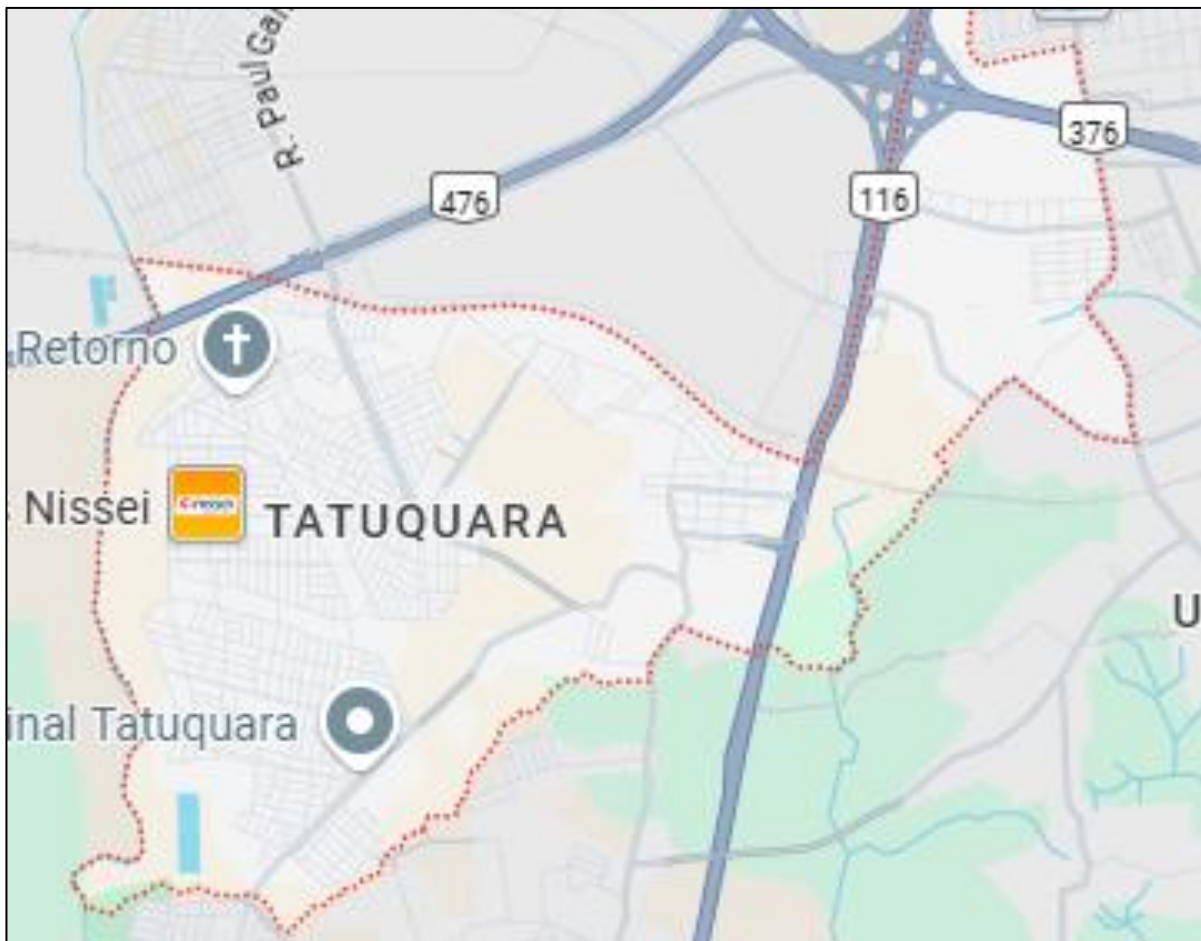
É possível afirmar que o Estado tem um *modus operandi* quando se refere ao lidar com o pobre, o marginalizado, com quem está em situação de vulnerabilidade social, pois tais condições que o texto apresenta que se reproduz em todas as Favelas e Comunidades Urbanas nada mais é do que a negligência do Estado, que tendo ciência da realidade, não faz absolutamente nada para melhorar a qualidade de vida destas pessoas, ou promover alguma espécie de política pública que venha a beneficiar esta população, com algum programa habitacional eficiente, que vise estabelecer segurança jurídica da posse de bem imóvel, seja com moradias verticais, seja realizando estudos para que se solucione a questão da moradia com dignidade e sem a omissão do Estado.

A Comunidade Urbana Britanite, à época localizada no bairro Tatuquara, município de Curitiba, foi uma ocupação de área urbana, ora denominada comunidade urbana, no terreno localizado na Rua Antônio Zanon, 235 – Tatuquara, Curitiba-PR, que teve seu início em 12 dezembro de 2020, no contexto da pandemia da Covid-19, em que muitos pais e muitas mães de famílias perderam seus empregos e, sem ter como pagar o aluguel, foram despejados de onde moravam. Ocasão em que

² O Resultado do Universo afirma: uma vez que o direito à moradia ou o direito a cidades sustentáveis não são plena e universalmente atendidos, as pessoas mobilizam os meios disponíveis para viabilizar a sua garantia, promovendo a autoconstrução e a ocupação dos espaços da cidade em vistas de concretizar a sua função social. Assim são formados os territórios que o IBGE já denominou como “Favelas”, “Aglomerados Urbanos Excepcionais”, “Setores Especiais de Aglomerado Urbano”, “Aglomerados Subnormais” e, desde janeiro de 2024, “Favelas e Comunidades Urbanas”. (IBGE, 2022, p. 31)

centenas de famílias em situação de vulnerabilidade social, ocuparam, em ato livre e espontâneo a área em questão. O término da Ocupação ocorreu no dia 20 de fevereiro de 2025.

Figura 3 – Bairro Tatuquara, Curitiba – PR



Fonte: Google Maps³, 2025.

O terreno, até então, era conhecido na região por estar abandonado há muitos anos, sem cercas e servindo ao descarte de lixo e entulhos, colocando em risco a segurança dos moradores limítrofes pelo uso inapropriado de terceiros. Assim sendo, vale salientar o que afirma Carrano

as famílias dependem dos locais de moradia, constroem uma vida comunitária, estão enraizadas, recebem apoio de várias entidades da sociedade civil, fato reconhecido inclusive pela Comissão de Conflitos

³ Disponível em: https://www.google.com/maps/place/Tatuquara,+Curitiba+-+PR,+81020-490/@-25.5634521,-49.3204838,13z/data=!4m6!3m5!1s0x94dcfc49383a4ccf:0x4235eee7a7e70c8cl8m2!3d-25.5647079!4d-49.3284575!16s%2Fg%2F11cm01k3xx?entry=ttu&g_ep=EgoyMDI1MDMwNC4wIKXMDSoASAFQAw%3D%3D Acesso em: 09/mar/2025.

Fundiários do Tribunal de Justiça do Paraná. Estão enraizadas e não desejam sair, inclusive porque o poder público não apresenta um plano de realocação consistente para elas. (CARRANO, 2025, p. 25).

O que antes era tido como lixão, agora se tornara lares de famílias trabalhadoras que não têm para onde ir e onde morar. Evidentemente a propriedade não cumpria sua função social, como é possível ver na imagem a seguir.

Figura 4 – Entrada e espaço de encontro da Comunidade Urbana Britanite



Fonte: Google Maps⁴, 2025.

Esta grande lona azul, montada para abrigar do sol e chuva, era o ponto de encontro das famílias, para retirar alimentos na cozinha comunitária, ouvir reflexão acerca da Palavra de Deus, participar de reuniões comunitárias com o objetivo de mobilização para reivindicações, rodas de conversas formativas. Tratava-se, portanto, de um espaço coletivo para despertar o sentido de pertença comunitário.

O cumprimento da ordem de despejo e a reintegração de posse, ocorreu no dia 20 de fevereiro de 2025. Conforme informações veiculadas pela RPC (Rede Paranaense de Comunicação), a operação teve início às 5 horas da manhã, foi coordenada pela Polícia Militar e teve o apoio da Guarda Civil Municipal, Corpo de

⁴ Disponível em: https://www.google.com/maps/@-25.5667725,-49.3168969,3a,75y,148.16h,93.3t/data=!3m7!1e1!3m5!1syhrwPSFDYba-iL_0x3EaQ!2e0!6shhttps:%2F%2Fstreetviewpixels-pa.googleapis.com%2Fv1%2Fthumbnail%3Fcb_client%3Dmaps_sv.tactile%26w%3D900%26h%3D600%26pitch%3D-3.297846139812549%26panoid%3DyrhrwPSFDYba-iL_0x3EaQ%26yaw%3D148.1570150244633!7i16384!8i8192?entry=ttu&g_ep=EgoyMDI1MDMwNC4wKXMDSoASAFQAw%3D%3D Acesso em: 9 mar. 2025.

Bombeiros, Fundação de Ação Social (FAS) e COHAB (Companhia de Habitação). Tratores demoliram as casas das famílias que já tinham sido retiradas do local.

Figura 5 – Reintegração de posse da área ocupada



Fonte: RPC⁵, 2025.

A forma de retirar as famílias não foi muito humanizada. As pessoas não tiveram tempo de retirar o pouco que tinham, apenas pequenos pertences e a roupa do corpo. A dignidade da pessoa humana visivelmente não foi respeitada. E, às vezes o diálogo, que é muito necessário, não acontece. O que se vê é a ação bruta, de quem detém o poder, de quem oprime, de quem não pensa no bem-estar social. Talvez nestas casas tenham ficado memórias, como porta-retratos, fotografias, enfeites, quadros, pequenos objetos carregados de significados, que não puderam ser resgatados.

Para garantir que os ocupantes da área não retornassem à propriedade para buscar alguma coisa, como se já não bastasse ter passado com os tratores demolindo as casas, como demonstrado na imagem anterior, julgaram necessário atear fogo nos casebres e barracos, como na imagem a seguir.

⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2025/02/20/reintegracao-de-posse-retira-300-familias-de-terreno-curitiba.ghtml> Acesso em: 1 jul. 2025.

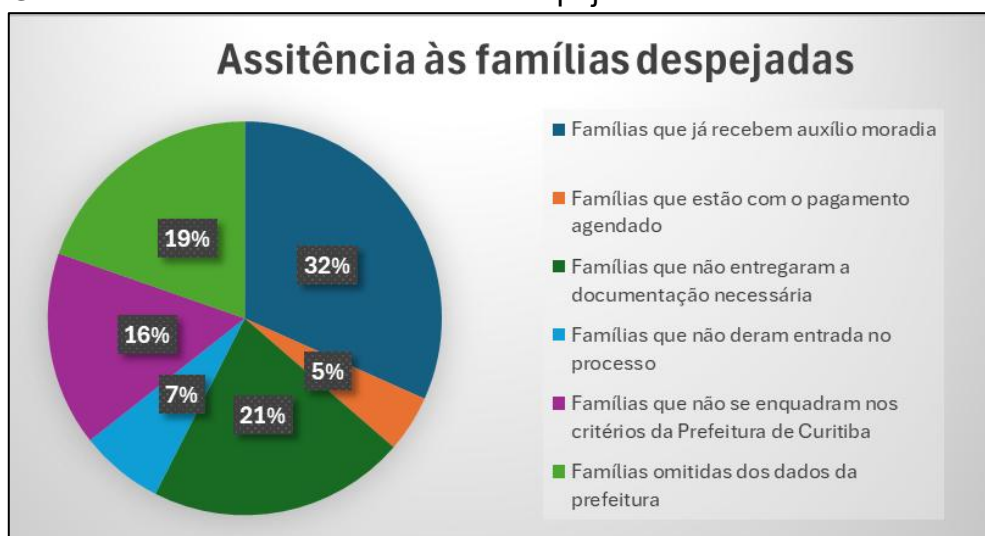
Figura 6 – Reintegração de posse da Ocupação Urbana Britanite



Fonte: RPC⁶, 2025.

Neste contexto de reintegração de posse, as famílias, em que pese a situação a que foram submetidas, não ficaram, de todo, desamparadas. Segue o gráfico abaixo contendo os encaminhamentos que foram feitos:

Gráfico 2 – Assistência às famílias despejadas



Fonte: RPC⁷, 2025 – adaptado pelo autor.

⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2025/02/20/reintegracao-de-posse-retira-300-familias-de-terreno-curitiba.ghtml> Acesso em: 1 jul. 2025.

⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2025/02/20/reintegracao-de-posse-retira-300-familias-de-terreno-curitiba.ghtml> Acesso em: 1 jul. 2025.

No gráfico acima, é possível perceber que parte das famílias estão recebendo e/ou receberão aluguel social por determinado período de tempo, não informado pela prefeitura. Além das famílias que não entregaram a documentação e das que não se enquadram no programa de benefício do município, há ainda as famílias que não foram contempladas, isto é, que estão omissas do cadastro e dos dados da prefeitura, que representa um percentual de 19% do total das famílias que eram ocupantes da área em questão.

Após a reintegração de posse devidamente executada, e a retomada da área anteriormente ocupada, já com as casas por terra e sem o risco algum de as pessoas voltarem para retirar eventuais pertences, por eles deixado, o autor da pesquisa esteve no local no dia 26 de junho de 2025, isto é, quatro meses após a reintegração de posse para ver como está atualmente, e em visita fez o registro abaixo

Figura 7 – Imagem atual do terreno desocupado



Fonte: registro realizado pelo autor da pesquisa, 2025.

É possível perceber que ao longo de toda a extensão da área, a propriedade foi cercada com tapumes de zinco, além de constante observação de terceiros, para que não haja nova ocupação no local.

Atualmente as centenas de famílias que ali viviam, mantém contato por meio de um grupo nas redes sociais. Muitas permanecem no município de Curitiba com o aluguel social, outras foram embora para junto de familiares do interior do estado. O vínculo adquirido no convívio ao longo do período em que a ocupação existiu e esteve ativa não se perdeu. Por vezes as pessoas se encontram em eventos populares, haja vista que muitas fazem parte de movimentos sociais que tem como pauta a moradia.

Como já mencionado anteriormente, uma vez que a fenomenologia faz uso da história em seu processo de escavação das estruturas primeiras do fenômeno, faz todo sentido este breve resgate do contexto histórico do espaço que protagonizou a ocupação que a presente pesquisa buscou explorar. Essa abordagem é pertinente para compreender os sentimentos e a forma de agir das pessoas que ocuparam a área Britanite.

Esse contexto, de alguma forma, favoreceu as famílias que diante do desafio da pandemia da covid-19, entraram no terreno, realizando uma ocupação pacífica e organizada, conforme tem sido demonstrado nas descrições dessa pesquisa, principalmente no conteúdo da descrição estrutural apresentada no capítulo seguinte.

3 HORIZONTES DA DESCRIÇÃO ESTRUTURAL DAS VIVÊNCIAS

Os significados das declarações relevantes das entrevistas com os, então, moradores da ocupação urbana Britanite são apresentados na descrição estrutural. O grupo temático sobre as famílias ocupantes de áreas com risco iminente de despejo sistematiza a análise das entrevistas. Nessa descrição se apresentam os resultados, buscando despojar-se de ideias pré-concebidas acerca do fenômeno, até a fase das discussões, no intuito de se captar o significado das experiências. Inicia-se com o contexto pandêmico, para compreender melhor o lugar das falas dos ocupantes da área em questão.

3.1 PANDEMIA DA COVID-19 E A PROBLEMÁTICA DA MORADIA NO BRASIL

Com o advento da pandemia do Novo Coronavírus, a Covid-19, o cenário habitacional no Brasil, que já não era bom, ficou ainda pior, uma vez que milhares de famílias que se encontravam em áreas de ocupação urbana se viram na iminência de serem despejadas do local onde viviam, razão pela qual, a ADPF (Arguição de descumprimento de preceito fundamental) 828, foi de suma importância, que por meio da liminar concedida e prorrogada por diversas vezes, não permitiu que os despejos acontecessem na conjuntura da crise sanitária.

Muito se fala da forma irregular como as pessoas sem teto e sem trabalho estavam ocupando determinadas propriedades que não cumpriam sua função social, um instituto jurídico previsto na Constituição de 1988, portanto, um dever constitucional. Entretanto, a habitação irregular, se dá em consequência da inobservância, inoperância e inércia do Estado, que não dispensa a devida atenção aos dados que aqui serão apresentados.

Um dos desafios encontrados e enfrentados pelas pessoas ocupantes da área urbana Britanite, foi a questão que com a Pandemia da Covid-19, muitas pessoas perderam seus empregos, ficaram sem trabalho, gerando uma série de transtornos em decorrência da dificuldade financeira, de forma que tiveram de se submeter a situações, por muitos, inimagináveis, como, por exemplo, morar numa ocupação urbana. É o que vai tratar a análise dos dados a seguir.

Quadro 4 – Problemas enfrentados durante a Pandemia da covid-19

Categoria	Trecho dos discursos
Dificuldades decorrentes da Pandemia da covid-19	“Com a pandemia, o patrão do meu marido pegou covid, ficou 50 dias entubado. E trabalhava com obras e com isso deixou de receber, porque não trabalhava. Eu trabalhava num restaurante em período de experiência e com a pandemia caiu o movimento e quem estava na experiência foi dispensado.” (Josefina 5). “Moro com meu marido e meus quatro filhos. Antes eu morava na Vila Verde, pagava aluguel e estava com 3 meses de aluguel atrasado, por causa da pandemia. Minha irmã falou da ocupação e quando nós viemos, já tinha a casa para nós.” (Rute).
Dificuldades decorrentes da Pandemia da covid-19	“Antes de vir pra cá, eu pagava aluguel, só de aluguel, fora água e luz, 750 reais, na época eu trabalhava registrado, com a água e a luz ia para mil, mil e cem, às vezes variava o consumo da água. Perdi o emprego durante a pandemia.” (Benedito).

Fonte: O autor, 2023.

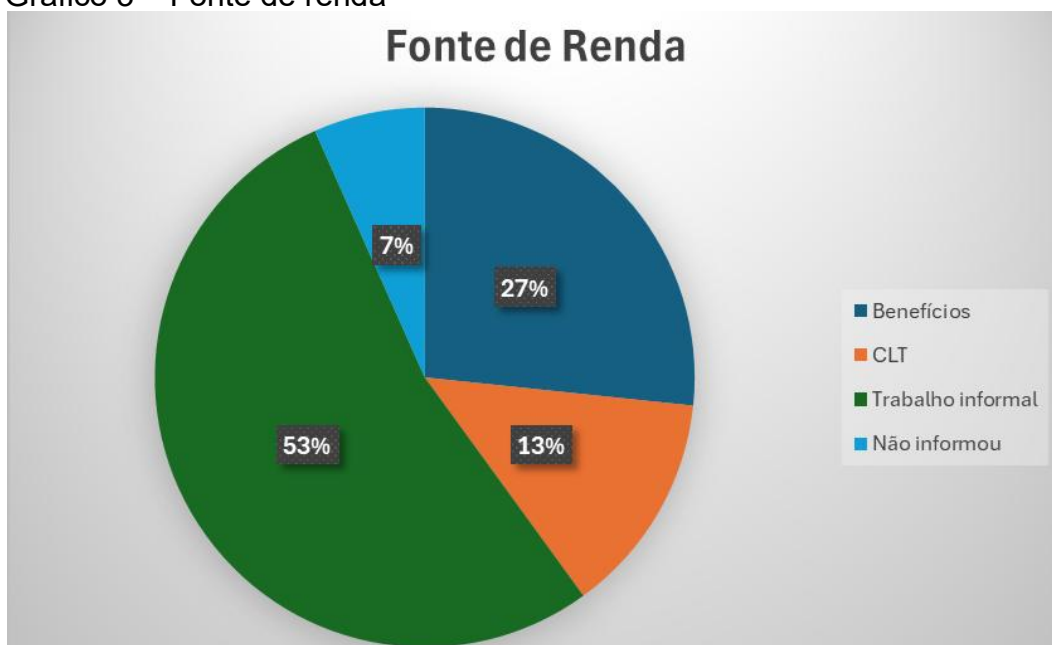
A pandemia gerou impacto direto na vida de muitas pessoas, entretanto, na vida dos mais pobres o reflexo foi ainda maior, além da crise sanitária, havia uma crise econômica a ser enfrentada, a qual foi fator determinante para que as pessoas que moravam de aluguel, se vissem numa situação extremamente constrangedora, em que com empresas fechadas, a economia do mundo parada, sem geração e fonte de renda, os salários foram os primeiros a sentirem a crise e muitas famílias tiveram de deixar suas casas, por não ter dinheiro para honrar os compromissos.

É o que se percebe nos relatos acima, que com a pandemia, não se tinha dinheiro, que deixou de receber salário, consequentemente o aluguel foi atrasando, e por fim veio a dispensa do trabalho e o temido e inevitável despejo.

Levando em consideração o fator e contexto pandêmico, que inclusive foi a maior e/ou principal causa que os motivou a estarem na comunidade urbana em questão, um aspecto importante a ser considerado é a fonte de renda dos membros participantes da pesquisa.

Alguns entrevistados declararam ter como fonte de renda o trabalho formal com registro em Carteira de Trabalho, em regime CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas). A maioria declarou atuar no trabalho informal. Outros afirmaram receber benefícios como auxílio-doença e outros benefícios temporários do governo federal. E os demais não souberam informar.

Gráfico 3 – Fonte de renda



Fonte: O autor, 2023.

Em que pese alguns moradores da ocupação terem uma fonte de renda, ainda que mínima, a comunidade contou com ajuda humanitária promovida pela Congregação Missionária do Santíssimo Redentor, denominado pela comunidade de “os Redentoristas”, e coordenada pelo Pe. Joaquim Parron, CSsR. Ajuda esta que consiste na doação de alimentos, na ereção da cozinha comunitária, doação de roupas, de cobertores, promoção de curso bíblico, doação de bíblias novas para todos os inscritos no curso.

3.2 PRECONCEITO POR MORAR EM ÁREA DE OCUPAÇÃO URBANA

Uma outra problemática encontrada realizando a análise dos discursos, refere-se ao preconceito que sofrem por serem moradores de uma ocupação urbana. Esta expressão foi repetida diversas vezes de variadas formas.

Segundo os entrevistados, as situações a que são submetidos são de naturezas diversas e sempre de cunho depreciativos, haja vista a sociedade ter um olhar um tanto quanto condenatório, estabelecendo barreiras, ao invés de criar pontes capazes de desenvolver diálogos.

Quadro 5 – Sobre o preconceito

Categoria	Trecho dos discursos
Situações de preconceito por residirem em área de Ocupação Urbana	“A sociedade vê a gente diferente, não vê a gente igual eles, só porque moramos na favela.” (Marineide). “A sociedade nos vê com maus olhos. Parece que somos menos que gente. Se a gente já depende a comida da cozinha comunitária, da doação dos alimentos do padre Parron, como vamos pagar aluguel?

Situações de preconceito por residirem em área de Ocupação Urbana	Já perdi emprego por morar numa ocupação. É difícil.” (Augusta). “Percebo uma carência da sociedade civil aqui dentro. A Ocupação Britanite é malvista pelas pessoas. As pessoas de fora são fácil julgar quem está aqui dentro, ao invés de vir aqui e conhecer um pouco da nossa história”. (Durvalina). “adolescentes que saem de casa pra ir pro colégio, mas saem limpas de casa e chegam sujas no colégio, e sofrem bullying, já teve casos de uma menina que chegou a se cortar, foi trocada 3 vezes de colégio somente este ano. Um olhar preconceituoso.” (Inácio). “A sociedade vê a gente, resumindo, acham que somos mendigos, só porque estamos numa terra que antes ninguém dava valor. Nós estamos aqui porque precisamos, não porque queremos, numa situação que o sistema criou pra nós.” (Tadeu).
--	---

Fonte: O autor, 2023.

A partir dos relatos trazidos pelos entrevistados, percebe-se que há um profundo desprezo e preconceito da sociedade para com as pessoas residentes na

ocupação. Haja vista a forma como se sentem, reduzidos a “menos que gente”, expressão forte, além do fato de já terem perdido oportunidade de emprego por residir na ocupação, isto é, não se trata de um preconceito, velado ou disfarçado, é algo evidente e visível.

Vale ressaltar que está presente na narrativa a grave situação de uma adolescente que em razão do *bullying* sofrido na escola, numa provável atitude de desespero, chegou ao extremo ponto de se cortar e por três vezes foi transferida de colégio, pelo fato de sair limpa de casa, mas chegar ao colégio suja de barro, de lama, e com isto, ser apontada e receber o olhar preconceituoso dos colegas.

O julgamento que os moradores fazem é que as pessoas residentes na ocupação são mendigas, pelo fato de residirem em um espaço que antes não era dado o devido valor.

3.3 PROBLEMAS COM INFRAESTRUTURA

A terceira dificuldade, dentre tantas, elencadas pelos discursos foi a questão da infraestrutura dos simplórios casebres construídos naquele momento em que se oportunizou a ocupação e a chegada das mais de 400 famílias.

No entanto, isto vem ao caso, em razão da falta de assistência por parte do Estado, que mais uma vez foi negligente para com estas pessoas e a difícil realidade por elas enfrentadas numa situação extremamente delicada, tal qual a pandemia, que foi cruel com a humanidade, em âmbito global, e os que mais sofreram, foram aqueles que não tinha ninguém por eles. No quadro a seguir, os participantes revelam as dificuldades enfrentadas no que tange à infraestrutura.

Quadro 6 – Problemas de infraestrutura

Categoria	Trecho dos discursos
	“A casa não tinha banheiro. Era uma peça única de 4 m². Hoje tem banheiro e fez um espaço para fazer Salgado, para vender.” (Josefina).

Dificuldades com infraestrutura	“Veio para a comunidade no início do namoro. Minha neném foi a primeira que nasceu na Comunidade. No início eu catava reciclagem e morava com a minha mãe. E consegui fazer uma casinha 2x3m. E começou a surgir as casinhas pra fazer e a carpintaria e eu fui me adaptando aqui.” (Plínio).
Dificuldades com infraestrutura	“Ninguém mora na ocupação porque quer, só por necessidade mesmo, eu mesmo moro numa casa de duas peças, eu, meu marido e mais quatro filhos, e um adolescente que está pedindo por privacidade. Eu lembro que quando eu vim pra cá, pra fazer comida eu tive que cavar um buraco no chão, tive que cortar lenha pra acender o fogo e fazer comida.” (Rute).

Fonte: O autor, 2023.

Na Comunidade Urbana Britanite é possível perceber que a desigualdade é expressiva, uma vez que o Estado negligencia as demandas dos menos favorecidos e desconsidera em partes a Constituição Federal de 1988, ao não fazer cumprir o inciso III, do artigo 1º da Carta Magna que tem como fundamento “a dignidade da pessoa humana”. Além do fato de no inciso III, do artigo 3º do mesmo Diploma Legal constar como objetivo fundamental “erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais”. Sendo a moradia um direito garantido e expresso no artigo 6º da Lei Maior, no capítulo II, que vai tratar dos Direitos Sociais.

Também na Declaração Universal dos Direitos Humanos, em seu artigo 13, preconiza que “Todo ser humano tem direito à liberdade de locomoção e residência dentro das fronteiras de cada Estado”. São vários os dispositivos legais que apontam os direitos para dignificar a pessoa humana, contudo, aos moradores da Comunidade Urbana Britanite, tais direitos não chegaram.

A Infraestrutura para as pessoas residentes na ocupação foi um complexo problema, haja vista a situação que se encontravam, os casebres, por vezes chamados de “peça”, eram pequenos, e não dispunham de área própria para sanitário. A realidade a que se refere esta narrativa, se diz de uma família com uma média de cinco pessoas, que morava num espaço físico de 4m², isto é, mesmo com o pouco que tinham, se organizaram, para fazer salgados para vender, construíram o banheiro e, ainda, depois de venderem os salgados produzidos no pequeno espaço, com a rentabilidade construíram um espaço próprio para a produção, visando a geração de renda.

É importante ressaltar, que a partir da narrativa é possível perceber que não se trata de pessoas que não querem trabalhar, ou que estão nesta situação por mera comodidade e/ou conveniência, muito pelo contrário, são pessoas que querem trabalhar, querem produzir, ter sua renda de forma honesta, de forma a crescer na vida, em vista de conquistas, a começar, por exemplo, pela construção de um banheiro e de um espaço para produção de salgados. Aqui se revelam dois importantes aspectos o da inteligência financeira e o a capacidade de investimento visando aumento da renda. Com certeza o sonho destas pessoas é trabalhar em vista de ter sua casa própria, ou de ter condições de pagar aluguel, melhorando as condições de moradia e vida.

Uma outra situação é do morador da ocupação que, também residia numa casa pequena, construída por ele mesmo, e com o tempo, passou a trabalhar dentro da comunidade, construindo casas para as pessoas, demonstrando, mais uma vez, que as pessoas têm gana de ter trabalho e garantir seu sustento e de sua família de forma honesta, o que, por vezes falta é a oportunidade de se inserirem no mercado de trabalho.

3.4 EXPRESSÃO DE FÉ E PERCEPÇÃO DE DEUS

O quadro a seguir apresenta as narrativas acerca da percepção que os entrevistados têm a respeito de Deus, estando no contexto de extrema vulnerabilidade social. Para muitas pessoas, essa situação seria motivo de revolta, de sentir-se abandonados por Deus, entretanto o que se vê é um povo fiel, um povo de fé, que independente da sua religião, é um povo crente, temente a Deus e gratos pelo pouco que têm.

Quadro 7 – Percepção de Deus

Categoria	Trecho dos discursos
Percepção que os entrevistados têm sobre Deus acerca do contexto em que se encontram.	“Aqui parece a Terra de Deus, aqui tá o povo dele.” (Alzira). “Deus é a fé, esperança de todos os dias, meu socorro. Nas muitas lágrimas, Ele sempre está enxugando meu rosto. Fé para mim é isso. Deus está aqui em todos os momentos, mesmo ao lado de quem não tem fé.” (Noêmia). “Deus é tudo. As Maravilhas que acontecem na minha vida, minha base. Primeiro Deus, depois meus filhos. Se não fosse Deus, eu não sei se já teria aguentado tudo que aguntei na minha vida.” (Augusta). “Deus é tudo, meu guia, minha luz. Muito devota de Nossa Senhora

Percepção que os entrevistados têm de Deus acerca do contexto em que se encontram.	Aparecida, Deus que me move, essa fé que move minha vida, o ambiente dentro da minha casa.” (Josefina). “Deus é tudo, meu Pilar, minha estrutura, minha força de levantar cedo para trabalhar, da força para continuar na luta.” (Romeu). “Deus é tudo pra mim, tenho o testemunho de tudo que o meu filho passou, o José é renal e ele quase teve a experiência de morte e eu tive uma experiencia muito profunda com Deus dentro da UTI.” (Durvalina).
---	--

Fonte: O autor, 2023.

Diante dos relatos acima apresentados, é possível perceber o quanto Deus se faz presente na dificultosa realidade dessas pessoas. Permitindo remeter ao Êxodo, passagem em que Deus não é indiferente ao sofrimento de seu povo, quando diz a Moisés

Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu grito por causa dos seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir desta terra para uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel. (Ex 3, 7-8)

São quatro verbos que dão sentido ao texto bíblico e que muito tem a dizer com a condição e realidade dos entrevistados. Os verbos “vi”, “ouvi”, “conheço” e “desci” demonstram que o povo tem um Deus que os ama, que está com eles e que faz algo por eles. Não se trata de um Deus indiferente, não se trata de um Deus vingador, punitivista, que só quer dar castigo ao seu povo. E a relação que se estabelece com a ocupação Britanite é o que se apresenta diante dos relatos, a saber, a convicção de

que Deus está presente neste lugar, acompanhando o sofrimento de seu povo e não alheio à realidade de seus filhos.

De acordo com vários moradores, Deus vê as necessidades e dificuldades da comunidade urbana Britanite. Ele ouve o seu clamor, o seu grito de pedido de ajuda, de socorro, o seu grito de pedido por um teto, por um lugar para morar. Deus conhece suas angústias, angústia da fome, a angústia do medo, a angústia de ser despejado e não ter para onde ir, a angústia de estar sujeito à violência das ruas. E Deus desce para libertar seu povo, para dar esperança e esse “descer” de Deus, acontece por meio daqueles que trabalham para e em nome de Deus, como várias vezes mencionados nos relatos, de forma a ajudar com alimentos, roupas, assumir com os mais pobres e marginalizados suas lutas, seus desafios, e estar junto deles.

Aqui é possível perceber a fé em um Deus cuidadoso e zeloso, um Deus sensível para com as pessoas da ocupação, pois Deus age a partir da sua dimensão humana, Ele age com sensibilidade. É este o único Deus verdadeiro, como afirma o salmo 115, ou seja, o Deus verdadeiro é sensível ao clamor do povo, ao passo que os ídolos apresentados no salmo, têm boca, mas não falam; têm olhos, mas não veem; têm ouvidos, mas não ouvem; isto é, os ídolos são caracterizados pela insensibilidade, sendo obras de mãos humanas.

É na perspectiva da insensibilidade pastoral, do não querer ver a necessidade eclesial do outro, enquanto presbítero que pode oferecer-se ministerialmente ao povo, é nesta perspectiva que se configura a grande perversão da Igreja nos últimos tempos, a manutenção e o crescimento de uma Igreja clericalista, bravamente criticada pelo Papa Francisco.

O clamor dos entrevistados, os elementos implícitos e explícitos trazidos em diversos discursos apresenta um grito, que não pode ser interpretado como um simples grito, mas o clamor dessas pessoas tem destinatário: Deus e a todos ao seu redor, especialmente àquelas e aqueles que se dizem fiéis a Deus. E a partir da relação que é possível estabelecer com a passagem de Êxodo, acima citada, Deus não é indiferente a esse clamor.

O rogo, o clamor dessas pessoas é um grito de quem está disposto a lutar, resistir e buscar uma forma de conseguir viver com mais dignidade a partir da perspectiva de ter um lugar para morar. Ou seja, se trata de um clamor de quem não se submete à opressão social. E por vezes, quem oprime quer resolver problemas

complexos habitacionais de forma simples e reducionista, realizando uma higienização social.

Neste sentido, torna-se muito mais fácil, ao invés de se fazer algo concreto e eficaz, o opressor, podendo aqui ser o próprio ente público responsável, além de ser mais cômodo, prefere tornar as pessoas em situação de vulnerabilidade, mais vulneráveis ainda, enfraquecendo-as e não permitindo que se articulem ou se organizem no intuito de juntarem forças para lutar contra o sistema, ora imposto e vigente.

As pessoas relatam suas experiências de Deus, têm nele seu pilar, seu fundamento e estrutura, não se importam com a situação em que se encontram, não se veem como vítimas ou como pessoas desgraçadas e totalmente abandonadas, muito pelo contrário, a partir das narrativas trazidas pelas entrevistas do presente estudo, todos os entrevistados se sentem agradecidas pelo pouco que possuem. Deus tem especial carinho e atenção a estes, neste sentido, assim afirma Comblin

Por que será que o clamor do povo oprimido tem tanta premência, valor e força? Não será por que, na origem do clamor, está o próprio Deus? (...) E Deus respondeu-lhe ao apelo porque estava na origem do apelo. Ouviu a voz do seu Espírito. Foi fiel a si próprio, deu aos seus filhos, os homens de Israel, o dom de falar, reconhecendo no clamor os acentos de sua própria voz, a voz de seu sangue, de sua família, a voz dos seus. (COMBLIN, 1985, p. 11).

Ainda que numa condição e estado de miserabilidade crítica, os moradores da comunidade urbana Britanite, não se sentem e não se veem abandonados por Deus. Teriam todo direito de assim se sentirem, uma vez que o próprio Filho de Deus assim se sentiu, quando na cruz, torturado estava prestes a humanamente vivenciar a experiência da morte. E Comblin vai dizer

Para evitar o extremo da miséria, os pobres submetem-se passivamente, não se afastam uns dos outros, com a esperança de encontrarem pelo menos um auxílio no calor e na solidariedade da massa dos oprimidos. (COMBLIN, 2010, p. 39).

4 A ESSÊNCIA DA COMUNIDADE URBANA BRITANITE

A essência da experiência dos moradores da ocupação urbana pretende ser compreendida ao penetrar o significado comum das vivências. O estudo fenomenológico busca aprofundar a compreensão baseado na experiência do grupo, analisando as experiências vivenciais.

4.1 O MEDO DO DESPEJO E A REINTEGRAÇÃO DE POSSE

Ao longo da Pandemia, a partir de 2020, foram movidas muitas ações judiciais⁸ que postulavam o despejo de famílias que, de fato, não tinham para onde ir e que se encontravam nas comunidades urbanas e rurais por todo o país. Porém, diante de um contexto extremamente desfavorável tanto do aspecto do enfrentamento de insegurança habitacional, como em meio a uma crise global, sem precedentes na história moderna, abrangendo questões biológicas, sanitárias, salutaras, sociais, econômicas, enfim, o mundo parou diante de tamanha crise e os que já eram considerados socialmente vulneráveis, passaram a ter de contar com a sorte para sobreviver em meio ao caos estabelecido.

Diante da problemática que se estabeleceria, e ante as desumanas e reiteradas ordens de despejo sentenciadas por muitos magistrados nos mais diversos Tribunais de Justiça do país, o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), ingressou com uma Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF), com Pedido Liminar, no Supremo Tribunal Federal (STF), em face dos atos do Poder Público relativos às desocupações, despejos e reintegrações de posse, a fim de evitar e reparar lesão a preceitos fundamentais relativos ao direito social à saúde, direito fundamental à vida, da dignidade da pessoa humana, e com fulcro no objetivo fundamental da República Federativa do Brasil de construir uma sociedade justa e solidária, além do direito fundamental à moradia, alegando diversos argumentos fáticos e jurídicos tais como

O requerente destaca dados da Campanha Despejo Zero, segundo a qual mais de 9.000 (nove mil) famílias foram despejadas durante a pandemia e em

⁸ A ADPF 828, foi uma resposta às ações de despejo e reintegração de posse que foram demandadas nos mais diversos Tribunais de Justiça do país, razão pela qual o PSOL ingressou com a ação no STF, para que a decisão tivesse efeito vinculante, isto é, a mais alta corte do país, dizendo que os despejos estavam suspensos e que, portanto, os juízes dos tribunais *a quo* deveriam acatar a decisão, sem questionar e sem poder determinar despejos e reintegrações de posse durante o período em que a liminar estava vigente.

torno de 64.000 (sessenta e quatro mil) se encontram ameaçadas de remoção. Notícia de casos de desocupações coletivas realizadas sem suporte assistencial às populações, que já se encontravam em situação de vulnerabilidade. (...) No contexto da pandemia da COVID-19, o direito social à moradia (art. 6º, CF) está diretamente relacionado à proteção da saúde (art. 196, CF), tendo em vista que a habitação é essencial para o isolamento social, principal mecanismo de contenção do vírus. A recomendação das autoridades sanitárias internacionais é de que as pessoas fiquem em casa. Diante dessa situação excepcional, os direitos de propriedade, possessórios e fundiários precisam ser ponderados com a proteção da vida e da saúde das populações vulneráveis, dos agentes públicos envolvidos nas remoções e também com os riscos de incremento da contaminação para a população em geral. (STF, ADPF 828 MC/DF, Liminar, 2021, p. 4)

Assim sendo, o Ministro Relator Luís Roberto Barroso, após analisar a situação histórica, formou seu convencimento e concedeu a liminar suspendendo os despejos, julgando da seguinte forma

Ante o quadro, defiro parcialmente a medida cautelar para: i) com relação a ocupações anteriores à pandemia: suspender pelo prazo de 6 (seis) meses, a contar da presente decisão, medidas administrativas ou judiciais que resultem em despejos, desocupações, remoções forçadas ou reintegrações de posse de natureza coletiva em imóveis que sirvam de moradia ou que representem área produtiva pelo trabalho individual ou familiar de populações vulneráveis, nos casos de ocupações anteriores a 20 de março de 2020, quando do início da vigência do estado de calamidade pública (Decreto Legislativo nº 6/2020); (STF, ADPF 828 MC/DF, Liminar, 2021, p. 7)

Em que pese a concessão do pedido liminar usar como marco a data de 20 de março de 2020, quando do início da vigência do estado de calamidade pública, a decisão afirma que só se aplicava a ocupações anteriores a esta data.

Diante disso, voltando o olhar ao caso, objeto desta dissertação, isto é, para a comunidade urbana Britanite, Ocupação que estava com um processo de reintegração de posse em andamento e consequentemente com risco iminente de despejo e, portanto, sob a égide desta decisão.

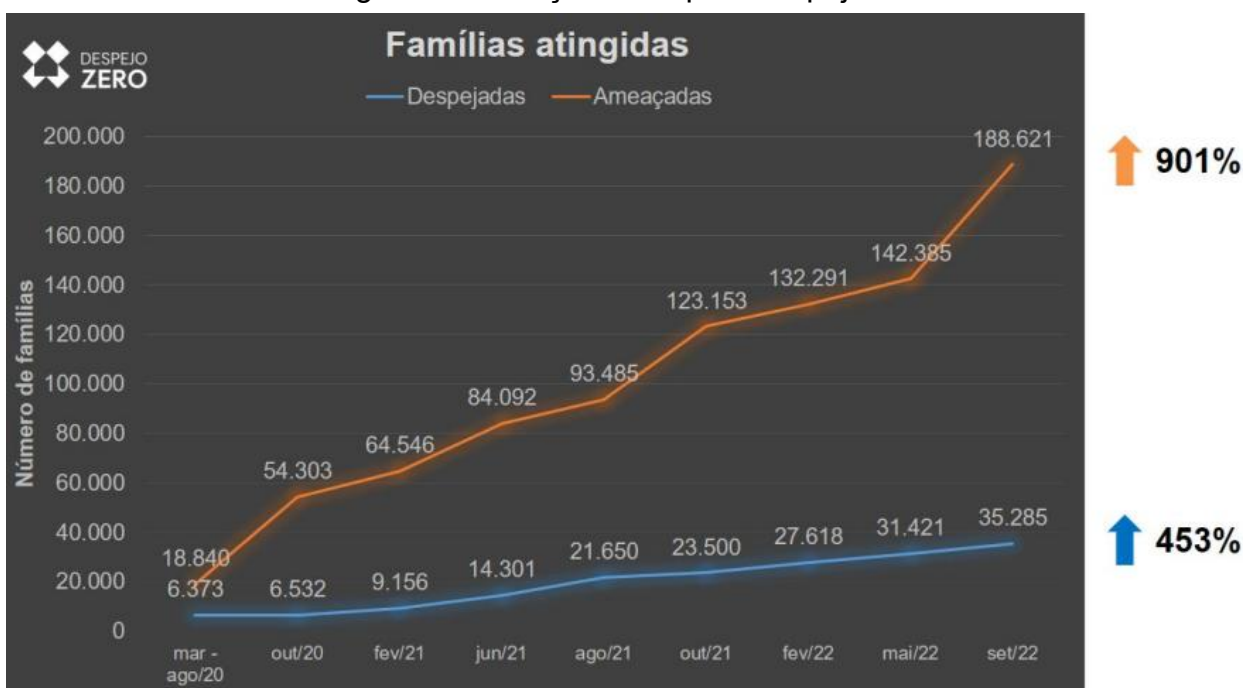
E como se aplica esta decisão à comunidade urbana Britanite? É importante destacar que ainda que a Comunidade Urbana Britanite tenha surgido em dezembro de 2020, isto é, fora da data de alcance da decisão, ela também gozou dos benefícios da referida decisão do Ministro Relator Luís Roberto Barroso, do Supremo Tribunal Federal.

Entretanto, os governadores dos estados, muitos deles não se submetem a determinações judiciais, ainda que seja da mais alta cúpula do judiciário brasileiro. Tais comportamentos são hostis e evidentemente não visam o interesse do bem comum, senão seus próprios interesses eleitorais e eleitoreiros, e como sempre os

prejudicados são os mais pobres, mais necessitados e que se encontram nas periferias, à margem da sociedade.

O gráfico abaixo, sinaliza o quanto o Poder Judiciário Brasileiro, de modo especial, a maior corte, guardiã da Constituição Federal, ou seja, o Supremo Tribunal Federal, não é respeitado por diversos chefes do poder executivo das Unidades Federativas, podendo assim, criar e estabelecer uma insegurança jurídica, haja vista os dados abaixo apontados e a seguir analisados.

Gráfico 4 – Famílias atingidas e ameaçadas de pelo despejo



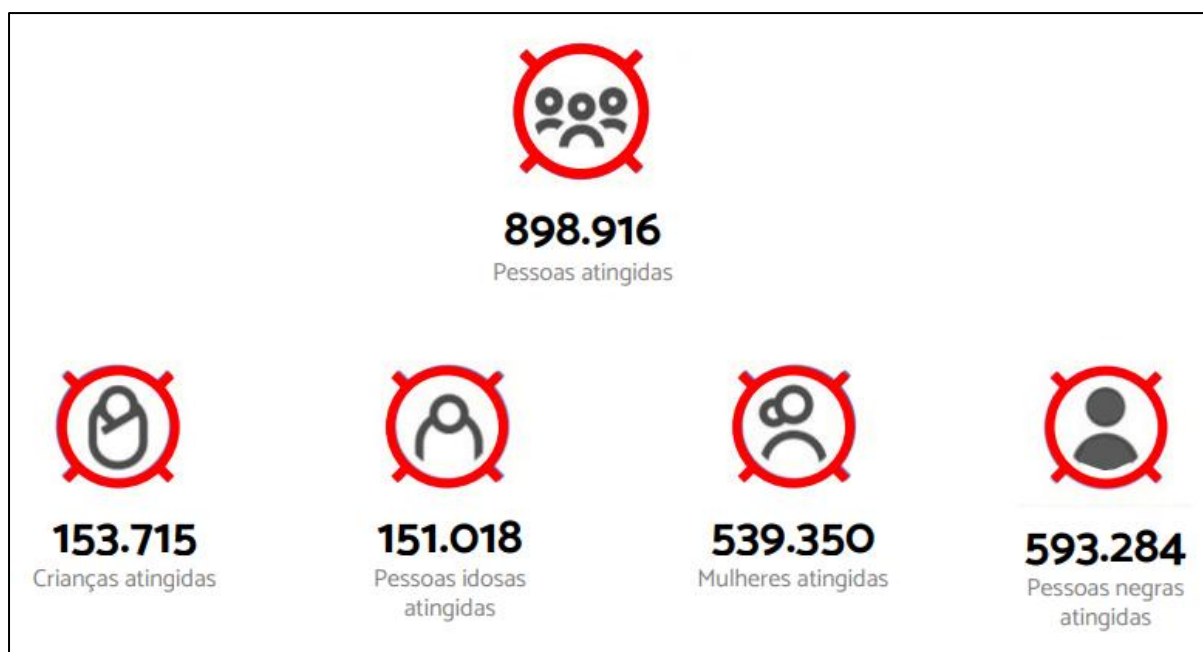
Fonte: Balanço Campanha Despejo Zero, out/2022, p. 7.

A insegurança jurídica a que se refere o parágrafo anterior diz respeito ao fato de que, mesmo havendo uma decisão da mais alta corte do país, isto é, o Supremo Tribunal Federal, datada de 03 de junho de 2021, determinando que não houvesse despejos e reintegração de posse, é possível analisar a denúncia estampada no gráfico 4, com os dados do Balanço da Campanha Despejo Zero, publicado em outubro de 2022, os quais mostram que apesar da decisão, os despejos continuaram com porcentagens elevadas, tanto de despejos, como de famílias ameaçadas de serem despejadas. Ou seja, não há respeito pela decisão do STF, a partir daí, infere-se que se a força policial recebe ordem para atuar *in loco* na realização do

despejo/reintegração de posse, o faz com o aval do Secretário de Segurança Pública, e conseqüentemente do governador do estado onde há esta prática.

Neste diapasão, são substantivos e preocupantes os números apresentados na imagem que se segue das pessoas atingidas com a calamitosa situação de despejo. Para uma honesta leitura da imagem abaixo e do posterior gráfico, é importante ressaltar que o número de atingidos inclui pessoas ameaçadas de despejo, pessoas que já foram despejadas, e pessoas que já passaram por uma ameaça, mas o despejo encontra-se suspenso.

Figura 8 - Categorização de pessoas atingidas ou ameaçadas pelo despejo



Fonte: Balanço Campanha Despejo Zero, out/2022, p. 9.

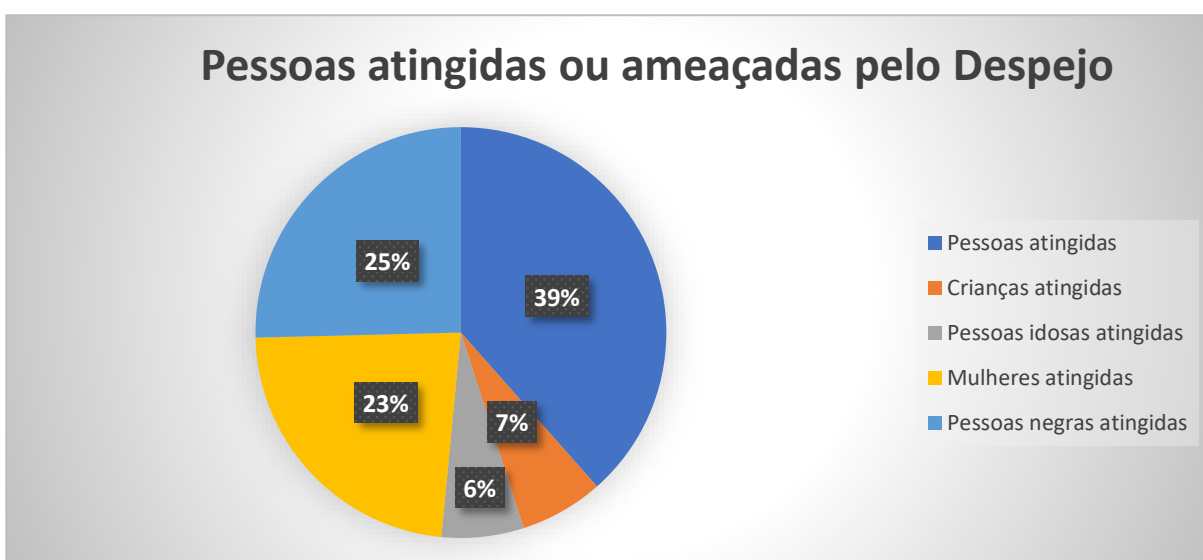
Fato é que as políticas públicas são demasiadas deficitárias e em muitos casos não favorecem os mais vulneráveis, ou seja, os mais necessitados. Neste contexto, é relevante destacar que

A baixa renda limita o acesso dos mais pobres a bens e serviços, algo que deveria ser compensado por políticas públicas sociais equitativas e redistributivas, mas ao invés disso temos um quadro em que a desigualdade impacta profundamente a vida destas pessoas, como podemos ver nos indicadores de desenvolvimento humano. (CARRANO, 2025, p. 194).

Ou seja, a afirmativa apresentada por Carrano evidencia o quanto a desigualdade impacta de forma extremamente negativa a vida das pessoas que

sofrem com a questão da moradia e habitação. A seguir, será apresentado o gráfico em porcentagem que permite uma melhor visualização deste mapeamento e levantamento de dados realizado pela Campanha Despejo Zero, o qual, supre a lacuna indispensável de dados oficiais negligenciados pelo Estado acerca da problemática enfrentada pela população em situação de vulnerabilidade social, no que tange à temática moradia, bem como sobre o grave problema das desrespeitosas e arbitrárias violações de direitos.

Gráfico 5 – Pessoas atingidas ou ameaçadas pelo Despejo em porcentagem



Fonte: dados extraídos do Balanço Campanha Despejo Zero, out/2022, p. 9 e transformados em gráfico pelo autor.

Infelizmente o gráfico traz a realidade na qual pessoas negras atingidas representam 25% do risco de serem despejadas ou ameaçadas de despejo, seguidas de mulheres, que representam um total de 23%. As minorias sempre sofrem e o poder público na maioria das vezes nada faz por elas. Assim sendo, a complexidade de tal realidade consiste em não se ter políticas públicas eficazes que tenham a capacidade de atender a população desprovida de um lugar digno para morar. Principalmente quando se percebe que compromisso assumidos em encontros internacionais, não são colocados em prática, como é o caso do texto que segue referente à 2ª Conferência Mundial Sobre os Assentamentos Humanos - HABITAT II, ocorrido em Istambul, na Turquia e do qual o Brasil é signatário

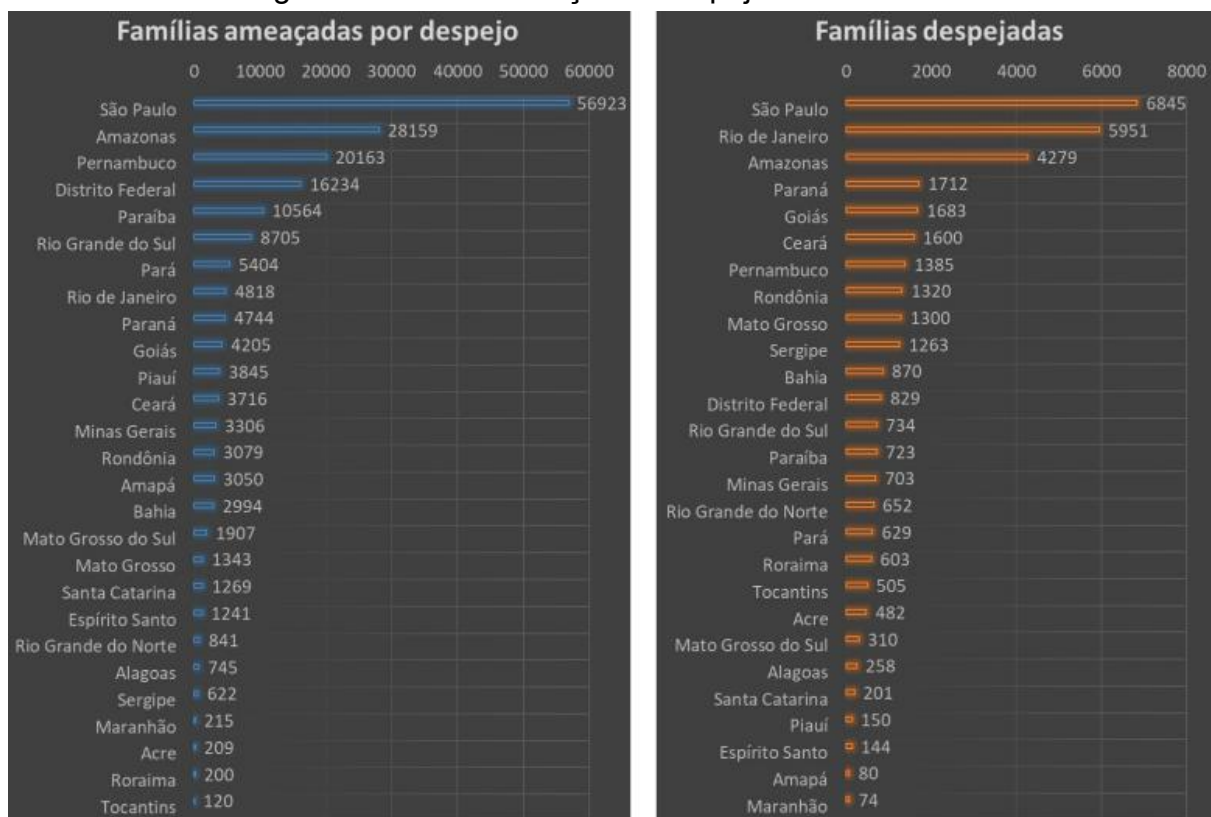
8. Nós reafirmamos nosso compromisso com a total e progressiva realização do direito a moradias adequadas, conforme estabelecido em instrumentos

internacionais. Com essa finalidade, deveremos procurar a participação dos nossos parceiros públicos, privados e não-governamentais, em todos os níveis, para a garantia legal de posse, proteção contra discriminação e igual acesso a moradias adequadas, a custos acessíveis, para todas as pessoas e suas famílias. 9. Nós trabalharemos para expandir a oferta de moradias a custos acessíveis permitindo que os mercados funcionem com eficiência e de maneira social e ambientalmente responsável, estimulando o acesso à terra e ao crédito e assistindo aqueles que não têm condições de serem atendidos pelo mercado imobiliário. (ONU, Habitat II, n 8-9).

Compromissos são firmados, pactos são realizados em benefício dos cidadãos dos países signatários, entretanto, pouco ou nada muda, de fato, na vida das pessoas que deveriam sentir um impacto positivo com relação à temática habitacional.

A seguir, segue a figura gráfica na qual consta o ranking das Unidades Federativas, na ordem decrescente de “ameaças de despejo” e de “despejo”.

Gráfico 6 – Ranking dos Estados Ameaças e Despejos



Fonte: Balanço Campanha Despejo Zero, out/2022, p. 10.

No Ranking de famílias ameaçadas por despejo, o estado do Paraná encontra-se na 9ª posição, com um total de 4.744 famílias, se tiver 4 pessoas por família, este número vai para 18.976 pessoas, ou seja, uma quantidade deveras exacerbada que vivem a insegurança de não saber o que será delas no dia de amanhã, que tiveram sua esperança sequestrada pela indiferença estatal.

No que tange às famílias despejadas, o estado do Paraná, ocupa a 4ª posição, com um total de 1.712 famílias despejadas, e aplicando o mesmo cálculo do parágrafo analítico anterior, chega-se ao resultado de 6.848 pessoas a quem o Estado desabrigou.

A partir dos dados sociológicos apresentados, outro importante fator dificultoso relatado pelos participantes da pesquisa na ocupação urbana Britanite, diz respeito ao medo do despejo, haja vista que tiveram ação em face dos moradores, proposta pelo proprietário do imóvel. Pois em meio ao caos estabelecido no fatídico contexto, não ter onde morar, sem oportunidades de trabalho, no cenário em que a economia não estava bem, o governo tendo de liberar auxílio emergencial para as famílias sobreviverem, o medo do despejo iminente foi uma realidade que atormentou as pessoas entrevistadas, como é possível perceber a partir dos relatos do quadro a seguir.

Quadro 8 – O problema da moradia e o medo do Despejo

Categoria	Trecho dos discursos
Moradia e Medo do Despejo	“Se sair daqui, não tem para onde ir. Se for para abrigo, vai me separar dos meus netos.” (Alzira). “O salário-mínimo está 1300 reais, daí 700 ou 800 de aluguel. Com fralda para criança, mercado, água, luz, a conta não fecha. Tenho 4 crianças. Trabalho 12 por 48 horas.” (Romeu). “...eu fico pensando, eu estou na fila da COHAB há 10 anos, o que vai ser dos meus filhos vão viver onde? Porque eu não vou conseguir comprar uma casa pra mim. Aqui me

Moradia e Medo do Despejo	dá até tristeza de pensar se um dia sair daqui.” (Durvalina). “Hoje nossa comunidade precisa de medidas mais concretas e não de discursos que levem nossa pauta e só fique no embate.” (Inácio). “temos que trabalhar pra comprar uma casa. Mas já é difícil pra quem trabalha registrado e tem fundo de garantia pra dar entrada e conseguir financiar alguma coisa, como nós vamos conseguir, que trabalhamos no trabalho informal que não vamos conseguir pagar prestação alta de financiamento. A matemática não fecha, a conta é injusta. (Benedito).
----------------------------------	---

Fonte: O autor, 2023.

O problema da moradia e do despejo é uma realidade muito presente na vida das pessoas que residiam na ocupação urbana. Segundo relato de moradores, não fosse a ocupação não teriam para onde ir. Aos que recebem apenas um salário-mínimo cuja família tem muitos filhos, que além do aluguel tem outras contas, por vezes não conseguem arcar com todas as despesas.

Tem ainda os moradores que estão na fila da COHAB há anos, e têm plena consciência que com o ganho que possuem, jamais conseguirão comprar uma casa. Antes de passar ao próximo aspecto a ser abordado, vale resgatar a afirmativa de um entrevistado, no que tange à questão da pobreza, moradia e poder público, ao dizer que

“para nós era tão factóide as coisas que a gente via na televisão, na África, e hoje a gente vê a realidade de uma periferia, de uma capital como Curitiba. O poder público existe, mas não para o pobre, é algo elitizado, só se lembram de nós na época da eleição. Estamos de portas abertas para virem conhecer

nossa realidade. Somos a periferia da periferia. A coordenação da Britanite, o intuito dela é ajudar dar voz aos calados, dar rosto aos esquecidos e principalmente, dar dignidade aos menos favorecidos, o mínimo de dignidade às famílias.” (Membro da Coordenação Britanite, pesquisa de campo, 2023.)

Assim sendo, fica evidente o quão a realidade da periferia de uma capital como Curitiba deixa as pessoas perplexas ante a inércia do poder público, adjetivado elitista, que apenas dá atenção a estas pessoas em época de campanha eleitoral. Percebe-se o levante de uma voz profética que quer ser o rosto dos esquecidos, que busca proporcionar dignidade aos menos favorecidos.

Sobre este desejo de ter um lugar para chamar de seu, de almejar um espaço para viver uma nova vida, e enfrentar os desafios próprios da realidade periférica de insegurança habitacional, Zwetsch afirma que

a conquista de um lugar, ainda que jamais seja o ideal esperado, permite a reconstrução da vida familiar, comunitária e pessoal. Um assentamento – diferente do acampamento de beira de estrada, lugar provisório e de luta por terra, por isso mesmo, um lugar de denúncia contra o sistema injusto de propriedade da terra – é a oportunidade de experimentar uma nova realidade. (ZWETSCH, 2010, p. 77)

Palavras que trazem sentido à discussão por moradia, habitação e ocupação urbana. Conquista de um lugar que permite a reconstrução da vida familiar, comunitária e pessoal, ou seja, Zwetsch vai no cerne da questão, porque na realidade a verdade que os entrevistados trazem em suas narrativas é a busca da oportunidade de recomeçar sua vida do zero, junto de sua família, a partir de uma experiência vivencial comunitária, coletiva que vise seu crescimento enquanto pessoa e com dignidade.

Diante dos verbos “conquistar”, “reconstruir” e Zwetsch fala de “experimentar uma nova realidade”, isto é, são termos imbuídos de significados e da proposta esperançosa de um futuro promissor. Na imagem abaixo documenta-se a esperança da comunidade de, na época, estabelecer-se e ao mesmo tempo, representava um pedido de ajuda, um pedido de socorro da comunidade urbana para com a sociedade, que por vezes se faz indiferente à dor do próximo, deixando de observar o que Mt 25 apresenta, como uma carta magna aos destituídos, de não praticar os princípios e valores pregados por Jesus.

Figura 9 – A Britanite quer futuro



Fonte: Todo Despejo é um Crime, CARRANO, 2025, p. 22.

4.2 ASSISTÊNCIA RELIGIOSA NA OCUPAÇÃO

O quadro a seguir, apresenta o que os entrevistados disseram ao serem questionados sobre a assistência religiosa e a atuação da Igreja Católica na ocupação em foco. Vale ressaltar que aqui está o tema central estudado pela presente pesquisa, que visa fazer uma análise teológico-pastoral a partir dos elementos trazidos pelos participantes da pesquisa.

Os discursos e relatos que se seguem, apresentam elementos de frustração, rejeição, acolhimento, misto de pertença à Igreja e ao mesmo tempo sentimento de exclusão dela. Os textos, talvez, não serão capazes de expressar o que, de fato, sentem, ainda que tenham usado de toda a honestidade ao responder o questionário, neste aspecto de assistência religiosa.

Quadro 9 – Assistência religiosa e atuação da Igreja Católica na Ocupação

Categoria	Trecho dos discursos
Assistência religiosa e atuação da Igreja Católica na Ocupação	“É bom ter o padre Parron, traz palavras bonitas, tem estudo

Assistência religiosa e atuação da Igreja Católica na Ocupação	bíblico. Momento de oração. E ajuda com cesta básica. A Igreja está aqui, mas não é por causa da Igreja, é mais o padre Parron que vem falar de Deus.” (Alzira). “Quando os redentoristas ‘chegou’ aqui foi algo que... ninguém dá nada pra gente, né? O Padre ajuda na cozinha comunitária com comida para as 407 famílias, visita as famílias, anda dentro da ocupação, visita os doentes. Não percebi a igreja católica aqui. Pessoas que pedem a unção dos enfermos, e às vezes tem que pedir pra vir padre de fora, porque o padre daqui não vem. Os únicos que ajudam mesmo a gente aqui são os redentoristas e o padre Parron. Além dos redentoristas, tem as irmãs vicentinas que fazem trabalho aqui.” (Noêmia). “Se tem outro padre, não conheço o que ajuda a gente. Ou padre Parron. Ele ajuda bastante, dá todo o suporte pra gente, alimento, fala da bíblia, pregação da palavra. Eu gosto da atuação dos redentoristas, são meus amigos e eu gosto deles.” (Marineide).
---	---

Assistência religiosa e atuação da Igreja Católica na Ocupação	“É maravilhoso, vocês [redentoristas] têm um amor ao próximo que é muito difícil de encontrar. Se hoje em dia essa ocupação está do jeito que está, é por causa de vocês. Vocês não querem saber se a criminalidade está aqui. Vocês chegaram, fizeram e aconteceram. Antes era um lugar pesado, ruim. Parece que quando vocês chegam a paz, a alegria vem junto. Só trouxeram coisas boas.” (Augusta). “Falta muito a igreja aqui, tirando o padre Parron e as pessoas precisam. O padre da região veio uma vez, não lembro o nome dele. Temos a igreja muito próximo de nós, mas como igreja nunca chegaram na gente. Essa parte da igreja católica aqui dentro faz muita falta. Essa vivência eclesial, falta fazer grupos, retiro. Daí vocês saem lá do outro lado da cidade e vêm aqui, e a igreja que está aqui perto, está longe ao mesmo tempo. Eu não sei por que a igreja não vem aqui, eu não tenho essa resposta.” (Josefina). “Eu dou graças a Deus que vocês vêm aqui. Continuem vindo. As
---	---

Assistência religiosa e atuação da Igreja Católica na Ocupação	irmãs, o padre Parron, ajudei a cobrir para vocês fazerem o curso ali. Mas quem é o padre daqui? Porque eu só conheço o padre Parron. Não estou lembrado de ter vindo outro padre. Não posso te dizer se veio, às vezes pode ter vindo e eu não sei.” (Romeu). “A Igreja está presente aqui na pessoa do Pe. Parron. Os padres não vêm aqui, só o padre Parron mesmo. Se não fosse o padre eu não sei o que seria de nós, porque ele ajuda com cesta básica, arroz, feijão, óleo, açúcar, tudo produto caro, e graças a Deus o padre Parron consegue essas coisas pra nós. A cozinha comunitária ajuda muito, porque tem pessoas que não tem fogão, as refeições que têm é da cozinha comunitária, dos alimentos que o padre dá pra gente. A Igreja Católica que é o padre Parron ajuda muito a gente. Tendo estudo bíblico, coisa que nunca ninguém trouxe aqui pra dentro, fora as visitas nas casas, as orações que ajudam bastante.” (Durvalina). “Os redentoristas vêm, mas outras igrejas não quer vir na Britanite. Vocês não têm medo, não se
---	---

Assistência religiosa e atuação da Igreja Católica na Ocupação	importam. É muito preconceito com comunidade. A Igreja que mais deu atenção é a católica, o padre Parron, que ajuda a comunidade, que não tem a obrigação. Depois que eu entrei na comunidade eu passei a admirar a forma como vocês atuam na comunidade, porque antes eu não admirava, real mesmo.” (Odair). “É uma coisa boa, a presença dos redentoristas, do padre Parron, eu gosto de ir e ouvir uma palavra.” (Bartolomeu). “não tem presença da Igreja por parte do padre da paróquia, padre local nunca veio e nunca demonstrou interesse em vir, já recebeu N convites, já pedimos socorro e viraram as costas já pedimos ajuda e não negaram, mas também não deram.” (Inácio). “Vejo que da parte do padre ele ajuda muito a comunidade com alimento, roupa, e não importa se é católico e tal... mas a igreja tá presente com nós, indiferente de quem seja, atende a todos.” (Tadeu).
---	---

Assistência religiosa e atuação da Igreja Católica na Ocupação	“É boa a presença da Igreja. A igreja, principalmente o padre Parron está sendo o pai de todos, porque se não for a ajuda que vem dele, a mão dele tá sendo a estrutura.” (Jurema). “Eu vejo a ajuda do padre Parron como nosso porto seguro, se o padre não estivesse aqui com a gente, seria tudo muito diferente, não teria a cozinha, não teria cesta básica, e não é só alimento, é coberta, é roupa.” (Rute). “Pra mim é um passo fundamental pro povo que tá passando por dificuldade de chuva, fome, além de trazer apoio espiritual, ajuda a gente com alimento, apoio, agasalho é fundamental esse apoio. O padre Parron sabe escutar, sabe dar aquele carinho que a gente precisa, naquele momento.” (Benedito).
---	---

Fonte: O autor, 2023.

O quadro acima apresenta trechos das narrativas dos entrevistados, que vêm imbuídos de elementos que permitem fazer uma honesta análise teológico-pastoral acerca da atuação ordinária da Igreja na Comunidade Urbana Britanite.

A ajuda humanitária realizada na comunidade é uma verdade que se destaca nas narrativas dos moradores, no que tange ao suporte com alimentos, roupas, calçados, cobertores, brinquedos, materiais de higiene pessoal e produtos de limpeza.

A atividade desempenhada pela cozinha comunitária é de extrema importância, haja vista as famílias não possuem fogão ou estrutura para manipular os alimentos em suas casas.

A ausência eclesial é, por demais, sentida pelos entrevistados, como o caso de pessoas que querem receber a unção dos enfermos e não há presbítero para administrar o sacramento. Com a fala “essa vivência eclesial, falta fazer grupos, retiro” é possível perceber que são pessoas de caminhada de fé, que em algum momento estiveram inseridas no contexto da comunidade eclesial, pois usa de expressões próprias de quem tem conhecimento de causa, isto é, de quem experienciou a vida pastoral na Igreja.

Na realidade, com as visitas dos formandos redentoristas à comunidade urbana Britanite, muito mais ganharam os formandos e os religiosos que por ali passaram, em relação aos que ausentes, não quiseram estar ali exercer seu ministério pastoral. A experiência foi enriquecedora em vários aspectos: humano, antropológico, espiritual, missionário, formativo, inclusive na perspectiva da maturidade vocacional, estando com estas pessoas, lutando suas lutas, participando de audiências públicas, reuniões de articulações e assumindo como agenda a pauta da moradia.

A partir do que se apresenta, percebe-se que não há uma atuação ordinária, isto é, atuação eclesial propriamente dita. Existe uma assistência religiosa, porém de forma extraordinária por parte da Congregação Missionária do Santíssimo Redentor, que nas entrevistas são denominados “redentoristas”, um trabalho coordenado pelo Pe. Joaquim Parron, CSsR, ou seja, dá-se a entender que as pessoas desta ocupação, estavam desassistidas pastoralmente falando, haja vista, os relatos e narrativas trazidas pelos moradores, evidenciar esta situação, como afirma um dos membros da coordenação da Comunidade

Talvez a Igreja queira ajudar e não esteja disposta a ajudar. O bom é que a Igreja não é igual pra todo mundo, porque você vê o padre local rezando na casa do diretor da subprefeitura da região do Tatuquara, vai no aniversário do cara. Mas ainda bem que nem todos são iguais, pois o Pe. Parron, por meio do projeto “SOS combate à fome”, veio aqui e ficou, ajuda a todos de todas as formas, com alimento, na estrutura, combate à fome, espiritualidade para as pessoas, um alento, um abraço, é assim que a Igreja católica está junto de nós, quando eu falo o Parron, me refiro aos redentoristas, ele os meninos, fazem o que o Estado não faz, faz o que a coordenação não consegue fazer, uma articulação que nós não conseguimos fazer. Ver um padre andando na comunidade, sujando o pé e não está nem aí, é bom porque a gente vê que alguém olha pra nós, alguém que está com a gente. É o Parron trazer a Igreja pra dentro da comunidade, é você trazer pros pobres que Jesus também tá pra eles, que não está só com o padre que vai na festa de aniversário do

diretor da subprefeitura, numa festa elitizada, que quando Jesus fala pra levar a palavra pra todo mundo, não é só no lugar bom, dentro de uma igreja com uma boa iluminação, num lugar seguro, numa casa boa, na casa de gente rica, mas também aqui, debaixo da lona, com os pobres. (MEMBRO DA COORDENAÇÃO DA OCUPAÇÃO BRITANITE, PESQUISA DE CAMPO, 2023).

Nesta narrativa é possível perceber o que as palavras expressam, indo além da letra do texto, é visível que está presente um sentimento de rejeição, por parte de um presbítero em relação à comunidade, e ao mesmo tempo, um sentimento de acolhimento, de cuidado, de humanidade, de trato e urbanidade por parte de outro presbítero. A carência da presença da Igreja é latente no discurso acima citado, contudo, existe ainda a satisfação de ter um sacerdote pisando o pé no mesmo chão onde moram, visitando as casas, dando uma palavra de conforto, de alento, levando Jesus aos pobres, que também são os destinatários da mensagem do Reino.

Na simplicidade do discurso trazido pelo membro da coordenação da Ocupação Britanite, tem presente elementos de cunho catequético-ecclesial, exemplo disto é quando afirma de forma implícita que a Igreja não se reduz ao templo, mas sim às pessoas, aos batizados, aos cristãos, que o templo é importante, mas que a atenção não pode ficar somente centrada lá, mas que, como afirma o Papa Francisco, deve ser uma “Igreja em saída”, capaz de ir ao encontro da necessidade do próximo, do mais necessitado, vulnerável, das fronteiras existenciais e materiais. A Igreja Povo de Deus, deve ter esta prática, neste sentido, afirma Comblin

O poder de Deus está presente e agindo em todos os setores da vida social. Não se limita a influir no aspecto religioso da pessoa humana. (...) está presente como um fermento: é aquela parte da humanidade que luta pela liberdade (...) é capaz de preparar o advento de outras estruturas sociais e outros modelos históricos. (...) O povo de Deus é a reunião das pessoas de boa vontade que tratam de constituir algumas estruturas de liberdade no meio da sociedade humana. Elas não procuram a sua vantagem pessoal, mas a libertação do próximo e o advento de um povo de criaturas livres. O Espírito não está alheio às forças materiais da história: a sua palavra está presente como um fermento que age e move pessoas concretas para agir. (COMBLIN, 2010, p. 82).

E aqui fica a questão: onde está a Igreja, a presença ordinária da Igreja que deveria ter como prioridade o pastoreio das ovelhas perdidas? Pois, o que se vê, diante da fala acima citada, é uma preocupação exclusiva com as ovelhas que já estão no rebanho, ovelhas que já estão junto ao pastor, ovelhas que estão se alimentando bem. Entretanto, vale o questionamento: como fica a situação daquelas ovelhas que, não necessariamente estão desgarradas, mas que se encontram numa situação

substantiva de vulnerabilidade social, isto é, são ovelhas que necessitam de atenção e de pastoreio, quem vai cuidar delas?

Existem alguns exemplos positivos, como o da atitude profética de Dom Hélder Câmara, na década de 1950, no Rio de Janeiro (que será apresentado mais adiante), e também dos missionários redentoristas, tem-se também exemplos não tão positivos, como é o caso do assentamento, objeto de estudo de Zwetsch (2010), ao dizer que “a paróquia mais próxima ainda não conseguiu estabelecer uma relação permanente e fraterna com o assentamento”, ou seja, é perceptível que há um contrassenso entre a proposta do Evangelho e a prática de alguns párocos, que fazem um pastoreio seletivo, em que os pobres não são sua prioridade pastoral e, tampouco, sua evangélica opção preferencial.

Em seu artigo, Zwetsch (2010), não dissocia a luta por terras da religiosidade, e frise-se, da religiosidade popular católica, e também, a pluralidade religiosa que hoje permeia a sociedade, não sendo mais o catolicismo dominante como era antes, mas que teve sua importância ao longo da história, assim afirma Zwetsch

o que mais chama a atenção, entretanto, na realidade brasileira e latino-americana, é que as lutas por terra de trabalho sempre se caracterizaram por seu conteúdo religioso. Para o povo do campo, não dá para viver e lutar por terra sem uma visão religiosa da vida e da natureza. (...) Mas não se trata de uma religiosidade homogênea. Há evidentemente a marca do catolicismo popular como religião dominante em toda a história brasileira. Mas modernamente, ele reconhece a pluralidade que se encontra no movimento de luta por terra. (ZWETSCH, 2010, p. 85)

Após abordar a questão da assistência religiosa ali prestada, é importante apresentar o gráfico que diz respeito à religião dos entrevistados, em que a grande maioria se declarou católica, e a outra parte que demonstra grande proporção do estudo se declara evangélica, enquanto poucos se declararam ser do candomblé.

Gráfico 7 – Religião dos entrevistados



Fonte: O autor, 2023.

É interessante perceber que na diversidade de credos, existe um fator em comum aos entrevistados que é a religiosidade, seja ela qual for, é algo presente na vida das pessoas, isto é, o elemento transcendental externado com a guia dependurada no pescoço; ou com os longos cabelos presos, tendo a saia como vestimenta; ou ainda, com um terço no bolso, com a cruz para fora, ou um santo de devoção tatuado no braço. Eis as mais variadas formas de se expressar a religiosidade dentro de um espaço plural como uma ocupação urbana.

4.3 SENTIMENTO DE PERTENÇA À OCUPAÇÃO BRITANITE

Muitos dos que ali residem, afirmam ter, em meio a tantos desconfortos e aspectos negativos de várias naturezas, elementos positivos e relevantes importantes e que devem ser levados em consideração acerca do que se extrai de bom, de positivo, de como enxergam a Comunidade Urbana Britanite, a partir de um prisma distinto, que quer fazer uma interpretação mais fidedigna da percepção dos que ali residem.

Quadro 10 – Como os entrevistados enxergam a Comunidade Urbana Britanite

Categoria	Trecho dos discursos
Como os entrevistados enxergam a Comunidade Urbana Britanite	“A ocupação é um refúgio.” (Alzira). “Essa ocupação significa ter um lar, uma dignidade. E se eu não tivesse aqui, estaria nas ruas com meus filhos.” (Noêmia). “Já morei em muitas favelas e aqui a melhor de todas. Aqui eles me tratam bem, me sinto feliz, sou respeitada, me ajudam bastante, nós temos todo o apoio. Gosto muito de morar aqui.” (Marineide). “Ocupação Britanite é minha família, minha casa, meu cantinho do sossego, meu Paraíso.” (Augusta). “A Ocupação significa um recomeço. Porque não tenho condição de fazer um financiamento com todo o dinheiro que precisa para começar. Eu nunca me imaginei numa ocupação. Me sinto feliz aqui. Ocupação pra mim é perspectiva de futuro, com os riscos, aqui todo mundo pensa em progredir.” (Josefina).

Como os entrevistados enxergam a Comunidade Urbana Britanite	“Hoje a ocupação é uma Vila, um lugar de gente do bem, trabalhadora, é pra gente que não tem condições de pagar aluguel. Aqui tem muito trabalhador, muita gente boa. Tem um sentimento de gratidão.” (Romeu). “Minha casa e meu lar” (Durvalina). “A Britanite é um lugar que me ensinou um ponto de vista melhor do que é família, me ensinou a ser alguém. Uma harmonia espiritual, o que é o amor.” (Odair). “Aqui dentro, a união de um ajudar o outro. Aqui é muito organizado. A Britanite: significa esperança para o futuro”(Plínio). “Eu gosto daqui. As pessoas daqui são bem diferentes do lugar que eu morava. O pessoal daqui se ajuda mais. Tem uma ‘vibe’ muito boa, um pessoal feliz.” (Bartolomeu). “A Britanite é minha casa, minha vida, uma dor de cabeça, mas é minha família, os moradores não têm laço consanguíneo, mas é um apoio, uma conversa. É muito rica
---	--

Como os entrevistados enxergam a Comunidade Urbana Britanite	de acontecimentos, um aprendizado para todo mundo que está aqui” (Inácio). “Fui muito bem recebido dentro da comunidade, Essa ocupação é uma família, somos muito unidos, todos se movem em prol do próximo” (Tadeu). “Britanite: Significa minha liberdade” (Jurema). “A Britanite é meu lar, minha casa, família, as pessoas ao meu redor é como se fosse minha família, encontrei pessoas que tenho como uma mãe.” (Rute). “A Britanite é minha comunidade, minha casa, meu lar, meu futuro.” (Benedito).
---	--

Fonte: O autor, 2023.

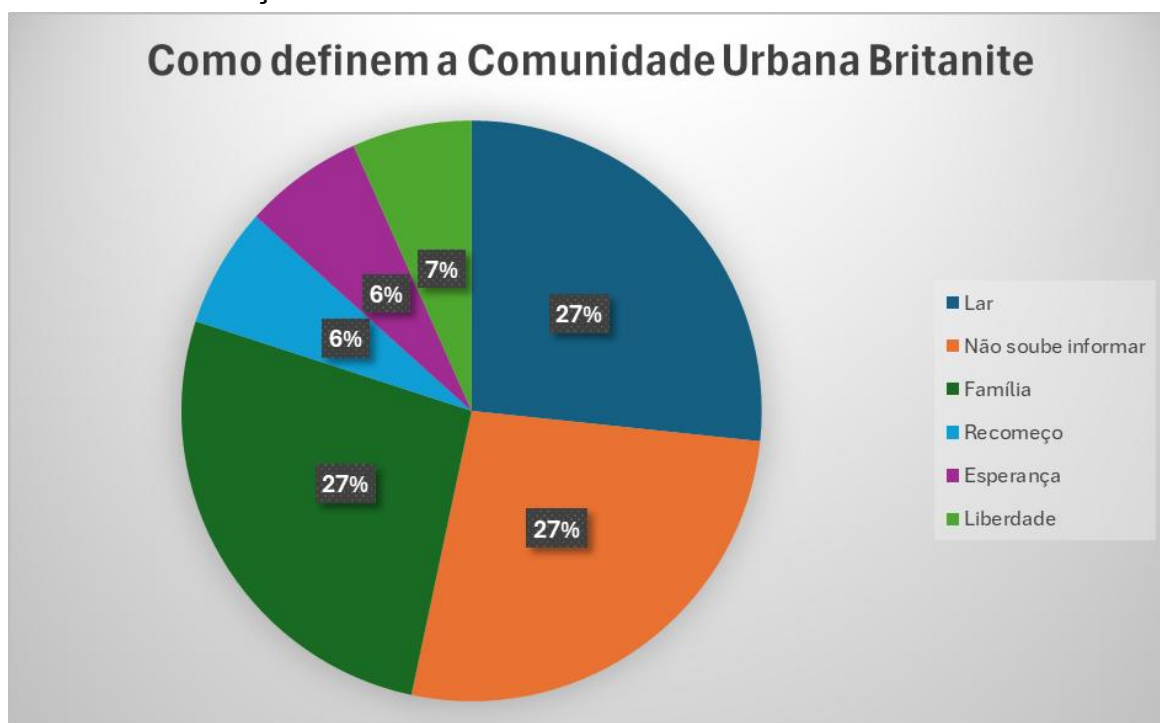
Em que pese a Comunidade Urbana Britanite enfrentar situação de extrema vulnerabilidade social, as pessoas entrevistadas expressaram sua definição ao longo do estudo sobre o que sentem a respeito daquele espaço, que pode ser considerado sagrado, sinônimo de abrigo e esperança de um dia se tornar moradia.

Para muitos ali, a ocupação era um refúgio, ou seja, significava ter um lar e, ainda que numa terra alheia em condições precárias e de miserabilidade, há quem considere estar morando naquele espaço, como um ato de dignidade, do contrário estaria nas ruas com os filhos.

A partir do que as pessoas trazem em suas narrativas, se percebe o bem querer, a cordialidade, o tratar-se bem mútuo que os fazem se sentir felizes e respeitados, e com o sentimento de pertença a uma grande família. Por vezes, família esta que nunca se imaginou viver em uma ocupação, onde muitos enxergam ali um recomeço, com perspectiva de futuro, cientes das incertezas e riscos que implicam residir em uma área de ocupação urbana.

Ao serem, os entrevistados, indagados de como poderiam definir a comunidade urbana em questão, isto é, a ocupação em que moravam naquele momento, as respostas foram expressas de maneira muito forte e cada uma dela vinha carregada de muita emoção, de muito sentimento, de expectativas, de crenças, enfim, a honestidade de responder algo que é simples e, ao mesmo, paradoxalmente, complexo.

Gráfico 8 – Definição da Comunidade Urbana Britanite



Fonte: O autor, 2023.

Num primeiro momento em igual número de 27% há uma tripartição entre os que definem a Comunidade Urbana Britanite como um lar, os que a tem como uma família e os que não souberam informar. Ao passo que 6% enxergam na Comunidade a possibilidade de um recomeço, sinônimo de esperança, que também corresponde a

6% das respostas dos entrevistados e, por fim, um senso de liberdade, do qual os que ali moram estão imbuídos.

4.4 PISTAS DE AÇÃO DA ARQUIDIOCESE DE CURITIBA

A comunidade urbana Britanite, expressou durante o período de tempo que existiu, as mais diversas realidades das periferias do município de Curitiba e entorno, e, ainda que a comunidade tenha sido desmobilizada é pertinente que sejam apontadas propostas para o enfrentamento e solução diante da ausência da Igreja nas ocupações urbanas.

Neste sentido, as Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja de Curitiba apontou algumas pistas de ação, que se executadas com eficácia, pode a longo prazo surtir algum efeito benéfico, do contrário, a situação permanece como está, pois sem a intervenção e sem a atuação da Igreja de forma profética, anunciando o Evangelho e denunciando as injustiças, as famílias continuarão desassistidas pela mesma Igreja que, no discurso, quer ser serva e servidora dos pobres, mas que na prática, a realidade deixa a desejar.

Quadro 11 - Pistas de ação

Nº	Pistas de Ação
1	Buscar maior fortalecimento da coordenação da Pastoral Social Paroquial, buscando sempre pessoas qualificadas e integrando-as com a reflexão da Doutrina Social da Igreja.
2	Incentivar as demais pastorais e todos os fiéis a se incorporarem nas obras sociais de uma forma mais efetiva.
3	Promover eventos que estimulem os paroquianos na missão do social.
4	Incentivar as diversas formas de ir ao encontro do outro: vivência efetiva da missionariedade, valorizando a pastoral da acolhida e da visita, indo ao encontro das pessoas afastadas e de novos moradores do local.
5	Aproximar, ampliar e aprofundar o diálogo com os poderes públicos, em especial os que se propõe a efetivar Políticas Públicas de superação das exclusões (acompanhar debates de superação de situações de pobreza e fragilidade do povo).

6	Garantir e incentivar a presença de fiéis nos diversos conselhos comunitários, bem como espaços públicos de serviço à população.
7	Fortalecimento das Pastorais Sociais para que estejamos de fato em saída rumo às periferias mais dolorosas de nossa sociedade: asilos, orfanatos, apoio aos necessitados, pastoral carcerária, pessoas em situação de rua, situações de prostituição, migrantes, na política, situações de exclusão e outras.

Fonte: Diretrizes Pastorais da Ação Evangelizadora Arquidiocese de Curitiba (2024)

Os verbos utilizados no plano de ação das diretrizes pastorais da ação evangelizadora da arquidiocese de Curitiba, são verbos imbuídos de propósitos, carregados do anseio de proporcionar amadurecimento e crescimento na pastoral social em âmbito arquidiocesano. Existe o aspecto teórico, em que se fala muito de incentivos e articulações, aproximações e diálogos, contudo, o plano de ação deve apresentar propostas assertivas e eficazes para sua execução deve haver disponibilidade e compromisso por parte dos agentes de pastoral.

Há, também, o aspecto prático, cujas pautas apresentadas contemplam desde os mais abandonados, perpassando por pessoas em situação de rua, refugiados, participação em eventos, participação política (não partidária), no intuito de somar forças para lutar pelos que mais necessitam.

Outra pista de ação, que não está contemplada no quadro da arquidiocese de Curitiba, mas que já fora mencionado anteriormente é a criação de uma comunidade eclesial de base desparoquializada, com a participação e liderança de leigos e leigas. Desta forma, a Igreja estaria presente junto aos mais pobres e abandonados, isto é, ainda que com a ausência clerical, se teria a presença eclesial.

No primeiro capítulo se abordou a questão da pobreza ao tratar do contexto histórico da ocupação em Curitiba, temática que esteve presente ao se tratar dos horizontes da descrição estrutural das vivências e, ainda, quando se falou da essência da comunidade urbana Britanite capítulo anterior. O tema trabalhado a seguir vai apresentar o aspecto da pobreza, numa visão mais macro, para que o leitor seja capaz de dimensionar e conectar a pobreza da comunidade urbana Britanite com o que se tem de dados com relação à América Latina e ao mundo.

5 POBREZA EM ÂMBITO GLOBAL E LATINO-AMERICANO

Após abordar a pesquisa de campo, objeto do presente estudo, no capítulo anterior, faz-se necessária uma breve análise da conjuntura social global e da América Latina, uma vez que, Brasil, estado e município de Curitiba já estão contemplados no decorrer da análise da pesquisa. Desta forma, se enriquece a discussão a partir do fundamento eclesiológico e sociológico embasado em dados científicos.

Fazer a análise sociológica da pobreza, tanto em âmbito global, quanto no Latino-americano é importante em função da conexão que se estabelece entre o discurso e a prática de uma Igreja que está em Roma, mas ao mesmo tempo pisa o chão de terra, solo sagrado onde vivem os mais abandonados.

A ocupação urbana Britanite é solo de experiências vivenciais de pessoas desprovidas de recursos, desprovidas de patrimônio material, abandonadas, não vistas pela sociedade, mas que lutam exaustivamente para sobreviverem em meio à invisibilidade econômica, mercadológica, social. A pobreza extrema lhes destinou estar onde muitos jamais se imaginaram um dia chegar: morar numa ocupação urbana.

Dito isto, se os capítulos anteriores abordaram esta realidade, este breve capítulo é necessário para que se tenha um panorama conceitual acerca da pobreza, para posteriormente, no capítulo seguinte, trabalhar a pobreza da perceptiva eclesiológica que, na presente pesquisa se fez um recorte e tem seu ponto de partida o marco o Concílio Vaticano II e a evangélica opção preferencial pelos pobres.

5.1 POBREZA NO MUNDO ATUAL

Existem discussões sociológicas sobre quem deveria ser considerado pobre no mundo de hoje. Mas a realidade bruta da pobreza e dos pobres permite pouca discussão. É importante destacar que “pobre” é inicial e radicalmente um conceito socioeconômico. Para Floristan e Tamayo, pobres

são aqueles que carecem de bens materiais, seja no que se refere às necessidades biológicas e culturais fundamentais, seja no que se refere ao mínimo aceitável numa determinada sociedade, seja no que se refere a outras pessoas ou grupos sociais, que são considerados ricos. (FLORISTAN e TAMAYO, 1983. p. 788).

Pobreza também é um conceito político. E isso sem recorrer necessariamente ao conceito de classe social e sem falar da classe operária ou da classe trabalhadora. Os pobres são uma força política e é necessário que cobrem força social e política à qual, por seu número e por suas condições objetivas, possuem potencial para assumirem o protagonismo de sua própria história e chegarem aonde, de fato, almejam estar: na universidade, cargos públicos, cargos eletivos etc.

A realidade da pobreza tem relação direta com as configurações e estruturas sociais, além de ser uma realidade histórica, ou seja, produto das atividades humanas ao longo do tempo, tais como baixa escolaridade, dificuldade de acesso ao mercado de trabalho, precariedade na saúde e na moradia são alguns aspectos que favorecem para que se tenha um precário desenvolvimento das forças produtivas.

Não se pode deixar de destacar que a pobreza tem sido objeto de preocupação do alto comissariado das Nações Unidas, prova disto é a afirmação feita na Declaração de Quito sobre cidades e assentamentos urbanos para todos. Não se pode deixar de destacar que a pobreza tem sido objeto de preocupação do alto comissariado das Nações Unidas, prova disto é a afirmação feita na Declaração de Quito sobre cidades e assentamentos urbanos para todos

Compartilhamos uma visão de cidades para todos e todas, aludindo ao uso e ao gozo igualitários de cidades e assentamentos humanos, com vistas a promover a inclusão e a assegurar que todos os habitantes, das gerações presentes e futuras, sem discriminação de qualquer ordem, possam habitar e produzir cidades e assentamentos humanos justos, seguros, saudáveis, acessíveis física e economicamente, resilientes e sustentáveis para fomentar a prosperidade e a qualidade de vida para todos e todas. Registramos os esforços empenhados por alguns governos nacionais e locais no sentido de integrar esta visão, conhecida como “direito à cidade”, em suas legislações, declarações políticas e estatutos. (ONU, 2016, p. 17)

É desejo dos governantes reunidos em Quito que o ideal de assentamentos humanos seja desprovido de qualquer natureza discriminatória, almejando justiça e segurança, dentre outros fatores e direitos fundamentais e indispensáveis para a sobrevivência do homem. Entretanto, entre o ideal e o real há uma disparidade expressiva e significativa, uma vez que, não são todas as instâncias governamentais que convergem para cuidar do pobre, do vulnerável ou daquele que não tem onde morar. A Organização das Nações Unidas, preocupada com a pessoa humana e com o direito à moradia, afirma ainda na referida Declaração

Vislumbramos cidades e assentamentos humanos que: cumpram sua função social, inclusive a função social e ecológica da terra, com vistas a alcançar, progressivamente, a plena concretização do direito à moradia adequada como um componente do direito a um padrão de vida adequado, sem discriminação, com acesso universal a sistemas de abastecimento de água potável e saneamento seguros e acessíveis, assim como acesso igualitário para todos a bens e serviços públicos de qualidade em áreas como segurança alimentar e nutrição, saúde, educação, infraestrutura, mobilidade e transporte, energia, qualidade do ar e subsistência. (ONU, 2016, p. 17)

O ato de vislumbrar cidades e assentamentos humanos que cumpram sua função social e todos os ideais que se seguem na citação acima, compõem uma temática extremamente complexa.

Em resumo, o direito à moradia não é respeitado em razão da negligência estatal, uma [i]responsabilidade tripartida entre União, Estados e Municípios, abrangendo, inclusive, os poderes executivos, legislativos e judiciários.

5.1.1 Realidade da Pobreza na América Latina

O povo latino-americano sofre com a realidade de pobreza e de extrema pobreza que enfrentam, e que muitos pensam não existir ou querem/preferem acreditar na pseudo informação de que não existe pobreza no sul do mundo. Entretanto, não é o que diz o resumo executivo do Panorama Social da América Latina e do Caribe, da Comissão Especial para a América Latina, das Nações Unidas quando afirma que

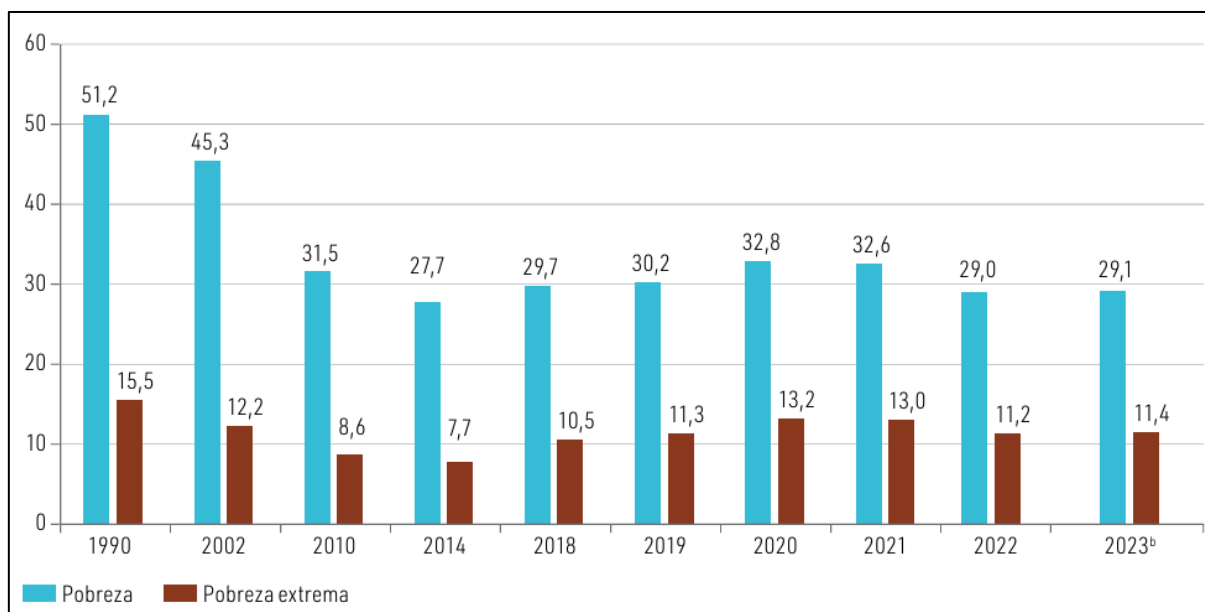
As desigualdades econômicas expressas pelas disparidades de renda são magnificadas pela concentração da riqueza. Juntamente com a desigualdade de renda, a extrema concentração do patrimônio constitui uma das expressões mais evidentes da desigualdade e é muito influenciada pela estrutura econômica e social. As posições privilegiadas na estrutura social geralmente são transmitidas de geração em geração. (ONU, 2023, p. 9)

Ou seja, a concentração do muito na mão de poucos, consequentemente resulta no pouco – ou quase nada – para muitos. Em que pese parecer um mero trocadilho ou simples clichê é desta forma que se pode interpretar a citação acima e é o que se pode dizer da realidade enfrentada hoje pela América Latina.

A conjuntura socioeconômica latino-americana não é das melhores, o cenário é de países em desenvolvimento, contudo a pobreza e a extrema pobreza ainda são situações recorrentes tanto nas metrópoles, como nas regiões interioranas dos Estados que compõem o continente em questão.

Vale ressaltar que, o capítulo que segue tem por objetivo apresentar o panorama sociológico, e não se pode desvincular a conjuntura social do Pacto das Catacumbas, isto é, a questão de ser uma Igreja servidora e pobre. Para os bispos da América Latina, este jeito de ser Igreja dialogava com a realidade do sul do mundo, haja vista a extrema pobreza, alta taxa de mortalidade infantil em decorrência da precariedade sanitária, países em subdesenvolvimento, enfim, para a aquele momento histórico, o Pacto das Catacumbas e a opção preferencial pelos pobres fazia muito sentido e era muito pertinente que fossem discutidos e concretizados nas Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano.

Gráfico 9 – Média ponderada de 18 países da América Latina: taxas de pobreza e pobreza extrema em 1990-2022 e projeções para 2023 (Em porcentagens)



Fonte: Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), com base no Banco de Dados de Pesquisas Domiciliares (BADEHOG). Média ponderada dos seguintes países: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, El Salvador, Equador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela. b Projeções.

A partir da análise do gráfico, percebe-se que o ano de 2014 foi o ano com a menor porcentagem de incidência de pobreza com 27,7% e extrema pobreza com 7,7%. Desde então os números vão se elevando, a pobreza e a extrema pobreza aumentando até que se chega em 2021, quando o globo é acometido com a pandemia da covid-19 e a incidência é de 32,6% de pobreza e 13,0% de extrema pobreza.

Já no ano em que a pesquisa de campo foi realizada e os dados foram coletados, isto é, 2022, ainda sob o efeito da pandemia, houve uma redução de 3,6% da pobreza e de 1,8% da extrema pobreza, na média dos 18 países latino-americanos acima elencados.

Em meio a este contexto em que se apresenta o panorama da pobreza na atualidade, uma vez que, os ocupantes da área urbana, objeto da presente pesquisa são pessoas em situação de vulnerabilidade social e, portanto, desprovidas de recursos, de patrimônio ou bens que lhes permitem ter casa própria ou morar de alugue. Ou seja, a pobreza é uma verdade na vida destas pessoas, uma realidade que necessita ser enfrentada diariamente.

Assim sendo, o próximo capítulo visa apresentar como a Igreja aborda a complexa temática que engloba o pobre, a pobreza, o evangelho e a Igreja desde a perspectiva Teologal, do Concílio Vaticano II, perpassando pela doutrina e magistérios pontifícios até se chegar no pontificado de Francisco.

6 O POBRE NA PERSPECTIVA TEOLÓGICA E DOUTRINAL

“A dimensão teológica revela-se necessária
para interpretar e resolver os problemas
atuais da convivência humana”
(*Centesimus annus*, 55)

Falar do pobre na perspectiva teológica implica afirmar que Deus Pai tem muitos filhos pobres, entre eles, seu Filho unigênito, seu bem-amado, quando se encarnou na história. Este evento cristológico não pode ser ignorado, uma vez que, ao revelar-se e comunicar-se, o fez preferencialmente aos pobres e fazendo-se Ele mesmo pobre.

No Evangelho de Lucas, Jesus vai tratar das bem-aventuranças e vale destacar que para cada bem-aventurança há um destinatário e uma recompensa. Por exemplo, “Felizes vós, pobres, porque vosso é o Reino de Deus” (Lc 6, 20b), ou seja, fica muito claro e evidente que o destinatário da mensagem, da boa nova anunciada por Jesus, é o pobre e, conseqüentemente vem a recompensa, “porque vosso é o Reino de Deus”.

É inegável que entre Deus e o pobre há uma relação profunda, estreita e de bem querer, em que Deus quer ser favorável, com bênção, com a proposta de um estilo de vida que vai culminar na concretização do Reino de Deus, anunciado por Jesus, no qual a lógica de seu anúncio, era totalmente contrária ao que se tinha como imposição pela sociedade da época. E que não difere muito dos dias hodiernos.

Pertence essencialmente à vida e à missão de Jesus sua referência e pertença ao mundo dos pobres. E quando se diz essencialmente, se está querendo dizer que, caso não se dê essa referência, ou se dê de forma indevida, fica desvirtuado o mesmo Jesus como Salvador dos homens. Basta indicar alguns textos do Novo Testamento. Nos quais a pessoa e a missão de Jesus ficam essencialmente ligadas à causa e ao destino dos pobres.

A relação de Jesus com os pobres é tão estreita, que ao nascer se fez pobre, e como narra o texto de Lucas 2,7 “(...) envolveu-o com faixas e reclinou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na sala.” Ou seja, Jesus já nasce sem ter lugar para Ele, como se nascer já fosse, como de fato o foi, um sinal de resistência, tanto que o presépio, manjedoura de animais, estava colocado certamente numa parede do pobre alojamento, tão superlotado, que não se pôde encontrar lugar melhor

que este para deitar a criança. O nascimento de Jesus, até então um anônimo, é um acontecimento que a sociedade da época, tratou com exclusão, marginalização, desprezo e perseguição e que, tal qual os dias hodiernos, tratam igual ou pior os filhos das Marias e dos Josés, que residem nas ocupações urbanas, sem ter seus direitos respeitados. É oportuno citar aqui a solene declaração que Jesus de Nazaré fez, ao proclamar o texto do Profeta Isaías, na sinagoga

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor. (Lc 4, 18-19).

O texto fala da unção do Espírito Santo, cuja ordem é anunciar a Boa Notícia aos pobres, além de trazer presente a questão da unção do anúncio, isto é, Jesus foi enviado para anunciar. Trata-se de um texto cristológico, uma vez que a unção o constitui como profeta definitivo, como enviado definitivo de Deus, estando diretamente relacionada com a evangelização dos pobres. E vale destacar que o ser de Jesus se entende desde a sua missão. E esta missão se situa fundamentalmente na relação com os pobres. Para onde quer que se olhe, o anúncio da Boa Nova aos pobres é essencial, já que é esta a missão de Jesus.

Assim, havia dito Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi* quando disse “O testemunho que o senhor dá de si mesmo e que são Lucas narra em seu evangelho, tem, sem dúvida, um grande alcance, já que define em uma frase toda a missão de Jesus: “porque para isto Eu fui enviado”.

Estas palavras alcançam todo o seu significado. Quando são consideradas como a luz dos versículos anteriores, em que Cristo se aplica a si mesmo, as palavras do profeta Isaías. “O espírito do senhor está sobre mim, porque me ungiu para evangelizar os pobres”. Jesus sabe que o anúncio de Isaías se cumpriu Nele, para comprová-lo, o próprio Jesus retoma os sinais que provam a unção do Espírito Santo e a verdade de sua missão. Anunciar a Boa Nova aos pobres, sinal principal que é confirmado por outros sinais de libertar os cativos, dar vista aos cegos e pôr em liberdade os oprimidos.

Isto quer dizer que a missão evangelizadora de Jesus e a sua missão messiânica, dependem do que ocorra com os com os pobres. Daí o profundo significado cristológico dos pobres. O problema dos pobres se converte nada menos que no problema de Jesus.

A dimensão cristológica dos pobres está no fato de que Jesus põe a razão última da salvação ou da condenação eterna e definitiva em quem com ele se fez ou se deixa de fazer, ou que se fez, ou que se deixou de fazer com seus irmãos mais humildes.

O importante é determinar se Jesus se pôs a serviço da causa dos pobres e se este serviço motivou seu fim na Cruz, despojando até a sua própria vida. Neste sentido mais profundo e de maior alcance pastoral, não se pode desconhecer que Jesus foi pobre. E que pôs sua vida a serviço dos pobres. Porque ele veio para evangelizar os pobres, com todas as consequências que isto lhe podia acarretar.

Parece claro e indiscutível que são os pobres os chamados preferencialmente a ser evangelizados, a ser os primeiros no reino, a ser tirados de sua condição de oprimidos. Neste sentido, eles são os salvos, os eleitos, os escolhidos. Muito se diz que os Pobres são evangelizados, mas pouco se diz que eles evangelizam, com seu testemunho, seu modo de viver a vida, de encarar os desafios que lhe são impostos, de lutar diariamente para sobreviver na esperança de um amanhã menos sofrido.

São também os pobres que carregam o pecado do mundo e levam sobre si a cruz do mundo. Acerca do pobre, é possível afirmar que se trata de um povo crucificado, de um servo de Deus coletivo e histórico que carrega em si a maior parte das dores do mundo. Assim sendo, os pobres apenas têm figura humana, e neste contexto a Igreja se esforça para ser sinal do Reino de Deus e chama a implantar o direito e a justiça e assim, a salvação entre os homens.

6.1 ECLESIOLOGIA DO CONCÍLIO VATICANO II: IGREJA SERVA DOS POBRES

O Concílio Ecumênico Vaticano II foi, sem dúvida, o maior evento eclesial do século XX e a maior obra reformadora levada à cabo pela Igreja. Não somente em razão do número de padres conciliares ou outros aspectos de substantiva magnitude, senão sobretudo a amplitude dos temas abordados, tais como: Revelação; Igreja (natureza, constituição, membros, atividade pastoral e missionária); liturgia e os sacramentos; demais comunidades cristãs e outras religiões; laicato; vida consagrada; relações entre fé e cultura, bem como os meios de comunicação social.

Este grande acontecimento eclesiológico, está inserido num contexto de profundas mudanças sociais, políticas, econômicas, culturais e religiosas. O referido Concílio, por meio de suas constituições, exortações e estatutos, provocou as maiores

reviravoltas já conhecidas da história da Igreja. Portanto a eclesiologia do Vaticano II, pode-se dizer, que é em última análise a herdeira de todo o processo histórico de consciência da Igreja e, portanto, uma reflexão eclesiológica voltada para a compreensão da transformação do papel da Igreja no mundo moderno.

O Concílio Vaticano II foi um acontecimento único, ou seja, alcançou a Igreja em todos os seus níveis e aspectos. À universalidade de tais temas responde à universalidade da representação episcopal.

Pela primeira vez, “especialistas” de importantes nações trabalharam na elaboração de textos conciliares, fazendo ouvir as suas vozes, repletas de longas e ricas tradições teológico-culturais. Pela primeira vez, um Concílio enfrentou problemas absolutamente sem precedentes, como a pobreza de grande parte da humanidade, a opressão da liberdade e dos direitos essenciais do homem, a busca eficaz pela unidade dos cristãos.

Os dezesseis documentos conciliares ressaltam e são frutos do imenso trabalho realizado neste período efervescente da Igreja, inaugurado em 11 de outubro de 1962 por Sua Santidade, Papa João XXIII e concluído em 8 de dezembro de 1965, sob o pontificado de Paulo VI.

O Vaticano II sinaliza uma mudança muito mais profunda, refere-se a um acontecimento global e simultâneo e um marco não só na história da Igreja, senão também, na história contemporânea. O Concílio provoca um olhar de prospecção, isto é, pode ser considerado como ponto de partida, rumo à terra prometida, como lugar de conquistas e realizações inéditas.

6.2 IGREJA POVO DE DEUS: SINAL DO REINO

Certamente na *Lumen Gentium* o povo de Deus é o povo que crê em Cristo, que permanece unido na doutrina, no sacramento e na hierarquia. Contudo, este povo de Deus, entendido nesse sentido mais restrito, tem “o objetivo de expandir cada vez mais o reino de Deus na terra” (LG 9).

Se observar com atenção também às características deste povo cuja condição é “a dignidade e a liberdade dos filhos de Deus” e “que têm por lei o novo mandato de amar como o próprio Cristo nos amou” os “outros” é possível perceber que este povo de Deus pertence fundamentalmente àqueles que fazem da liberdade, da dignidade,

do amor, da unidade e da esperança os princípios orientadores da sua vida como indivíduos e como povos.

Por isso é característico da Igreja que com o seu trabalho consiga que todo o bem que é semeado nos corações e nas mentes dos homens e nos ritos e nas culturas destes povos, não só não desapareça, mas seja purificado. Portanto, embora na *Lumen Gentium* o povo de Deus seja visto na perspectiva da Igreja, ela tem uma série de conotações que vão além da esfera eclesial.

Para Almeida (2012) a Igreja pode ser apresentada por diferentes imagens na busca de determinar conceitos e noções. O conceito e imagem da Igreja como Povo de Deus é fundamental, um aspecto quase que essencial, na eclesiologia do Vaticano II. Tal noção, vem do Antigo Testamento, isto é, a escolha de um povo que seja sinal para todos os povos, um povo aberto a outros povos, do qual Deus é o criador e se faz Pai. Essa mesma noção é defendida por Codina (2013, p. 466), que expressa claramente que “indubitavelmente só a luz da fé, da Palavra do Antigo e Novo Testamento pode-se chegar a esta visão do Povo de Deus”. A noção de Povo de Deus é vista também como um conceito bíblico que ao longo da história foi sendo desacreditado, mas que foi retomado pelo Concílio Vaticano II, trazendo uma visão de Igreja diferente.

O Concílio retoma e evidencia o verdadeiro sentido de ser Igreja. Almeida ainda aponta algumas ressalvas relacionando as interpretações do termo povo, assegurando que este não deve ser tomando como simplesmente massa, e que os cristãos, em especial, também devem ter a consciência de que unidos, como Povo de Deus, se comprometem a viver um projeto histórico de justiça e participação de todos, uma vez que este Povo constitui uma Igreja que caminha rumo ao Reino de Deus. E enquanto na terra, é um povo sujeito a transformações da história, assim como está submetido a crises e buscas, e isso é ser Igreja. Uma Igreja que traz consigo as marcas da historicidade.

É possível afirmar que se trata de um povo messiânico, já que a Constituição *Lumen Gentium* n. 9, preconiza sobre a Igreja como Povo de Deus, como sendo um povo que espera a consumação, é no mundo sinal do Reino, um germe de unidade, esperança e salvação.

A Igreja Povo de Deus, mesmo tendo opção preferencial pelos pobres e marginalizados, abre espaço a todos, chamando-os a viver e ser instrumento de redenção e unidade. Ela é chamada pelo Concílio Vaticano II como luz do mundo e

sal da terra. Para sintetizar este tópico vale ressaltar o que afirma o Compêndio da Doutrina Social da Igreja (n. 449):

A luta contra a pobreza encontra forte motivação na opção, ou amor preferencial, da Igreja pelos pobres. (...) aos pobres se deve olhar não como um problema, mas como possíveis sujeitos e protagonistas dum futuro novo e mais humano para todo o mundo.

É evidente que a Doutrina Social da Igreja é taxativa no que diz respeito à figura dos socialmente excluídos, afirma que não podem ser vistos como um problema, mas como protagonistas. Não protagonistas da fome e do desemprego, mas da emancipação que transforma a vida humana, dando-lhe dignidade.

6.3 A ECLESIALIDADE DO POVO DE DEUS

É interessante perceber que após o Concílio Vaticano II, as reflexões teológicas que aí tiveram sua origem, ou seja, a partir deste singular evento, verteram sobre a prática desencadeada pela fé entre as camadas mais populares e deram lugar a proclamações solenes do Magistério em Medellín (1968) e Puebla (1979), acompanhadas e encorajadas por outros pronunciamentos da Igreja universal. E neste contexto, é importante afirmar que o povo de Deus é preferencialmente um povo de pobres, um povo constituído a favor dos pobres, um povo cuja opção preferencial é a libertação dos pobres.

Um povo, portanto, que não se constitui como tal na perspectiva real de dar aos pobres, não é um povo segundo a vontade de Deus, que deseja sem dúvida a salvação de todos os homens. O profetismo da eclesialidade se dá onde o povo se torna um povo libertado e assim torna presente a verdade e a realidade do Deus libertador, pois um povo constituído a partir da opção preferencial pelos pobres, que num mundo de pecado e injustiça não luta pela implementação da justiça e da liberdade através de um processo de libertação, não pode ser chamado de povo de Deus.

Existem diversas formas de promover a opção preferencial pelos pobres e a luta pela justiça e pela liberdade. Há também dificuldades em compreender o que são os pobres, o que são a justiça e a liberdade. Existem diferentes maneiras de praticar a libertação.

Neste sentido, ainda mesmo antes do Concílio Vaticano II acontecer, é importante destacar que a Igreja no Brasil guiada pelas encíclicas sociais, em determinado momento histórico, teve importante atuação na temática de estar com e lutar pelos direitos dos pobres, inclusive direito à moradia, objeto de pesquisa desta dissertação

A Igreja, orientada especialmente pelas Encíclicas Sociais, continuava colaborando ativamente neste esforço de “conquista” dos assentamentos. Com a fundação do Instituto de Educação Social e Familiar, em 1937, pelo Cardeal-Arcebispo Dom Sebastião Leme e sob forte influência de intelectuais católicos da época, como Stela Faro e Alceu Amoroso Lima, profissionais qualificados (assistentes sociais e educadores familiares) passaram a atuar nos diferentes organismos assistenciais do município, principalmente naqueles voltados para o atendimento aos moradores das favelas. Este instituto viria agregar-se à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), em 1946, imprimindo a marca do trabalho do apostolado leigo no início da assistência social no Rio de Janeiro. (GONÇALVES, SIMÕES, FREIRE, 2010, p. 106)

E ainda continuam os autores, atestando o profetismo de Dom Hélder Câmara, quando exerceu seu episcopado no Rio Janeiro, liderando causas sociais e promovendo eventos com autoridades a fim de discutir e incluir essas pessoas que antes estavam na marginalidade da sociedade e agora, se sentem parte, membros integrantes de uma sociedade ocupada e preocupada com o outro, com o próximo, neste contexto, afirmam os autores que

Além das urbanizações parciais de algumas favelas e de intervenções pontuais em algumas outras, a Igreja exerceu um papel importante na estruturação política das associações de moradores das favelas. No dia 6 de janeiro de 1957, três dias depois da mudança das primeiras famílias para o Bairro São Sebastião do Leblon, Dom Hélder estaria no Teatro João Caetano para o Congresso Geral de Representantes de Favelas, cuja organização se fez sob a sua direção, junto com representantes de algumas favelas e autoridades. (GONÇALVES, SIMÕES, FREIRE, 2010, p. 112)

A Igreja tem a missão profética de anunciar e denunciar, e nesta tarefa missiológica está também o dever de estar junto do povo de Deus, lutando suas lutas, legitimando seus direitos, usando de sua importância, relevância, poder e autoridade para trabalhar na promoção humana.

6.4 IGREJA SERVIDORA E POBRE: O PACTO DAS CATACUMBAS

No dia 16 de novembro de 1965, durante os trabalhos do Concílio Vaticano II, um grupo de 42 bispos se descolou para a periferia de Roma, faltando três semanas

para encerrar o referido Concílio, e ali nas Catacumbas de Santa Domitila, celebraram a Eucaristia sobre o túmulo dos mártires Nereu e Aquileu, onde assinaram o compromisso de vida, trabalho e missão, que ficou popular e mundialmente conhecido como o Pacto das Catacumbas.

Vale ressaltar que nos dias seguintes, outros quinhentos bispos se somaram aos 42 iniciais, assumindo o Concílio como uma via de conversão e de compromisso pessoal com os pobres, com suas aflições, penúrias, conflitos e esperanças. Ensinam e catequisam, pois, ao invés de discursarem a outrem, antes, examinam a si mesmos e à sua Igreja. Imbuídos do bom propósito de serem pastores identificados com seu rebanho e querem que sua Igreja seja servidora e pobre. Este grande ideal, um muito se coadunava com o que almejava o Papa João XXIII, ao convocar o Concílio, pois era seu desejo que a Igreja se espelhasse no Evangelho de Jesus. Neste sentido, afirmou João XXIII “em face dos países subdesenvolvidos, a Igreja apresenta-se – tal qual é e quer ser – como a Igreja de todos e particularmente a Igreja dos pobres.” (BEOZZO, 2015, p. 10).

E tudo isto se deu, em razão do Monsenhor Hakim, bispo da Igreja Melquita, vindo de Nazaré, na Galileia, ter trazido consigo para o Concílio um padre e uma religiosa, a saber, Paul Gauthier e Marie-Thérèse Lescase. Acerca de Gauthier e Maria-Thérèse, afirma Bouzzo

Em torno dele formou-se a Fraternidade dos Companheiros de Jesus Carpinteiro, um pequeno grupo decidido a viver como Jesus, trabalhando com as próprias mãos e vivendo no meio da população pobre da periferia de Nazaré, formada por árabes, em sua maioria muçulmanos. Marie-Thérèse trocara a clausura do Carmelo por uma vida de contemplação e trabalho em Nazaré, iniciando o ramo feminino da Fraternidade. (BOUZZO, 2015, p. 10)

Ocorre que em Roma, ambos iniciaram a busca por bispos que estivessem dispostos a propor e trilhar este caminho de conversão, por uma Igreja servidora e pobre e não foi difícil encontrar, pois logo Dom Helder Câmara, então arcebispo auxiliar do Rio de Janeiro, se agradou da ideia juntamente com um grupo considerável de bispos brasileiros e de outros países que se sensibilizaram ao nobre apelo, daqueles que vinham da terra de Jesus. Isto é, a proposta de mudança pode ter sido semeada em Roma, mas a ideia partiu de Nazaré.

Acerca da temática Igreja dos Pobres, em depoimento a Bouzzo, assim afirma o padre conciliar, Dom Antônio Fragoso (1920-2006)

Éramos 36 bispos, um patriarca, Máximo IV, alguns cardeais, uns arcebispos e bispos. O grupo começou na primeira seção. Tínhamos como secretários Paul Gauthier e Marie-Thérèse Lescase. O tema era a Igreja e os Pobres, começando pela identidade entre Jesus e os pobres. Lembro-me do argumento central: quando afirmamos a identidade entre Jesus e o pão consagrado: “isto é meu corpo”, nós o adoramos e tiramos consequências para nossa espiritualidade, liturgia e tudo mais. Quando se afirma a identidade entre ele e os que não têm pão, casa, nós não tiramos as consequências para a espiritualidade, liturgia, ação pastoral. Lembro-me de que, na sessão final, fomos celebrar, numa das catacumbas, a Eucaristia final. Assinamos um compromisso nosso com os pobres: dar uma atenção prioritária aos pobres (não ter dinheiro em banco, patrimônio), e este compromisso chegou a ser assinado por 500 bispos. (BOUZZO, 2015, p. 13)

Entretanto, mais adiante Dom Antônio Fragoso percebe que a pauta dos pobres não estava na agenda central da discussão do Concílio, ou seja, em que pese a causa ser nobre, não foi abraçada pela maioria dos padres conciliares, neste sentido, em seu depoimento, ainda vai dizer que

O Concílio permitiu-me descobrir que os pobres não estavam no coração e no horizonte dos bispos. Por isso, o Concílio não deu maior atenção ao tema. O Concílio permitiu-me sair daquele pessimismo sobre a natureza e dar-me alegria, mas não o vi reconciliando-se com os pobres.

O Pacto da Igreja servidora e pobre, foi expressão pública do comprometimento com a causa do Evangelho, por uma eclesiologia mais próxima da proposta do Reino de Deus, anunciado por Jesus, o Verbo encarnado. Assim sendo, segue parte do texto original do referido pacto

Nós, bispos, reunidos no Concílio Vaticano II, esclarecidos sobre as deficiências de nossa vida de pobreza segundo o Evangelho, incentivados uns pelos outros, numa iniciativa em que cada um de nós queria evitar a singularidade e a presunção; unidos a todos os nossos irmãos no Episcopado; contando, sobretudo, com a graça e a força de Nosso Senhor Jesus Cristo, com a oração dos fiéis e dos sacerdotes de nossas respectivas dioceses; colocando-nos, pelo pensamento e pela oração, diante da Trindade, diante da Igreja de Cristo e diante dos sacerdotes e dos fiéis de nossas dioceses, na humildade e na consciência de nossa fraqueza, mas também com toda a determinação e toda a força de que Deus nos quer dar a graça, comprometemo-nos ao que se segue:

Quadro 12 – Apresentação dos treze compromissos do Pacto das Catacumbas

Nº	Compromisso	Texto bíblico	Texto conciliar
1	Procuraremos viver segundo o modo ordinário	“Felizes os pobres no	“Mas assim como Cristo consumou a obra da redenção

	da nossa população, no que concerne à habitação, à alimentação, aos meios de locomoção e a tudo o que se segue.	Espírito, porque deles é o reino dos Céus” (Mt 5,3).	na pobreza e na perseguição, assim a Igreja é chamada a seguir o mesmo caminho a fim de comunicar aos homens os frutos da salvação” (LG 8/22)
2	Para sempre renunciaremos à aparência e à realidade da riqueza, especialmente no traje (fazendas ricas, cores berrantes), nas insígnias de matéria preciosa (devem esses signos ser, com efeito, evangélicos)	“Pedro disse: ‘Não tenho outro nem prata, mas o que tenho lhe dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, caminhe!’” (At 3,6).	“Com especial cuidado se interessem pelos pobres e humildes, para cuja evangelização os mandou o Senhor” (CD 13/1040)
3	Não possuiremos imóveis nem móveis, nem conta em banco etc., em nosso próprio nome; e, se for preciso possuir, poremos tudo em nome da diocese, ou das obras sociais ou caritativas.	“Vendam seus bens e deem esmola. Façam para vocês bolsas que não se desgastem, um tesouro nos céus que nunca se acabe, onde o ladrão não chega nem a traça corrói” (Lc 12,33-34).	A pobreza voluntária, motivada pelo seguimento de Cristo, do qual ela é um sinal, particularmente apreciado nos dias de hoje, deve ser praticada diligentemente pelos religiosos e, se necessário for, se exprimir sob novas formas. Participa-se da pobreza de Cristo que de rico se fez pobre por nós, a fim de nos enriquecer por sua pobreza.” (PC 13/1253).
4	Cada vez que for possível, confiaremos a gestão financeira e material em	“Curem enfermos, ressuscitem	“Enfim julgam os Padres do Concílio ser utilíssimo que os mesmos Dicastérios ouçam

	nossa diocese a uma comissão de leigos competentes e cômicos de seu papel apostólico, em mira a sermos menos administradores do que pastores e apóstolos.	mortos, purifiquem leprosos, expulsem demônios. Vocês receberam de graça; deem de graça” (Mt 10,8).	mais os leigos destacados por virtude, ciência e experiência, de modo que também eles ocupem seu devido lugar nos negócios da Igreja” (CD 10/1033).
5	Recusamos ser chamados, oralmente ou por escrito, com nomes e títulos que signifiquem a grandeza e o poder (Eminência, Excelência, Monsenhor...); preferimos ser chamados com o nome evangélico de Padres	Pois bem, se eu lavei os pés de vocês, eu que sou o Senhor e o Mestre, vocês também devem lavar os pés uns dos outros. Eu lhes dei um exemplo, para que vocês façam do modo como eu fiz” (Jo 13,12-15)	“O bispo enviado pelo pai de família para governar sua família tenha diante dos olhos o exemplo do Bom Pastor, que veio, não para ser servido, mas para servir (cf. Mt 20,28; Mc 10,45), e para dar sua vida pelas ovelhas (cf. Jo 10,11). Tomado dentre os homens e revestido de fraqueza, pode compadecer-se dos ignorantes e extraviados (cf. Hb 5,1-2). Não se negue, pois, de atender os súditos, amando-os como a verdadeiros filhos e exortando-os para que alegremente colaborem com ele” (LG 27/67)
6	No nosso comportamento, nas nossas relações sociais, evitaremos aquilo que pode parecer	Qual é então o meu salário? Anunciar o Evangelho, e	“Com especial cuidado se interessem [os bispos] pelos pobres e humildes, para cuja

	privilégios, prioridades ou mesmo uma preferência qualquer aos ricos e aos poderosos (ex.: banquetes oferecidos ou aceitos, classes nos serviços religiosos)	anunciá-lo gratuitamente, sem fazer uso do direito que tenho por evangelizar. De fato, sendo livre em relação a todos, eu me fiz servo de todos, a fim de ganhar o maior número possível” (1Cor 9,14-19)	evangelização os mandou o Senhor” (CD 13/1040)
7	Do mesmo modo, evitaremos incentivar ou lisonjear a vaidade de quem quer que seja, com vistas a recompensa, ou a solicitar as dádivas, ou por qualquer outra razão. Convidaremos nossos fiéis a considerarem as suas dádivas como uma participação normal no culto, no apostolado e na ação social	“Foi arrebatado até o paraíso e ouviu palavras inefáveis, que não são permitidas ao homem repetir” (2Cor 12,4).	“Mas assim como Cristo consumou a obra da redenção na pobreza e na perseguição, assim a Igreja é chamada a seguir o mesmo caminho a fim de comunicar aos homens os frutos da salvação. Cristo Jesus, “como subsistisse na condição de Deus, despojou-se a si mesmo, tomando a condição de servo” (Fl 2,6), e por nossa causa “fez-se pobre embora fosse rico” (2Cor 8,9); da mesma maneira a Igreja, embora necessite dos bens humanos para executar sua missão, não foi instituída para buscar a glória terrestre, mas para proclamar, também pelo

			seu próprio exemplo, a humildade e a abnegação” (LG 8/22)
8	Daremos tudo o que for necessário do nosso tempo, reflexão, coração, meios etc., ao serviço apostólico e pastoral das pessoas e dos grupos laboriosos e economicamente fracos e subdesenvolvidos, sem que isso prejudique as outras pessoas e grupos da diocese. Ampararemos os leigos, religiosos, diáconos ou sacerdotes que o Senhor chama a evangelizarem os pobres e os operários, compartilhando a vida operária e o trabalho	“Então Jesus dizia para eles que um profeta só não é estimado em sua própria pátria, entre seus parentes e em sua família” (Mc 6,4).	“Cristo foi enviado pelo Pai para ‘evangelizar os pobres, sanar os contritos de coração’ (Lc 4,18), ‘procurar e salvar o que tinha perecido’ (Lc 19,10): semelhantemente a Igreja cerca de amor todos os afligidos pela fraqueza humana, reconhece mesmo nos pobres e sofredores a imagem de seu Fundador pobre e sofredor. Faz o possível para mitigar-lhes a pobreza e neles procura servir a Cristo” (LG 8/22).
9	Cônsrios das exigências da justiça e da caridade, e das suas relações mútuas, procuraremos transformar as obras de “beneficência” em obras sociais baseadas na caridade e na justiça, que levem em conta todos e todas as	Pois eu estava com fome, e vocês me deram de comer; eu estava com sede, e me deram de beber; eu era estrangeiro, e me receberam em	“Deus destinou a terra, com tudo o que ela contém, para o uso de todos os homens e povos, de tal modo que os bens criados devem bastar a todos, com equidade, sob as regras da justiça, inseparável da caridade” (GS 69/430)

	exigências, como um humilde serviço dos organismos públicos competentes	sua casa; eu estava sem roupa, e me vestiram; eu estava doente, e cuidaram de mim; eu estava na prisão, e vocês foram me visitar' (Mt 25,31-46)	
10	Poremos tudo em obra para que os responsáveis pelo nosso governo e pelos serviços públicos decidam e ponham em prática as leis, as estruturas e as instituições sociais necessárias à justiça, à igualdade e ao desenvolvimento harmônico e total do homem todo em todos os homens e, por aí, ao advento de outra ordem social, nova, digna dos filhos dos homens e dos filhos de Deus	“Você não podia conservá-lo para si sem vendê-lo? E ainda que o vendesse, não podia ficar com todo o dinheiro? Então, por que fez isso? Você não mentiu para os homens, mas para Deus” (At 5,4).	“A Igreja considera digno de louvor e consideração o trabalho daqueles que se dedicam ao bem da coisa pública, a serviço dos homens e assumem os trabalhos deste cargo” (GS 75/452).
11	Achando a colegialidade dos bispos sua realização a mais evangélica na assunção do encargo		“As ALEGRIAS E AS ESPERANÇAS, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e

	comum das massas humanas em estado de miséria física, cultural e moral – dois terços da humanidade –, comprometemo-nos: • a participar, conforme nossos meios, dos investimentos urgentes dos episcopados das nações pobres; • a requerer junto ao plano dos organismos internacionais, mas testemunhando o Evangelho, como fez o Papa Paulo VI, na ONU, a adoção de estruturas econômicas e culturais que não mais fabriquem nações proletárias num mundo cada vez mais rico, mas sim permitam às massas pobres saírem de sua miséria.		de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração” (GS 1/200)
12	Comprometemo-nos a partilhar, na caridade pastoral, nossa vida com nossos irmãos em Cristo, sacerdotes, religiosos e leigos, para que nosso ministério constitua um	“E chamando a multidão com seus discípulos, Jesus lhes disse: ‘Se alguém quiser seguir após mim,	“No exercício de seu ofício de Pai e Pastor, estejam os bispos no meio dos seus como quem serve” (CD 16/1049).

	verdadeiro serviço, assim: a) esforçar-nos-emos para “revisar nossa vida” com eles; b) suscitaremos colaboradores para serem mais uns animadores segundo o espírito, do que uns chefes segundo o mundo; c) procuraremos ser o mais humanamente presente, acolhedores...; d) mostrar-nos-emos abertos a todos, seja qual for a sua religião	negue-se a si mesmo, carregue sua cruz e siga. Pois quem quiser salvar a própria vida, a perderá. Mas quem perder a própria vida por causa de mim e do Evangelho, a salvará.” (Mc 8,34s)	
13	“Tornados às nossas dioceses respectivas, daremos a conhecer aos nossos diocesanos a nossa resolução, rogando-lhes ajudar-nos por sua compreensão, seu concurso e suas preces. AJUDE-NOS, DEUS, A SERMOS FIÉIS!”		“Nem omitam em suas preces de recomendar a Deus seus superiores que, com diligência, vigiam sobre nossas almas, quase como se por elas fossem responsáveis, para que o façam com alegria e não entre gemidos (cf. Hb 13,17)” (LG 37/96).

Fonte: BEOZZO, 2015, p. 29-49. (adaptado pelo autor)

Desta forma, fica evidente o quão importante foi este Pacto para a Igreja da América Latina e para a Igreja Romana como um todo. Um texto imbuído de coerência, bons propósitos e despido de luxo e de tudo o mais que não se coaduna com a proposta do Reino de Deus. Faz muito sentido que os sucessores dos apóstolos assumam tal compromisso, haja vista que seu testemunho de vida diz muito mais do que as pregações nos púlpitos das grandes catedrais. Deus mora na simplicidade.

6.5 RECEPÇÃO DO CONCÍLIO VATICANO II NA AMÉRICA LATINA

É importante evidenciar que a América Latina encontrou espaço para a atuação de uma teologia libertadora, tratava-se de singular momento histórico para a Igreja que fazia o apelo à opção preferencial pelos pobres. Entretanto, a denúncia profética da Igreja e seus compromissos concretos com o pobre foi causa de tensões e conflitos tanto dentro, quanto fora da estrutura eclesial como um todo.

As Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano e caribenho foram grandes espaços de abertura, acolhimento, discussão e difusão desta importante e complexa temática para a Igreja do sul do mundo. Desta forma, impõe-se a necessidade de estudá-lo a partir de diferentes perspectivas, doravante a realidade empírica dos pobres, chega a suscitar os seus diferentes aspectos teológicos. Eis a importância de assumir seriamente o que se considera um dos conceitos e realidades essenciais da fé cristã, e neste contexto, é imperioso destacar que para Dom Pedro Casaldáliga

A opção pelos pobres é uma opção sempre atual, pelo menos para um cristianismo que mereça este nome. Atual e essencial. Por dois motivos: porque é a opção do Deus de Jesus e porque é uma opção que afeta estruturalmente a vida da sociedade humana e a missão da Igreja. (...) Hoje a opção pelos pobres deveria ser mais provocativamente atual, porque a pobreza é maior e mais globalmente estruturada. Já não são apenas pobres, são também excluídos, sobrantes, não existem para o sistema. (COMBLIN, 2003. p. 399).

Neste contexto, é oportuno trazer presente que a opção pelos pobres ainda é uma proposta a ser colocada em prática e não pode ser tratada como uma faculdade ou algo secundário, mas sim, de fato assumida e empenhada por todos, mas de modo particular pelos cristãos católicos.

O conceito eclesiológico de pobre se expressa da melhor maneira e se fez presente no Vaticano II, mas não se deu muita importância. Medellín (1968) falou mais de uma Igreja pobre que de uma Igreja dos pobres. Uma igreja que denuncia a carência injusta dos bens deste mundo e o pecado que as faz existir, que prega e vive a pobreza espiritual e se compromete, ela mesma, na pobreza material. Uma Igreja evangelizadora dos pobres e solidária com eles. Foi este impulso de Medellín e foram os teólogos da libertação como Gutierrez, Munhoz, Boff, dentre outros, os que levaram adiante o conceito teológico da Igreja dos pobres. Neste contexto, afirma Schneider

Outro lugar característico da atual concepção de Igreja está no contexto da opressão política, social e cultural na América Latina e a arrancada da Igreja latino-americana rumo a uma práxis libertadora de fé. As comunidades eclesiais de base, como lugar privilegiado no qual o povo oprimido aprende a se entender como sujeito da evangelização e como sujeito de práxis libertadora da imitação de Cristo, são, portanto o lugar privilegiado de aprendizado de nova vida eclesial. A caminhada da Igreja latino-americana rumo a uma abrangente práxis de fé libertadora mostra que a Igreja somente volta a adquirir a sua identidade como povo de Deus na medida em que ela se torna “Igreja do povo” ou “Igreja dos pobres”, isto é, quando o povo oprimido deixa de ser mero objeto da atenção eclesiástica, mas passa a ser ele próprio sujeito histórico da fé libertadora. (SCHNEIDER, 2002, p. 85).

“Igreja dos pobres” expressa um elemento essencial da Constituição dogmática da igreja – Povo de Deus – descuidado com frequência na conceituação e, sobretudo, na prática pastoral da Igreja. Isto tem a ver com a opção preferencial pelos pobres e com as consequências que esta opção tem, tanto para a Constituição hierárquica e organizativa da Igreja institucional, como para o que há de ser sua evangelização.

Os pobres têm muito a ver com Deus, já que o Deus trinitário quer ter a história e quer fazer doação de si a quem quer como filhos mais que como criaturas, isto é, a quem envia o Espírito Santificador concedendo-lhe a dignidade de filhos de Deus. Nesta seara, afirmam Bigo e Ávila

Toda pessoa humana se reveste da mesma dignidade, por mais pobre que seja sob qualquer aspecto: material, biológico, psicológico, mental ou mesmo espiritual. Melhor: Deus a ama tanto mais quanto mais pobre ela é aos olhos dos homens. Os oprimidos pela vida, enfermos, deficientes físicos e mentais, agonizantes; os oprimidos pela sociedade: o escravo, o explorado, o pisoteado, o estrangeiro, o pobre social, econômica, política, radical e culturalmente; os oprimidos pela culpa: o delinquente, o encarcerado, o pecador; todos são objetos de amor, de predileção, que os restabelece na sua essencial dignidade humana, na medida do desprezo que os avilta. Todos são os privilegiados do amor de Cristo, do amor de Deus Pai, rico em misericórdia. (BIGO e ÁVILA 1986, p. 94)

É importante destacar que o amor de Deus abrange a todas estas pessoas e quando se fala em Igreja dos pobres não significa, isto é, não diz respeito a uma parte da Igreja que se dedica preferencialmente aos pobres, mas uma nota constitutiva e configurativa de toda a Igreja, de forma, que ou ela é dos pobres ou deixa de ser Igreja verdadeira e santa querida por Deus. A igreja deve ser Una, Santa, Católica, Apostólica e Pobre, porque a Igreja se configura a partir do Reino anunciado por Jesus, e este, antes de ser católico e apostólico, é Uno Santo e dos pobres.

Ou seja, implica dizer que fundamentalmente a Igreja está de tal modo constituída e configurada a Cristo que os pobres tenham nela o lugar preferencial que Ele mesmo quis que tivesse. Se a missão é aquela que define a Igreja como finalidade,

há de se ter claro, na teoria e na prática que a missão da Igreja, tanto na hora de evangelizar, como na hora de atuar, está dirigida preferencialmente aos pobres. Total e preferencialmente solidária com a causa dos mais abandonados. Isto não faz com que sejam objeto de uma especial beneficência da Igreja, por assim dizer, mas que requer dar aos pobres o lugar privilegiado que merecem, no banquete e na comunhão da Igreja, bem como na configuração do mundo.

Igreja dos pobres significa também Igreja pobre, como recordava Medellín (1968) e está na melhor tradição da fé cristã. Isto implica não só o compromisso com a luta dos pobres, que leva à denúncia de toda sorte de injustiça, sobretudo com os mais humildes, mas que leva também consigo a pregação da pobreza espiritual, uma vez assumida a pobreza material na própria vida pessoal e nas estruturas institucionais.

O ato de fazer a opção preferencial pelos pobres pode ser entendido, também, como sinônimo de uma Igreja perseguida, perseguição esta, consequente de sua legítima e fiel missão profética. Não é possível pensar uma Igreja comprometida com os pobres, num mundo onde predomina a opressão e a injustiça, e que esta mesma Igreja não seja perseguida.

A Igreja segue com seu anúncio profético, anunciando e denunciando, e conseqüentemente, encontrando desafios e dificuldades pelo caminho. Neste contexto, vale ressaltar como Comblin faz uma leitura assertiva acerca da realidade envolvendo o pobre, sobre isso, diz o autor

O direito e a justiça não existem para os pobres. (...) Basta aproximar-se dos pobres para constatar no concreto o roubo, o confisco do seu trabalho, a humilhação, o abandono de que são vítimas. Se os matam, os que os mataram quase nunca são castigados, se os roubam, nunca se descobre o responsável. (...) Descobre-se que o que se chama de pecado social ou violência institucionalizada verifica-se em milhões de pecados particulares: a opressão global e estrutural aplica-se em milhões de casos de opressão local e particular. (COMBLIN, 2002, p. 255-256).

Ou seja, falar da atuação na libertação dos mais pobres, não é tarefa fácil, o que mais ajuda ao longo desse processo é a sua vontade de viver e de se emancipar enquanto um povo digno e de luta. A seguir um pouco sobre o que cada Conferência Geral do Episcopado Latino-americano afirmou sobre a temática em questão.

6.5.1 II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano – Medellín

A partir da leitura dos documentos da Igreja, e com base no contexto que se apresenta o dissertar da presente pesquisa é possível afirmar que foi na Conferência de Medellín (1968) que se tomou com radical seriedade o tema em questão. Os pobres e a pobreza não foram só um dos temas de Medellín, senão seu horizonte e seu lugar teológico, daí a riqueza desta Conferência latino-americana e seu extraordinário valor profético para a Igreja Universal, dado que faz uma clara e profética opção preferencial e solidária pelos pobres, visando sua integral libertação.

É interessante perceber que o que não foi possível alcançar no Concílio Vaticano II, três anos depois o ideal se tornou real, na II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, ocorrido em Medellín, na Colômbia, em 1968. Lembrando que o documento de Medellín acerca da Igreja tem como título “Pobreza da Igreja” e afirma em seu preâmbulo

O episcopado latino-americano não pode ficar indiferente perante as tremendas injustiças sociais existentes na América Latina que mantêm a maioria de nossos povos numa dolorosa pobreza e que, em muitíssimos casos, chega a ser miséria inumana. Um surdo clamor brota de milhões de homens, pedindo a seus pastores uma libertação que não lhes advém de nenhuma parte. [...] E chegam também a nós as queixas de que a hierarquia, o clero, e os religiosos são ricos e aliados dos ricos (DM 14, 1-2).

Neste contexto, os bispos endossam o que afirmam e fundamentam de forma cristológica, tomando como exemplo o próprio Jesus, ao dizer que

Cristo, Nosso Salvador, não apenas amou os pobres, mas “sendo rico se fez pobre”, viveu na pobreza, concentrou sua missão no anúncio da libertação dos pobres e fundou sua Igreja, como sinal dessa pobreza entre os homens. A pobreza de tantos irmãos clama por justiça, solidariedade, testemunho, compromisso, esforço e superação para o cumprimento pleno da missão salvífica confiada por Cristo. (DM 14, 7).

Já em termos de orientações pastorais, o episcopado latino-americano, reunido em Medellín, na Colômbia, é muito claro ao discernir o que desejam para a Igreja do sul do mundo, ou seja, uma Igreja evangelizadora e solidária com os pobres, sobre o qual afirma

Queremos que a Igreja da América Latina seja evangelizadora e solidária com os pobres, testemunha do valor dos bens do Reino e humilde servidora de todos os homens de nossos povos. Seus pastores e demais membros do Povo de Deus devem dar à sua vida, suas palavras e atitudes e ação, a

coerência necessária com as exigências evangélicas e as necessidades dos homens latino-americanos (DM 14, 8).

Ou seja, fala-se de coerência para se viver as exigências do Evangelho, fala-se da proposta de uma Igreja servidora e solidária com os mais necessitados.

6.5.2 III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano – Puebla

Cabe destacar que a Conferência de Puebla, realizada em 1979, no México, reitera a posição de Medellín, uma vez que os bispos latino-americanos insistiram mais uma vez na opção preferencial pelos pobres ao afirmarem que (CELAM, 1979, n. 28-29)

Vemos à luz da fé, como um escândalo e uma contradição com o ser cristão, a crescente diferença entre ricos e pobres. O luxo de uns poucos se converte no insulto contra a miséria das grandes massas. Comprovamos, pois, como o mais devastador e humilhante flagelo a situação de desumana pobreza em que vivem milhões de latino-americanos, expressada, por exemplo, em mortalidade infantil, em falta de moradia adequada, por problemas de saúde, salários de fome, desemprego, migrações massivas forçadas e desamparadas. (DP 28-29).

Escândalo e situação de desumana pobreza, eis a forma como os bispos, reunidos em assembleia, classificam a conjuntura social da América Latina. Além de ser algo humilhante, ainda apresentam os problemas concernentes à saúde, baixos e indignos salários, fome, desemprego, desamparo, isto é, uma condição caótica que em nada visa o bem dos menos favorecidos. Entretanto, nessas poucas linhas, é possível perceber, a denúncia profética que se faz em prol desse povo esquecido e marginalizado. Os bispos, continuam, e demonstram conhecimento, como bons pastores, do sofrimento que padece seu rebanho, e afirmam que

Ao analisar mais a fundo tal situação, descobrimos que esta pobreza não é uma etapa casual, mas sim o produto de determinadas situações e estruturas econômicas, sociais e políticas, embora haja também outras causas da miséria (DP 30).

Em Puebla, os bispos associam o rosto, a feição dos que sofrem ao próprio Cristo, haja vista, a face dos que no passado e no presente do continente se angustiam com a miséria e com a fome. Neste sentido, afirma o episcopado no Documento de Puebla

Esta situação de extrema pobreza generalizada adquire, na vida real, feições concretíssimas, nas quais deveríamos reconhecer as feições sofredoras de Cristo, o Senhor, que nos questiona e interpela: feições de indígenas e, com frequência, também de afro-americanos, que, vivendo segregados e em situações desumanas, podem ser considerados como os mais pobres dentre os pobres; feições de camponeses, que, como grupo social, vivem relegados em quase todo o nosso Continente, sem-terra, em situação de dependência interna e externa, submetidos a sistemas de comércio que os enganam e os exploram; feições de operários, com frequência, mal remunerados, que têm dificuldade de se organizar e defender os próprios direitos. (DP 31-34).

Dentre as quatro de suas prioridades, a Conferência de Puebla aprovou ainda a opção preferencial pelos pobres, visando sua integral libertação, assim diz o Documento

A Conferência de Puebla volta a assumir, com renovada esperança na força vivificadora do Espírito, a posição da II Conferência Geral, que fez uma clara e profética opção preferencial e solidária pelos pobres, não obstante os desvios e interpretações com que alguns desvirtuaram o espírito de Medellín, e o desconhecimento e até mesmo a hostilidade de outros. Afirmamos a necessidade de conversão de toda a Igreja para uma opção preferencial pelos pobres, no intuito de sua integral libertação (DP 1134).

O contexto histórico-social desta realidade diz respeito a uma situação de pobreza e até de significativa miséria, que foi se agravando ao longo do tempo. Assim sendo, fica evidenciado no Documento de Puebla que os bispos querem tomar conhecimento do que a Igreja da América Latina fez ou deixou de fazer pelos pobres depois de Medellín, para ter como ponto de partida de pistas eficazes para se cumprirem em médio e longo prazo.

A Igreja é *Mater et Magistra*, Mãe e Mestra, e neste sentido ela tem uma pedagogia, uma forma de ensinar com sabedoria, com maestria, ou seja, não fica distante o ensinamento catequético com o qual, os pobres o fazem com seu testemunho de vida, e o Documento de Puebla traz este reconhecimento acerca da evangelização que os pobres realizam, ao afirmar que

O compromisso com os pobres e oprimidos e o surgimento das Comunidades Eclesiais de Base ajudaram a Igreja a descobrir o potencial evangelizador dos pobres, enquanto estes a interpelam constantemente, chamando-a à conversão, e porque muitos deles realizam em sua vida os valores evangélicos da solidariedade, serviço, simplicidade e disponibilidade para acolher o dom de Deus (DP 1147).

É importante trazer presente que nos dias hodiernos as Comunidades Eclesiais de Base já não possuem a mesma força que já tiveram no passado não muito distante, entretanto não se pode desconsiderar o importante papel que desempenharam e sua

valiosa contribuição para fortalecer o que se pode chamar de senso de eclesialidade e pertença à Igreja de Cristo.

6.5.3 IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano – S. Domingo

Vale destacar aqui que os anos posteriores à Conferência de Puebla foram de grandes desafios e, inclusive, de retrocessos, e neste contexto, destaca-se a IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, realizado em Santo Domingo, em 1992, na República Dominicana.

Não hesitaram os senhores bispos em dar continuidade à pauta das conferências de Medellín e Puebla, ocasião em que se comprometeram com “uma promoção integral do povo latino-americano e caribenho, a partir de uma evangélica e renovada opção pelos pobres, a partir da vida e da família.” (DSD, 302).

6.5.4 V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano – Aparecida

Em 2007, a cidade de Aparecida, onde está localizado o Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, sediou a V Conferência do Episcopado Latino-americano e Caribenho, oportunidade de que significou importante retomada da tradição eclesial latino-americana, assim afirma o Documento

Dentro dessa ampla preocupação pela dignidade humana, situa- -se nossa angústia pelos milhões de latino-americanos e latino-americanas que não podem levar uma vida que corresponda a essa dignidade. A opção preferencial pelos pobres é uma das peculiaridades que marca a fisionomia da Igreja latino-americana e caribenha (DA 391).

E nesta mesma seara, prossegue o episcopado, afirmando que

Nossa fé proclama que “Jesus Cristo é o rosto humano de Deus e o rosto divino do homem”. Por isso, “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza. Essa opção nasce da nossa fé em Jesus Cristo, o Deus feito homem, que se fez nosso irmão” (cf. Hb 2,11-12). Opção, no entanto, não exclusiva, nem excludente (DA 392).

É válido destacar que a opção preferencial pelos pobres e por sua libertação, pode ter causado equívoco no entendimento de outrem, que deduziram ser esta uma ação apenas da Igreja latino-americano, pois demais Igrejas particulares, católicas e/ou protestantes, além de trazer presente que foi um desejo que partiu de Nazaré, e

foi implantado em Roma, ao longo do Concílio Vaticano II, como já exposto anteriormente.

6.6 O POBRE NA PERSPECTIVA DOS BISPOS DE ROMA

O Papa Leão XIII, preocupado com temática social e com os sérios desafios enfrentados naquele momento histórico, publicou, em 1891 a encíclica *Rerum Novarum*, que aborda a condição do operariado. Afirma que os conflitos enfrentados na época, derivaram do desenvolvimento industrial e da, então, chamada nova urbanização do mundo. Se antes o pobre e a pobreza tinham um determinado conceito, com o advento da indústria, passou à condição operária. Neste sentido, afirma o papa Leão XIII

O século passado destruiu, sem as substituir por coisa alguma, as corporações antigas, que eram para eles [os pobres] uma proteção; os princípios e o sentimento religioso desapareceram das leis e das instituições públicas, e assim, pouco a pouco, os trabalhadores, isolados e sem defesa, têm-se visto, com o decorrer do tempo, entregues à mercê de senhores desumanos e à cobiça duma concorrência desenfreada. A usura voraz veio agravar ainda mais o mal. Condenada muitas vezes pelo julgamento da Igreja, não tem deixado de ser praticada sob outra forma por homens ávidos de ganância, e de insaciável ambição. A tudo isto deve acrescentar-se o monopólio do trabalho e dos papéis de crédito, que se tornaram o quinhão dum pequeno número de ricos e de opulentos, que impõem assim um jugo quase servil à imensa multidão dos proletários. (LEÃO XIII, 1891, n. 2)

Ou seja, o Papa Leão XIII tem a lucidez de fazer uma análise de conjuntura à luz do Evangelho, na qual denuncia a ganância insaciável de ambição impondo assim um jugo servil aos proletariados. E ainda segue dizendo que

é para as classes desafortunadas que o coração de Deus parece inclinar-se mais. Jesus Cristo chama aos pobres bem-aventurados: convida com amor a virem a Ele, a fim de consolar a todos os que sofrem e que choram; abraça com caridade mais terna os pequenos e os oprimidos. (LEÃO XIII, 1891, n. 13)

Nesta mesma seara, o Papa Pio XI, escreveu a Carta Encíclica *Quadragesimo Anno*, em comemoração aos 40 anos da Encíclica *Rerum Novarum*, de Leão XIII. Para o Magistério da Igreja,

O próprio Leão XIII e seus Sucessores não cessaram de proclamar de viva voz e por escrito a doutrina social e económica da encíclica *Rerum Novarum*, urgindo-a e aplicando-a segundo a ocasião às circunstâncias de tempo e lugar, com aquela caridade paterna e constância pastoral, que sempre os

distinguiu na defesa dos pobres e desvalidos. Nem foi outro o proceder de grande parte do Episcopado, que com assiduidade e maestria declarou e comentou a mesma doutrina, adaptando-a às condições dos diversos países. (PIO XI, 1931, n. 1)

Pio XI reconhece os avanços da *Rerum Novarum* e reafirma a firme posição da doutrina social da Igreja, e quanto aos pobres, afirma o quão pobre se o Cristo para salvação da humanidade quando diz que

em parte, nenhuma podem encontrar maior felicidade, até mesmo temporal, que junto d'Aquele que por nós se fez pobre sendo rico, para nos enriquecer com a sua pobreza, que viveu pobre e em trabalhos desde a sua juventude, que chama a si todos os que trabalham e se veem oprimidos, para os aliviar na caridade do seu Coração, que finalmente sem aceitação de pessoas exigirá mais d'aqueles a quem foi dado mais e retribuirá a cada um segundo as suas obras. (PIO XI, 1931, n. 2)

O Papa Paulo VI, a quem incumbiu a tarefa de encerrar os trabalhos e concluir o Concílio Ecumênico Vaticano II, escreveu um importante documento dedicado à cooperação entre os povos e ao problema dos países em desenvolvimento, e justamente nesta seara, escreveu o bispo de Roma, na Carta Encíclica *Populorum Progressio*, afirmando que

a condição das populações em fase de desenvolvimento deve ser objeto da nossa consideração, ou melhor, a nossa caridade para com todos os pobres do mundo, e eles são legiões infinitas, deve tornar-se mais atenta, mais ativa e mais generosa. Combater a miséria e lutar contra a injustiça, é promover não só o bem-estar mas também o progresso humano e espiritual de todos e, portanto, o bem comum da humanidade. (PAULO VI, 1967. n. 76)

A palavra que se poderia destacar da citação acima é a “caridade”, isto é, Paulo VI a considera de fundamental importância, pois deve reger o agir da Igreja, e Igreja é todo homem e mulher batizado que professa a fé católica, para com todos os pobres do mundo, devendo ser e estar mais atenta, ativa e combater a miséria em vista da promoção humana e espiritual dos homens e mulheres em situação de pobreza.

Tem-se aqui um grande fundamento evangélico e, portanto, bíblico, pois a verdade que o Cristo veio anunciar, é a verdade da Caridade, a verdade do amor. A maior entre as virtudes teologais, estando ladeada pela fé e pela esperança. Ou seja, a caridade com o pobre é certamente a atitude que coaduna com a proposta do Reino anunciada por Jesus.

A opção pelos pobres e sua libertação é, também, adotada pelo Magistério Pontifício como se pode notar, a partir da Exortação pós-sinodal *Evangelii Nuntiandi* de Paulo VI ao afirmar que

Entre evangelização e promoção humana, desenvolvimento, libertação, existem de fato laços profundos: laços de ordem antropológica, dado que o homem que há de ser evangelizado não é um ser abstrato, mas é sim um ser condicionado pelo conjunto dos problemas sociais e econômicos; laços de ordem teológica, porque não se pode nunca dissociar o plano da criação do plano da redenção, um e outro a abrangerem as situações bem concretas da injustiça que há de ser combatida e da justiça a ser restaurada; laços daquela ordem eminentemente evangélica, qual é a ordem da caridade: como se poderia, realmente, proclamar o mandamento novo sem promover na justiça e na paz o verdadeiro e o autêntico progresso do homem? Nós próprios tivemos o cuidado de salientar isto mesmo, ao recordar que é impossível aceitar "que a obra da evangelização possa ou deva negligenciar os problemas extremamente graves, agitados sobremaneira hoje em dia, no que se refere à justiça, à libertação, ao desenvolvimento e à paz no mundo. Se isso porventura acontecesse, seria ignorar a doutrina do Evangelho sobre o amor para com o próximo que sofre ou se encontra em necessidade". (PAULO VI, 1975, n. 31)

Ou seja, as questões ou problemas de ordem social, no que tange à justiça, libertação, de desenvolvimento e paz no mundo não são ignorados pelo episcopado, muito pelo contrário, com estas pautas, apenas colocam em prática o que pede as linhas do Evangelho anunciado por Jesus de Nazaré, que tem nos mais pequenos, os seus preferidos.

João Paulo II, ao realizar a abertura da Conferência de Puebla, no México, foi audacioso, profético e sensível à complexa realidade em que se encontrara o povo latino-americano, imbuído de paternal caridade e com a lucidez petrina, afirmou o, então bispo de Roma em seu discurso de abertura

Nós encontramos aqui nesta hora insólita e maravilhosa da história do mundo. Chegámos a este lugar, conscientes de nos acharmos num momento crucial. Com esta reunião de Bispos desejamos reenlaçar-nos com a precedente Conferência do Episcopado Latino-americano que se realizou há dez anos atrás em Medellín, em coincidência com o Congresso Eucarístico de Bogotá, e na qual participou o Papa Paulo VI, de inolvidável memória. Viemos aqui, não tanto para tornar a examinar, passados dez anos, o mesmo problema, quanto para o rever de um modo novo, num novo lugar e num novo momento histórico. (...) Realizou-se a Conferência de Medellín pouco depois do encerramento do II Concílio do Vaticano, o Concílio do nosso século; e teve como objetivo coligar as posições peculiares e conteúdo essencial do mesmo Concílio, a fim de aplicá-los e fazer deles uma força orientadora na situação concreta da Igreja Latino-americana. Sem o Concílio não teria sido possível a reunião de Medellín, que intentou ser um impulso de renovação pastoral, um novo "espírito" em ordem ao futuro, em plena fidelidade eclesial na interpretação dos sinais dos tempos na América Latina. A intencionalidade evangelizadora era bem clara (...) promoção humana, evangelização e crescimento na fé, Igreja visível e suas estruturas. Com a sua opção pelo homem latino-americano encarado na sua integridade, com o seu amor preferencial, mas não exclusivo pelos pobres, com o seu alento a uma libertação integral dos homens e dos povos, Medellín, a Igreja ali presente, foi uma chamada de esperança para metas mais cristãs e mais humanas. (JOÃO PAULO II, 1979, N. 4)

Seu olhar para com os mais necessitados e para com o outro não foi diferente, nas ocasiões de sua passagem por outros lugares do mundo, assim sendo, é oportuno ressaltar que quando o Papa João Paulo II esteve no Brasil, em 1980, discursou na favela do Vidigal, no Rio de Janeiro dizendo

Entre vocês são muitos os pobres. E a Igreja em terra brasileira quer ser a *Igreja dos pobres*. Ela deseja que neste grande país se realize esta primeira bem-aventurança do Sermão da Montanha. (...) As palavras de Cristo sobre os pobres em espírito fazem, porventura, esquecer as *injustiças*? Permitem elas que deixemos sem solução os diversos problemas que se levantam no conjunto do assim chamado problema social? Estes problemas que permanecem na história da humanidade assumem aspectos diversos nas diversas épocas da história e têm sua intensidade de acordo com a dimensão de cada sociedade em particular, assumindo ao mesmo tempo a proporção de inteiros continentes e enfim de todo o mundo. É natural que estes problemas assumam também uma dimensão própria desta terra, uma dimensão brasileira. (JOAO PAULO II, N. 2, 3)

O Papa João Paulo II, já em 1980, declarou que a Igreja brasileira que ser a Igreja dos pobres e que os problemas que lhes atingem, tomem uma dimensão propriamente brasileira. Não se pode esquecer as injustiças, tampouco as diversas dificuldades de cunho social. Contudo, a partir da vivaz declaração feita pelo Papa em 1980, e diante da realidade a qual se encontram as periferias Brasil afora, é possível inferir que suas palavras não foram ouvidas com tanto afincamento por grande parte do episcopado e do clero brasileiro.

E na mesma ocasião em que estava na Terra de Santa Cruz e sobre o quanto a Igreja tem de estar presente na vida e nos lares das pessoas em situação de vulnerabilidade social, destaca-se o que afirmou João Paulo II, quando visitou a Favela dos Alagados, em Salvador, em julho de 1980

Pensei em tantos bairros pobres de Salvador e de todo o Brasil, que gostariam de receber a visita do Papa. O Papa teria um prazer especial em fazer esta visita a cada casa ou barraco onde vivem famílias ou pessoas humildes, às vezes em dura pobreza. Não sendo possível fazê-lo, quero que a visita que agora lhes faço seja também um símbolo, como se entrando aqui eu estivesse penetrando em todos os bairros iguais a este. (JOAO PAULO II, 1980, p. 1)

O Papa teve a sensibilidade e não se viu indiferente à vida sofrida e à condição da realidade dos que (sobre)vivem numa comunidade urbana como a Favela dos Alagados, certamente, reflexo das centenas esparsas pelo Brasil, em específico, da Britanite. E a pergunta que se faz nos dias de hoje é: onde estão os presbíteros da

Igreja para visitar as casas dos mais pobres, para pisar o solo sagrado da sofrida pobreza santificante?

Eis um dos pilares da presente pesquisa, trata-se de uma questão muito importante. E o contraponto que se faz, enquanto possível medida a ser tomada é que se não se tem presbíteros, ou se os que têm não querem pisar o chão do pobre, a via que se abre como possibilidade é a criação de uma comunidade eclesial de base, com a liderança e presença de leigos e leigas comprometidos com a causa do Evangelho e que podem se encarregar dos serviços na comunidade.

São as portas que se abrem para a atuação dos leigos, frente a inércia dos presbíteros da Igreja, que por vezes se esquecem que se ordenaram ao serviço do Reino, isto é, para servir e não para ser servidos. Ministério ordenado não é sinônimo de privilégios, mas de trabalho árduo pelo povo de Deus. Neste sentido, a criação de uma Comunidade Eclesial de Base desparouquializada é uma forma da Igreja se fazer presente onde o povo quer, precisa e sente falta.

É notória que esta viagem apostólica do Papa João Paulo II ao Brasil em 1980 foi uma forma de demonstrar seu afeto, e também sua preocupação com esta realidade sofrida do pobre. Visitar periferias é um ato de extrema coragem, demonstrar o quanto Jesus os quer bem, e que a Igreja não está indiferente à sua dor, às suas necessidades e às suas demandas.

Quando em Aparecida, por ocasião da abertura da V Conferência do Episcopado da América Latina e Caribe, o papa Bento XVI não hesitou em colocar a opção preferencial pelos pobres no cerne da própria compreensão do Cristo e da fé, afirmou o Romano Pontífice

A fé nos liberta do isolamento do eu, porque nos leva à comunhão: o encontro com Deus é, em si mesmo e como tal, encontro com os irmãos, um ato de convocação, de unificação, de responsabilidade para com o outro e para com os demais. Neste sentido, a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza (cf. 2Cor 8,9). (BENTO XVI, 2007, N. 3)

O encontro com Deus não pode fazer do cristão um ser inerte ao outro, muito pelo contrário, ser cristão implica em agir de forma caritativa com o próximo, o que passa fome, o que não tem abrigo, o que se encontra nas periferias geográficas e também existenciais. Se Deus se fez pobre, e quis enriquecer a humanidade com sua pobreza, então, é dever de todos os homens e mulheres abraçar tal aprendizado

profético e catequético daquele que mesmo sendo Deus, sendo Rei se humilhou à morte e morte de cruz.

6.6.1 Opção preferencial pelos pobres no pontificado de Francisco

É importante resgatar o fato público e notório que na data de 13 de março de 2013, quando o cardeal Bergoglio, então arcebispo de Buenos Aires, é eleito bispo de Roma, no conclave, na capela Sistina, estava sentado ao seu lado Dom Cláudio Cardeal Hummes, arcebispo emérito de São Paulo, que no momento de cumprimentar o novo papa, ao abraçá-lo disse a seguinte frase “não se esqueça dos pobres”, frase esta que impactou o romano pontífice que, de pronto, convidou dom Cláudio a estar ao seu lado na varanda da Basílica de São Pedro, no momento de saudar os fiéis.

Quando o novo bispo de Roma adota o nome “Francisco”, há num primeiro momento, dúvidas se seria uma referência à São Francisco Xavier, santo jesuíta, já que o novo papa também é um religioso da Companhia de Jesus, entretanto, não. O onomástico diz respeito a São Francisco de Assis, e neste momento, o Papa Francisco dá o tom de seu pontificado, tendo como tripé de seu governo à frente da Igreja o compromisso e a preocupação com os pobres, exortação no cuidado com a Casa Comum a partir de uma ecologia integral, bem como, o diálogo e a busca incessante pela paz.

Em mensagem aos movimentos populares o Papa Francisco (2017) demonstrou apoio ao escrever: “desejo animar e fortalecer cada um de vós, as vossas organizações e todos aqueles que lutam pelos três T: terra, teto e trabalho. Congratulo-me convosco por tudo o que levais a cabo”.

Francisco, apesar de estar em Roma, não está alheio às demandas dos socialmente excluídos, principalmente na América Latina, sabe da triste realidade e se solidariza para com os que promovem a luta por terra que é um direito; por teto, que é uma necessidade; e por trabalho, que é a mais honrosa forma de dignificar o sustento do homem.

A América Latina fez uma releitura criativa do Vaticano II ao relê-lo a partir do mundo pobre e injustamente marginalizado (Medellín 1968 e Puebla 1979), a partir do pluralismo de culturas e espiritualidades indígenas e afro-americanas (Santo Domingo 1992), a partir de uma crescente deterioração da fé e da fraca pertença eclesial (Aparecida 2007).

6.6.2 Clericalismo: uma perversão na Igreja

Talvez uma das causas do distanciamento da Igreja da realidade dos mais necessitados diz respeito ao clericalismo. E se for mais a fundo, é algo que se inicia ao longo do processo formativo do candidato a clérigo, neste sentido afirma Brighenti

Particularmente solitários são os do clero diocesano em casas cômodas e fechadas. Sem entender a época de mudanças na qual estão mergulhados, vivem encastelados nas paróquias. (...) Cumprem bem os horários, as agendas, as dezenas de reuniões, mas atuam com 4% dos católicos. A maioria nem os conhece ou vive em comunidade. Há três pontos desse modelo vigente que precisam ser vencidos: o juridicismo exclusivista, a intolerância clerical e o triunfalismo eclesiástico. Infelizmente estes desvios não são enfrentados e coibidos nem em casas de formação nem nas faculdades de Teologia. (BRIGHENTI, 2021)

Fato é que, infelizmente, tal comportamento se enraíza profundamente, a ponto de ao chegar no ministério ordenado, não ser o pobre e a dimensão social uma preocupação pastoral, a não ser o paramento mais oneroso, o ornamento mais luxuoso, a toalha do altar de determinado tecido, o rigorismo litúrgico, a excessiva preocupação com a Igreja triunfante, enfim, há que se cuidar para não ocorrer uma patologia clerical, isto é, uma esquizofrenia ministerial, na qual o ministro ordenado venha a agir de forma desconecta da realidade em que vive, impactando e comprometendo diretamente o trabalho pastoral que poderia desenvolver. Nesta seara, Brighenti vai dizer que as

lacunas ou vazios na ação evangelizadora da Igreja, hoje, são a baixa do profetismo e da opção pelos pobres, assim como a centralização da vida de Igreja na paróquia e em torno ao padre, em prejuízo de uma acolhida mais pessoal e da vivência fraterna. (...) Com relação aos ministros ordenados, a principal queixa é o clericalismo, a falta de acolhida pessoal e a falta de presença nas famílias, em resumo, desejam padres mais pastores do que administradores e ministros do culto. (BRIGHENTI, 2021)

No que tange ao clericalismo, exorta o Papa Francisco (2018, p. [1]) em mensagem aos participantes do Sínodo em Buenos Aires: “precavei-vos do clericalismo que é uma perversão no corpo da Igreja. (...) o clericalismo é o perigo que se encontra na Igreja. Defendei-vos!”. O Papa Francisco é muito incisivo ao demonstrar a preocupação com esse mal que pode ser considerado um perigo iminente dentro da Igreja, capaz de comprometer a estrutura eclesial.

O Papa Francisco (2016, p. [2]) em carta ao Cardeal Marc Ouellet, Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina fala sobre isso ao dizer que:

Não podemos refletir sobre o tema do laicado ignorando uma das maiores deformações que a América Latina deve enfrentar – e para a qual peço que dirijais uma atenção particular – o clericalismo. (...) O clericalismo esquece que a visibilidade e a sacramentalidade da Igreja pertencem a todo o povo de Deus (cf. *Lumen gentium*, 9-14) e não só a poucos eleitos e iluminados. (...) Há um fenômeno muito interessante que se produziu na nossa América Latina e que desejo citar aqui: acredito que seja um dos poucos espaços em que o Povo de Deus foi libertado de uma influência do clericalismo: refiro-me à pastoral popular. (FRANCISCO, 2016, p. 2).

Em sua fala, Francisco traz três elementos substantivos: clericalismo, Povo de Deus (laicato) e o fenômeno da pastoral popular. Este tripé precisa urgentemente ser colocado em pauta para garantir que num futuro não muito distante, a Igreja possa ter pastores com cheiro de suas ovelhas, pastores que as conheçam pelo nome e que estejam dispostos a dar a vida por elas, a exemplo de Cristo, o Bom Pastor.

O clericalismo em nada ajuda a aproximação do ministro ordenado à realidade dos menos favorecidos, onde o pobre está, dificilmente um padre clericalista ali vai se ocupar e dispensar atenção, assumir para si a luta e a dor como causa de vida, de forma solidária. As ovelhas dos pastores clericalistas têm cheiro de perfume caro, dificilmente suas ovelhas terão o cheiro da fumaça, oriunda da fogueira acesa nos assentamentos/ocupações/comunidades urbanas, pois ali não querem fazer seu pastoreio ou exercer seu ministério. O clericalismo está, muitas vezes, acobertado pela capa do elitismo, um grande perigo e há que cuidar, haja vista que apenas uma linha tênue separa um presbítero de um fariseu e/ou doutor da lei, na qual o discurso está completamente destoado da prática e do testemunho.

A parábola do bom samaritano pode ser utilizada para elucidar a forma de atuação de alguns presbíteros que como o sacerdote e o levita não pararam para socorrer e ajudar, tinham outras preocupações em mente, como assevera Aíla Pinheiro, ao afirmar que

O texto do Evangelho afirma que passaram por ali um sacerdote e um levita e, seguem adiante sem se aproximar para ajudar. Nesse ponto da parábola há um exagero para enfatizar o mau exemplo desses dois personagens. (...) A parábola deixa claro que temos um mau exemplo dado por pessoas de quem se deveria esperar um bom exemplo, porque elas não põem a Torah em prática. (ANDRADE; MORAIS. 2019, p. 430)

Levitas e sacerdotes nos dias de hoje, ainda existem talvez com outra nomenclatura: seminaristas e padres, respectivamente. Eis a necessidade de se atentar ao processo formativo, como as casas de formação tem conduzido e enfrentado esse comportamento de não olhar para o próximo, de não socorrer quem necessita.

6.6.3 Teologia que liberta e clericalismo

A inferência que se faz a partir da leitura da realidade dos fatos é que a Igreja Católica na América Latina e de modo especial no Brasil, saiu da tímida espiritualidade proporcionada por uma teologia libertadora e foi para o extremo do clericalismo. Se diz de uma tímida espiritualidade, em razão de ser a minoria dos padres que assumiram esta forma não-triunfalista de ser Igreja, de ser comunidade de ser fraternidade e comunhão. Ao passo que a maioria dos presbíteros sempre se manteve no clericalismo exacerbado, talvez tenham se recolhido e se contido no momento oportuno de repressão política, entretanto, tão logo passado o pesadelo, o clericalismo voltou com toda força.

Ou seja, vai de um momento a outro, num processo histórico em que se demonizou a proposta de uma teologia de cunho libertador, que tinha como objetivo tirar o pobre da vulnerabilidade social e fazer um trabalho de empoderamento, por meio de integral formação e participação política e eclesial de base. Neste sentido, afirma São João Paulo II, na Carta Encíclica *Centesimus Annus* (1991, n. 26) “O tempo presente convida a reafirmar a positividade de uma autêntica teologia da libertação humana integral”. Acerca da Teologia da Libertação, afirma a teóloga Bingemer que

A TdL nasce de uma indignação ética, contrapartida de uma revelação. Revelação do rosto do próprio Senhor, que brilha e se manifesta, com a força de uma epifania, no rosto do mais empobrecido, daquele ou daquela em quem a vida se encontra mais ameaçada, agredida e diminuída. (BINGEMER, 1992, p. 919)

Não há necessidade do extremismo, contudo, é imperativo aos ministros ordenados voltar o olhar e a atenção aos pobres e marginalizados, delegando mais autonomia aos leigos e assumindo, de fato, a figura de pastor. A sacristia é importante e o altar, então, é indiscutível e absoluta sua dignidade, entretanto, é inegável que o que ali é celebrado faz muito mais sentido se houver expressão concreta na pessoa do pobre, do menos favorecido, das tantas sagradas famílias que, tal qual a Família

de Nazaré, não tem pouso para seus filhos e estão alojados debaixo da ponte ou em ocupações urbanas.

Estar nas ruas e nas periferias, isto é, sair do conforto e do comodismo do escritório, do gabinete é o que pede o Papa Francisco (2015, p. [1]) quando escreve à Universidade Católica Argentina:

a teologia que elaborais seja radicada e fundada na Revelação, na Tradição, mas acompanhe também os processos culturais e sociais (...) que são vividos pelas ruas da América Latina. Não vos contenteis com uma teologia de escritório. O vosso lugar de reflexão sejam as fronteiras, os bons teólogos, assim como os bons pastores, têm o odor do povo e da rua e, com a sua reflexão, derramam azeite e vinho sobre as feridas dos homens. (...) O teólogo seja uma pessoa capaz de construir humanidade ao seu redor, de transmitir a divina verdade cristã em dimensão deveras humana, e não um intelectual sem talento, um eticista sem bondade nem um burocrata do sagrado. (FRANCISCO, 2015, p. 1)

A Teologia da rua que sugere o Papa Francisco é um jeito carinhoso de Deus olhar para os seus filhos socialmente excluídos. A reflexão da presente pesquisa, quer justamente derramar azeite e vinho sobre as feridas dos homens, como destaca o Santo Padre, ou seja, problematizar, questionar e trazer para dentro da academia esta pauta e colocá-la em discussão.

Sair da zona de conforto, abandonar a sacristia, estar junto dos pobres, dos marginalizados, nas periferias geográficas, periferias humanas e existenciais, estando junto destes, os preferidos de Jesus, a partir desta experiência pode-se iniciar um discurso, uma teoria teológica, falar de Deus, da ciência de Deus, produzir pesquisa acerca de Deus, que não se limita ao gabinete, ao escritório, mas que diz de um Deus que é nascido em meio aos pobres, que vive em meio aos pobres, e que anuncia a boa nova àqueles que eram os esquecidos, os últimos da sociedade de seu tempo: prostitutas, pescadores, coxos, cobradores de impostos, pessoas de toda sorte, que acreditaram e viveram a proposta do Reino anunciado por Jesus.

6.6.4 Convite de Francisco: uma Igreja em saída

A Igreja precisa acolher o apelo do Papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, que insiste na “Igreja em saída”, sua atuação deve se inserir em diferentes contextos, aproveitando as oportunidades de ser evangelizadora no mundo, sem jamais se esquecer de sua opção preferencial e estar presente nas lutas em prol de dignidade e do bem comum de todos, em especial dos mais pobres.

A alegria do Evangelho deve impulsionar o crente para um modo coerente de vida cristã, razão pela qual, Francisco faz um alerta na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*

todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho. (...) A sua alegria de comunicar Jesus Cristo exprime-se tanto na sua preocupação por anunciá-Lo noutros lugares mais necessitados, como numa constante saída para as periferias do seu território ou para os novos âmbitos socioculturais. (FRANCISCO, 2013, n. 20; 30)

Não por acaso a palavra “periferia” aparece nove vezes no documento em questão, isto é, há uma real necessidade da Igreja em chegar, de fato, nestes lugares para pregar a Boa Notícia do Ressuscitado, a proposta do Reino. Os pobres foram e sempre serão o foco da evangelização. Eis o que diz o Papa, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*

Hoje e sempre, os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho, e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer. Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres. Não os deixemos jamais sozinhos! (FRANCISCO, 2013, n. 48)

Evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo, e um anúncio profético e missionário é aquele que também faz denúncias de tudo que vai contra a dignidade da pessoa humana e tudo isto consiste em “buscar primeiro o Reino de Deus e a sua Justiça” (Mt. 6, 33). O sujeito de toda ação pastoral e evangelizadora é inicialmente, um povo que peregrina para Deus.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação eclesial em periferias, de modo especial nas Comunidades Urbanas numa dissertação teológica é algo que está em plena consonância com a realidade vivida pelo próprio Cristo. Ele próprio teve sua vida voltada para a pobreza, desde seu nascimento ocorrido num estábulo, pois não havia lugar para José e Maria se abrigarem. Muito semelhante à realidade das pessoas, do qual trata a pesquisa ora apresentada, isto é, são realidades muito próximas, que dialogam entre si.

No contexto das visitas para levar ajuda humanitária como roupas, calçados, cobertores, alimentos, brinquedos, produtos de higiene pessoal e de limpeza, houve a boa receptividade da comunidade para com os formandos redentoristas. Que, por sua vez, estavam semanalmente visitando as casas, exercendo o carisma de estar junto aos mais abandonados, de forma extraordinária, buscando além de realizar a ajuda humanitária, evangelizar não com discursos ou palavras, mas anunciando a Palavra de Deus por meio da presença significativa. Desta forma, em meio a este contexto, o autor da pesquisa se viu motivado a estudar o fenômeno da presença e atuação eclesial na ocupação em tela.

A principal resposta ao problema levantado é a hipótese básica, ou seja, uma resposta provável e provisória que foi submetida a testes para que fosse cientificamente refutada ou acolhida, comprovando a ideia inicial do pesquisador. A hipótese levantada pelo pesquisador desta dissertação é que se estima que a Igreja não teria dado a devida atenção às pessoas que moraram em ocupação urbana Britanite, haja vista que ela está muito aquém de ser a Igreja “em saída” que tanto pediu o Papa Francisco em seus documentos, ao longo de seu pontificado.

Diante da pesquisa aplicada, e das narrativas coletadas dos moradores da Ocupação, as percepções estabelecidas, diante dos resultados obtidos, é possível afirmar que foi identificada uma ausência da Igreja, haja vista não haver pastoreio, não haver diálogo, assistência, ou qualquer outro modo de demonstrar o rosto de Deus por meio da missão profética da Igreja de anunciar o Evangelho aos mais abandonados.

Foi constatada que existe sim, uma omissão, já que membros eclesiais, especialmente da paróquia local, tiveram conhecimento da situação, entretanto, nada fizeram para visitar e ter a experiência de estar na ocupação, ouvir os ocupantes da área, suas necessidades, demandas, dores, queixas, desafios, alegrias e esperanças.

A partir de tudo o que foi apresentado a respeito da Igreja, seu posicionamento, e também de autores, com relação aos pobres, a evangélica opção preferencial pelos pobres, a Igreja que quer ser serva e servidora dos pobres. Diante de todo esse contexto, se tem a recepção do concílio Vaticano segundo na América Latina, que vai justamente tratar nos documentos de Medellín, Puebla, Santo Domingo e, por fim, de Aparecida, cada documento vai reforçar essa opção preferencial pelos pobres.

O Papa João Paulo II quando esteve no Rio de Janeiro, em visita ao Brasil, afirma que “a Igreja em terra brasileira quer ser a *Igreja dos pobres*”. Há toda essa narrativa por parte da Igreja, uma eclesía que quer ser dos pobres, Jesus era o senhor dos pobres.

E diante disso, também se tem o texto do Êxodo que diz “Eu vi a miséria do meu povo. Ouvi seu grito por causa dos seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo.” (Ex 3,7-8). Na perícopes é possível perceber que há verbos importantes, a manifestação e o agir de um Deus que não é indiferente à dor do seu povo.

E em diversas passagens, Jesus vai tratar disso, quando fala “estive nu e me vestistes, estive com fome e me destes de comer” e, inserido no contexto habitacional, o aspecto da moradia “Ele veio morar entre nós” (Jo 1,14).

A pesquisa versa sobre o olhar voltado para o pobre, sobre estar com, caminhar junto, do ponto de vista eclesial, uma Igreja serva e servidora. E as perguntas que ficam, a partir dos resultados obtidos são: na perspectiva do Pensamento Social da Igreja, que Igreja se quer oferecer para a sociedade hoje? Uma Igreja elitista, seleta e diabólica, no sentido da divisão, dividida? Ou se quer ser uma Igreja que caminha com o povo de Deus? Igreja que é povo de Deus, que deve anunciar a Boa Nova do Evangelho e denunciar, de forma profética, aquilo que não está conforme a vontade de Deus?

Se por um lado existe essa gama de narrativas e de afirmações eclesiais, por outro há a narrativa daqueles que são objeto de estudo da presente pesquisa. Que trazem em seus discursos certa dissonância do que pedem não só os documentos da Igreja, mas, principalmente, o que Jesus pregou com seu testemunho de vida.

O relato que os entrevistados trouxeram são de pessoas que estão lutando por um espaço, por direito de moradia, pessoas que estão num contexto de extrema pobreza.

Em outras práticas que a Igreja já teve, como a de Dom Hélder Câmara, na década de 1930, quando bispo auxiliar do Rio de Janeiro, lutou por moradia, fez um trabalho de desenvolvimento social e promoção humana com as favelas, e esta forma de estar junto dos pobres lutando suas lutas, foi algo que se deu também ao longo de todo o seu ministério episcopal.

A Igreja tem sempre de estar ao lado dos mais fracos, dos mais pobres e, talvez, como visto no referencial teórico dos documentos da Igreja e da mensagem do Evangelho, bem como os autores como Comblin e outros mais, em todo esse discurso, se percebe que há um querer da Igreja de estar junto dos pobres, entretanto, há ministros ordenados que em nada contribuem para que isto aconteça.

Os moradores relataram nas entrevistas esta ausência da Igreja. Contudo, esta não é a realidade da qual a Igreja se agrada, afinal, ela quer estar ao lado dos pobres, ao menos no discurso, ao menos tem esse desejo. O Papa Francisco muito pediu e muito insistiu ao longo de seu pontificado, a partir da exortação apostólica *Evangelii Gaudium* na Igreja “em saída”, uma Igreja que esteja extramuros, uma Igreja que saia de dentro das suas sacristias que vá ao encontro do povo de Deus.

Ao escrever à Universidade Católica da Argentina, ele vai pedir para que se produza uma teologia com cheiro das pessoas, uma teologia de rua e não de gabinete. Uma teologia que tenha a capacidade de enxergar o próximo, de enxergar no outro a misericórdia de Deus, não uma teologia opressora, do medo, punitivista, mas uma teologia da misericórdia, uma teologia que seja capaz de jogar azeite e vinho sobre as feridas do povo. Essa é uma teologia que pede o Papa Francisco.

E isto pode ser entendido como um pedido não somente aos estudantes da Universidade Católica da Argentina, senão a todos os cursos de teologia do mundo, esse era um desejo do papa. Que seja produzida uma teologia com cheiro das ruas, uma teologia voltada para a realidade do povo, que dialogue com a necessidade e com os desafios do povo.

Comblin também apresenta o trabalho de coletividade dos pobres que se unem para caminhar juntos. É esse o diálogo que se estabelece a partir dos resultados obtidos, de todo o preconceito que essas pessoas sofrem, de toda a rejeição que essas pessoas têm da sociedade, e infelizmente, como traz as narrativas, existe uma rejeição da própria Igreja, quando pediram para que os padres fossem até a ocupação e, apenas alguns poucos se dispuseram a estar com eles e caminhar junto.

Ao longo da atuação, de forma extraordinária, ocorrida na comunidade urbana Britanite, os redentoristas chamaram os setores envolvidos, procurando dar visibilidade para a comunidade. Oportunizando que ali acontecesse o evento Grito dos Excluídos, em 2022, desenvolvendo ali atividades como passeata e ato pacífico do Dia do Trabalhador, tudo ocorrido com o intuito de dar visibilidade à comunidade, de mostrar o quanto essas pessoas são importantes, o quanto essas pessoas são trabalhadoras e possuem seu sustento e sua fonte de renda com registro formal no regime CLT, algumas no trabalho informal, algumas com benefícios do governo federal, outras, aposentadas.

Ao longo da pesquisa, foi possível perceber que existem parlamentares que se solidarizam da sua situação e abraçam a sua causa, levando essa pauta da discussão para dentro do plenário das casas legislativas em âmbito municipal e estadual. São pautas que a Igreja tem de estar presente, fomentar e propor a discussão, de forma apartidária. O que mais importa é que a Igreja não pode se omitir de estar presente com estas pessoas, abraçando suas causas e lutando suas lutas, estando sempre ao seu lado, como no caso das favelas do Rio de Janeiro, com a atuação de Dom Hélder Câmara.

A comunidade urbana Britanite foi um lugar teológico, um solo sagrado, porque ali se pôde enxergar Belém, onde mulheres deram à luz seus filhos residindo na mais precária das situações, não diferente da Virgem Maria; ali se pôde enxergar Nazaré, um lugar sem expressão, sem importância, do qual julgavam que nada de bom poderia vir de lá; ali se pôde enxergar o Horto das Oliveiras, onde as pessoas se agonizaram, se angustiaram pelo medo do despejo, onde chorando, talvez pediram para, se possível, serem livradas do cálice do sofrimento da fome, da miséria; ali se pôde enxergar o Gólgota, local do sacrifício, onde os pobres foram diariamente crucificados pela cruz da opressão, do preconceito, da violência, da rejeição; diante da atual conjuntura, é possível se enxergar o sepulcro vazio, sinal de ressurreição, da alegria e esperança no Ressuscitado.

Esta dissertação requer maior aprofundamento e talvez uma continuidade na pesquisa. A proposta de uma Igreja que caminhe com os que estão à margem, portanto com os marginalizados da sociedade, que lutam pelo direito básico de ter um lar, um espaço para morar de forma digna com os seus, é uma Igreja que se coaduna com a mensagem do Evangelho proposto por Jesus. Trata-se do encontro espiritual do Cristo crucificado com o povo pobre e oprimido. O querer lutar suas lutas,

eclesialmente falando, nasce da indignação, da compaixão e do desejo de libertação, a partir dos Profetas, da Teologia do Êxodo, inspirado no capital espiritual que vem dos Evangelhos e da prática de Jesus e dos apóstolos.

Em suma, a análise teológica acerca da atuação eclesial em ocupação urbana diz respeito à Igreja pobre e sofredora, na pele dos pobres que moram na ocupação, que passam pelo medo do despejo, pela insegurança habitacional, e a Igreja, ainda que de forma extraordinária, por meio dos missionários redentoristas esteve ao seu lado dando apoio, ajuda humanitária, lutando suas lutas, sonhando seus sonhos, usando de sua influência e expressão social para lutar com dignidade pelo direito à moradia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Antonio José de. **Sois um em Cristo Jesus** – Vol. 8.1: Teologia Sistemática - Eclesiologia. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

ANDRADE, Aíla L. Pinheiro; MORAIS, A. L. N. **Viu, sentiu compaixão e cuidou dele.** Encontros Teológicos | Florianópolis | V.34 | N.3 | Set.-Dez. 2019 | p. 421-434

ARQUIDIOCESE DE CURITIBA. **Diretrizes Pastorais da Ação Evangelizadora.** Curitiba: Coordenação de Pastoral, 2024. Disponível em: https://arquidiocesedecuritiba.org.br/wp-content/uploads/2024/08/Diretrizes_arquivo_digital.pdf. Acesso em: 15 maio, 2025.

BENTO XVI. **Discurso do Papa Bento XVI na Sessão inaugural dos trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe.** Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html. Acesso em: 28 abr. 2025.

BEOZZO, José Oscar. **Pacto das catacumbas:** por uma igreja servidora e pobre. São Paulo: Paulinas, 2015.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2004.

BIGO, Pierre; ÁVILA, Fernando Bastos. **Fé cristã e compromisso social:** Elementos para uma reflexão sobre a América Latina à luz da Doutrina Social da Igreja. São Paulo: Paulinas, 1986.

BINGEMER, Maria Clara L. **Teologia da Libertação:** uma opção pelos pobres?. Revista Eclesiástica Brasileira. v. 52, n. 208, p. 917–927, 1992. Disponível em: <https://revistaeclesiacabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/2851>. Acesso em: 23 jun. 2025.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 9 mar. 2025.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **Medida Cautelar na Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental - ADPF 828 Distrito Federal.** Relator Ministro Luís Roberto Barroso. Data da decisão: 3 de junho de 2021. <https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticiaNoticiaStf/anexo/ADPF828liminar.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2025.

BRIGHENTI, Agenor. **O novo rosto do clero:** perfil dos padres novos no Brasil. São Paulo: Vozes, 2021.

CAMPANHA DESPEJO ZERO. **Balanco dos dados até setembro de 2022.** Disponível em: <https://terradedireitos.org.br/uploads/arquivos/Balanc%CC%A7o-Despejo-Zero---outubro-2022.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2025.

CARRANO, Pedro. **Todo despejo é um crime: Pandemia, moradia e Despejo Zero - As lutas no Paraná entre 2020 e 2024**. Curitiba: Kotter Editorial, 2025.

CODINA, V. **Eclesiologia do vaticano II**. Perspectiva Teológica, Belo Horizonte, v. 45, n. 127, p. 461-472, Set./Dez. 2013 p. 461-472. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/2791/2965>. Acesso em: 4 nov. 2024.

COMBLIN. José. **A esperança dos pobres vive: coletânea em homenagem aos 80 anos de José Comblin**. São Paulo: Paulus, 2003.

COMBLIN. José. **A oração de Jesus**. São Paulo: Paulus, 2010.

COMBLIN. José. **O clamor dos oprimidos: o clamor de Jesus**. Petrópolis: Vozes, 1985.

COMBLIN. José. **O Espírito Santo no mundo**. São Paulo: Paulus, 2010.

COMBLIN. José. **O Povo de Deus**. São Paulo: Paulus, 2002.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. Constituições, decretos e declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documentos do CELAM: conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo / Conselho Episcopal Latino-Americano**. São Paulo: Paulus, 2004.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe**. São Paulo: Paulus, 2007.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Tradução: Sandra Mallmann da Rosa. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

FLORISTAN, Casiano; TAMAYO, Juan-Jose. **Conceptos Fundamentales de Pastoral**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1983.

FRANCISCO. **Carta do Papa Francisco ao Cardeal Marc Ouellet, Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2016/documents/papa-francesco_20160319_pont-comm-america-latina.html. Acesso em: 4 nov. 2024.

FRANCISCO. **Carta do Papa Francisco por Ocasão do Centenário da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica Argentina**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2015/documents/papa-francesco_20150303_lettera-universita-cattolica-argentina.html. Acesso em: 4 nov. 2024.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 4 nov. 2024.

FRANCISCO. **Mensagem do Papa Francisco aos participantes do Encontro dos Movimentos Populares realizado em Modesto na Califórnia – EUA**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2017/documents/papa-francesco_20170210_movimenti-popolari-modesto.html. Acesso em: 4 nov. 2024.

FRANCISCO. **Mensagem do Santo Padre aos Participantes do Sínodo em Buenos Aires**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2018/documents/papa-francesco_20181027_videomessaggio-cardinale-poli.html. Acesso em: 4 nov. 2024.

GONÇALVES, Rafael Soares; SIMÕES, Soraya Silveira; FREIRE, Leticia de Luna. **A contribuição da Igreja Católica na transformação da habitação popular em problema público na França e no Brasil**. In Cuadernos de Antropología Social Nº 31, pp. 97–120, 2010 – UBA – ISSN 0327-3776.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2022: panorama de indicadores por localidade**. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/indicadores.html?localidade=5300108&tema=1>. Acesso em: 6 mar. 2025.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022: Favelas e Comunidades Urbanas Resultados do universo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102134.pdf>. Acesso em 8 mar. 2025.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Centesimus Annus***. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus.html. Acesso em: 4 nov. 2024.

JOÃO PAULO II. **Discurso do papa João Paulo II aos moradores da favela do Vidigal no rio de janeiro**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1980/july/documents/hf_jp-ii_spe_19800702_vidigal-brasile.html. Acesso em: 10 mar. 2025.

JOÃO PAULO II. **Discurso do papa João Paulo II por ocasião da visita à Favela dos Alagados em Salvador**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1980/july/documents/hf_jp-ii_spe_19800707_favela-bahia.html. Acesso em: 10 mar. 2025.

JOÃO PAULO II. **Homilia do papa João Paulo II na missa por ocasião da inauguração da III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/documents/hf_jp-ii_hom_19800707_iii-conferencia-geral-latino-americano.html.

ii/pt/homilies/1979/documents/hf_jp-ii_hom_19790127_messico-guadalupe.html. Acesso em: 10 mar. 2025.

LEÃO XIII. **Carta Encíclica *Rerum Novarum***. Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html. Acesso em: 23 mar. 2025.

LATOURELLE, René. **Vaticano II: balance y perspectivas**. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1990.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

ONU – Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU**. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 4 nov. 2024.

ONU – Organização das Nações Unidas. **Declaração de Istambul sobre Assentamentos Humanos**. Istambul: ONU, 1996. Disponível em: https://cronologiadourbanismo.ufba.br/mais_documento.php?idVerbete=1394&idDocumento=47. Acesso em: 30 abr. 2025.

ONU – Organização das Nações Unidas. **Nova agenda urbana**. Quito: ONU, 2016. Versão em português: 2019. Disponível em: <https://habitat3.org/wp-content/uploads/NUA-Portuguese-Brazil.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2025.

ONU – Organização das Nações Unidas. Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), **Panorama Social da América Latina e do Caribe, 2023. Resumo Executivo** (LC/PUB.2023/19), Santiago, 2023. Disponível em: <https://repositorio.cepal.org/server/api/core/bitstreams/036c20b8-c0d9-49ce-8410-ab028e33fa2e/content>. Acesso em: 8 mar. 2025.

PAULO VI. **Carta Encíclica *Populorum Progressio***. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html. Acesso em: 4 nov. 2024.

PAULO VI. **Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi***. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em: 4 nov. 2024.

PIO XI. **Carta Encíclica *Quadragesimo Anno***. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310515_quadragesimo-anno.html. Acesso em: 23 mar. 2025.

Reintegração de posse retira 300 famílias de terreno ocupado em Curitiba. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2025/02/20/reintegracao-de-posse-retira-300-familias-de-terreno-curitiba.ghtml>. Publicado em 20/02/2025. Acesso em: 01 jul. 2025.

SCHNEIDER, Theodor. Manual de dogmática. Petrópolis: Vozes, 2002.

VATICANO. **Compendio da Doutrina Social da Igreja**. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html. Acesso em: 9 mar. 2025.

ZWETSCH, Roberto. **Terra, Lugar e Espaço**: a luta dos pobres por cidadania e dignidade no Brasil desde uma perspectiva teológica. Revista Diálogo, Canoas, n. 17, p. 71-96, jul-dez 2010.

ANEXOS

ANEXO A – CARTA DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA NA REALIZAÇÃO DE PESQUISA

Eu **HEMERSON MAYKON DOS REIS MOREIRA**, RG Nº 13.903.032-0 e CPF Nº 086.313.409.28, abaixo assinado, responsável pela **OCUPAÇÃO URBANA BRITANITE**, localizada na Rua Antônio Zanon, 235, Tatuquara, Curitiba-PR, declaro estar ciente e ter interesse na realização do estudo **Atuação eclesial em ocupação urbana: uma análise teológica**, a ser conduzido pelo pesquisador **Marcos Roger Ribeiro** e pelo orientador **Prof. Dr. Marcio Luiz Fernandes** abaixo relacionados. Fui informado pelo responsável do estudo sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento, a saber, **ENTREVISTAS COM OS MORADORES DA OCUPAÇÃO**.

Declaro ainda ter ciência de que a pesquisa só poderá ser iniciada após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição Proponente, além de conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 466/12 e/ou CNS 510/16. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Curitiba, 12 de agosto de 2023.



Hemerson Maykon Dos Reis Moreira
Coordenador da Ocupação Urbana Britanite

LISTA NOMINAL DE PESQUISADORES:

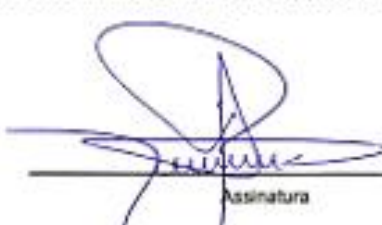
- 1) Marcos Roger Ribeiro (Pesquisador Principal)
- 2) Prof. Dr. Marcio Luiz Fernandes (Orientador)

ANEXO B – FOLHA DE ROSTO



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: ATUAÇÃO ECLESIAL EM OCUPAÇÃO URBANA: UMA ANÁLISE TEOLÓGICA			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 15			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 7. Ciências Humanas			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: MARCOS ROGER RIBEIRO			
6. CPF: 054.649.329-76		7. Endereço (Rua, n.º): BALTAZAR CARRASCO DOS REIS 1/1130 REBOUCAS 645 CURITIBA PARANA 80215160	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO		9. Telefone: 43998753164	10. Outro Telefone:
		11. Email: marcos.rogher@gmail.com	
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo. Data: <u>22 / 08 / 2023</u>  Assinatura			
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Pontifícia Universidade Católica do Paraná		13. CNPJ:	
		14. Unidade/Órgão: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATOLICA DO PARANA	
15. Telefone: 41988463811		16. Outro Telefone:	
Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução. Responsável: <u>PROF. DR. CESAR CANDIOTTO</u> CPF: <u>733.168.069-20</u> Cargo/Função: <u>DECANO ECH</u> Data: <u>22 / 08 / 2023</u>  Assinatura Prof. Dr. Cesar Candiotto Decano Escola de Educação e Humanidades			
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			

ANEXO C – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

 Comitê de Ética em Pesquisa da PUCPR	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ - PUC/ PR	
--	---	---

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA****Título da Pesquisa:** ATUAÇÃO ECLESIAL EM OCUPAÇÃO URBANA: UMA ANÁLISE TEOLÓGICA**Pesquisador:** MARCOS ROGER RIBEIRO**Área Temática:****Versão:** 1**CAAE:** 73410123.5.0000.0020**Instituição Proponente:** PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio**DADOS DO PARECER****Número do Parecer:** 6.284.409**Apresentação do Projeto:**

TEXTO CONFORME INSERIDO NA PLATAFORMA BRASIL

Este trabalho descreve, analisa e propõe uma reflexão teológica acerca da atuação eclesial com os moradores de ocupação urbana, de modo especial a Ocupação Britanite, localizada na Rua Antônio Zanon, 235 – Tatuquara, Curitiba-PR. A pesquisa visa investigar este fenômeno a partir da coleta de relatos dos moradores da ocupação. Daí a necessidade de sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho. Eis a proposta de ser "Igreja em saída", provocação do Papa Francisco, na exortação apostólica Evangelii Gaudium. Neste contexto, vale se perguntar quais respostas a Ecclesiology pode oferecer, a partir do Concílio Vaticano II e de sua opção preferencial pelos pobres, frente a aparente deficitária atuação da Igreja Católica em Ocupação Urbana de Curitiba-PR, de modo especial na Ocupação Britanite? Pois sabe-se que se o Concílio representou, na Europa, a abertura da Igreja ao mundo moderno, para a América Latina o Concílio representou a abertura da Igreja ao universo e à realidade dos pobres. Isto é, a missão leva o missionário ao coração da realidade da Igreja. Tal abordagem é pertinente e se faz necessária, dado que muitas famílias, ocupantes de área, estão à

Endereço: Rua Imaculada Conceição, nº 1155 - prédio administrativo, térreo		
Bairro: Prado Velho	CEP: 80.215-901	
UF: PR	Município: CURITIBA	
Telefone: (41)3271-2103	Fax: (41)3271-2103	E-mail: nep@pucpr.br



Comitê de Ética
em Pesquisa da
PUCPR

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO PARANÁ - PUC/
PR



Continuação do Parecer: 6.284.409

margem da sociedade e vale pesquisar como tem sido o pastoreio por parte da Igreja, isto é, a opção preferencial pelos pobres é praticada com aquela pequena porção do povo de Deus? É importante ressaltar a contribuição da pesquisa para a comunidade científica como um todo, pois a discussão sobre os socialmente excluídos que estão nas áreas de ocupação urbana precisa ser colocada em pauta na agenda da Igreja, do contrário esta não cumpre sua missão profética de anunciar a Boa Nova, sobretudo aos mais necessitados. O propósito do estudo é recolher, por meio da pesquisa de campo, narrativas sobre as percepções da atuação da Igreja na Ocupação Britanite, região do Tatuquara, em Curitiba-PR. A partir de então, refletir sobre a possível lacuna da atuação eclesial e indicar aspectos que demonstrem o potencial desta ocupação de ser acolhida como campo de missão, sobre uma perspectiva da metodologia fenomenológica. Como estratégia metodológica, optou-se pela revisão bibliográfica (documentos da Igreja, artigos científicos e informações publicadas para acesso geral), cuja proposta é fazer uma análise reflexiva dos textos selecionados, bem como a pesquisa de campo, seguida da análise de dados.

Metodologia Proposta:

A metodologia adotada para o presente estudo é a pesquisa fenomenológica, que se apoia na filosofia de Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty, ou seja, se ocupa de interpretar o mundo com base na consciência do sujeito. (MARCONI, LAKATOS, 2017). Ainda para as autoras, o objetivo da pesquisa fenomenológica é descrever e entender os fenômenos com base no ponto de vista de cada participante. As técnicas mais adequadas para a coleta de dados na pesquisa fenomenológica são as que possibilitam a livre expressão dos participantes, o que é essencial tanto para a descrição quanto para a interpretação da experiência vivida. A mais comum dessas técnicas é a entrevista focalizada, que, ao mesmo tempo em que permite a livre expressão do entrevistado, garante a manutenção de seu foco pelo entrevistador.

Critério de Inclusão:

Os participantes da pesquisa são os moradores da Ocupação Urbana Britanite. A estimativa é que sejam entrevistadas uma média de 15 (quinze)

Endereço: Rua Imaculada Conceição, nº 1155 - prédio administrativo, térreo
Bairro: Prado Velho **CEP:** 80.215-901
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3271-2103 **Fax:** (41)3271-2103 **E-mail:** nep@pucpr.br



Comitê de Ética
em Pesquisa da
PUCPR

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO PARANÁ - PUC/
PR



Continuação do Parecer: 6.284.409

peçoas. A entrevista se dará por meio de abordagem na ocupação, em local apropriado, que resguarde a integridade e o sigilo da entrevista. na ocupação. A amostra será definida, isto é, terá como critério de inclusão, homens e mulheres que moram na ocupação a um período superior a 6 (seis) meses, com idade entre 18 e 65 anos, capazes civil e cognitivamente. Critério de Exclusão:

Objetivo da Pesquisa:

TEXTO CONFORME INSERIDO NA PLATAFORMA BRASIL

Objetivo Primário:

Analisar a atuação da Igreja em área de Ocupação Urbana, região periférica, à luz das indicações pastorais e sinodais do Papa Francisco.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

TEXTO CONFORME INSERIDO NA PLATAFORMA BRASIL

Riscos:

Os riscos inerentes à pesquisa é a perda de confidencialidade dos dados coletados, bem como, risco de constrangimento no momento das questões aplicadas aos participantes da pesquisa, no entanto o pesquisador compromete-se a atender os critérios éticos elencados na resolução 466/12 e 510/16.

Benefícios:

A princípio o benefício é indireto aos participantes da pesquisa, de modo que, busca-se responder as questões da problematização que é o possível déficit da atuação da Igreja, sabendo que, se a hipótese for confirmada a Igreja poderá melhorar sua atuação naquela localidade, beneficiando as pessoas que ali residem.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

VER "CONCLUSÕES OU PENDÊNCIAS OU LISTA DE INADEQUAÇÕES"

Endereço: Rua Imaculada Conceição, nº 1155 - prédio administrativo, térreo

Bairro: Prado Velho

CEP: 80.215-901

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3271-2103

Fax: (41)3271-2103

E-mail: nep@pucpr.br



Comitê de Ética
em Pesquisa da
PUCPR

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO PARANÁ - PUC/
PR



Continuação do Parecer: 6.284.409

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

VER "CONCLUSÕES OU PENDÊNCIAS OU LISTA DE INADEQUAÇÕES"

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não foram observados óbices de ordem ética para a execução da proposta conforme apresentada. Projeto de pesquisa aprovado, pois em consonância com os ditames éticos e legais das Resoluções nºs 466/12 e 510/16, ambas do CNS.

Considerações Finais a critério do CEP:

Lembramos aos senhores pesquisadores que, no cumprimento da Resolução 466/12, o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) deverá receber relatórios anuais sobre o andamento do estudo, bem como a qualquer tempo e a critério do pesquisador nos casos de relevância, além do envio dos relatos de eventos adversos, para conhecimento deste Comitê.

Salientamos ainda, a necessidade de relatório completo ao final do estudo. Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP-PUCPR de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificado e as suas justificativas.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2152433.pdf	22/08/2023 17:17:11		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_para_maiores_de_18_anos.pdf	22/08/2023 17:08:34	MARCOS ROGER RIBEIRO	Aceito
Declaração de concordância	declaracao_concordancia.pdf	22/08/2023 17:02:42	MARCOS ROGER RIBEIRO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_mestrado_Marcos.pdf	22/08/2023 16:59:40	MARCOS ROGER RIBEIRO	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rostoassinada.pdf	22/08/2023 15:33:54	MARCOS ROGER RIBEIRO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita apreciação da CONEP:

Endereço: Rua Imaculada Conceição, nº 1155 - prédio administrativo, térreo

Bairro: Prado Velho

CEP: 80.215-901

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3271-2103

Fax: (41)3271-2103

E-mail: nep@pucpr.br



Comitê de Ética
em Pesquisa da
PUCPR

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO PARANÁ - PUC/
PR



Continuação do Parecer: 6.284.409

Não

CURITIBA, 05 de Setembro de 2023

Assinado por:
Ana Carla Efig
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Imaculada Conceição, n° 1155 - prédio administrativo, térreo

Bairro: Prado Velho

CEP: 80.215-901

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3271-2103

Fax: (41)3271-2103

E-mail: nep@pucpr.br

ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	Pág. 1/2
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ☐ Via Participante ☐ Via Pesquisador	
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	
Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar do estudo Atuação eclesial em ocupação urbana: uma análise teológica, que tem como objetivo analisar a atuação da Igreja em área de Ocupação Urbana, região periférica de Curitiba, à luz das indicações pastorais e sinodais do Papa Francisco. Acreditamos que esta pesquisa seja importante porque abordar esta temática surge como uma prioridade, uma vez que se trata de um apelo da própria Igreja, inclusive um apelo oportuno e urgente de ser uma "Igreja em saída", como pede o Papa Francisco. É pertinente fazer um recorte histórico, já que esta urgência é reduzida a termo no ano de 1967, logo após o Concílio Vaticano II, quando o então Papa Paulo VI, escreveu a Carta Encíclica "Populorum Progressio" e nela traz presente a opção pelos pobres, que ainda é uma proposta a ser colocada em prática e não pode ser tratada como uma faculdade ou algo secundário, mas sim, de fato assumida e empenhada por todos, mas de modo particular pelos cristãos católicos. PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO A sua participação no referido estudo é voluntária e se dará por meio de um encontro presencial com duração de aproximadamente uma hora e meia, em que você será convidado a falar sobre sua experiência na Ocupação Urbana Britanite. A entrevista, que será reduzida a termo, vai acontecer dentro da Ocupação, na Rua Antônio Zanon, 235. RISCOS E BENEFÍCIOS Através deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido você está sendo alertado de que, da pesquisa a se realizar, pode esperar alguns benefícios, tais como: a contribuição para construção de um conhecimento sobre a Ocupação Urbana Britanite, que poderá ser útil para se pensar ações que beneficiem você e as pessoas que moram nesta comunidade (Ocupação Urbana Britante), além de poder ajudá-lo a refletir sobre o sentido de suas experiências cotidianas e ampliar sua consciência a respeito da própria situação de vida e participação eclesial. Bem como, também é possível que aconteçam os seguintes desconfortos ou riscos em sua participação, tais como o de constrangimento ao responder a entrevista. Caso você sinta algum desconforto no decorrer da entrevista, se desejar, poderá se retirar da pesquisa a qualquer momento. Para minimizar tais riscos, nós pesquisadores tomaremos as seguintes medidas: toda a abordagem será pautada na ética e realizada com cautela. No entanto o pesquisador compromete-se a atender os critérios éticos elencados na resolução 466/12 e 510/16. SIGILO E PRIVACIDADE Nós pesquisadores garantiremos a você que sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, lhe identificar, será mantido em sigilo. Nós pesquisadores nos responsabilizaremos pela guarda e confidencialidade dos dados, bem como a não exposição de quaisquer informações em qualquer formato que possa indicar sua identidade. AUTONOMIA Nós lhe asseguramos assistência durante toda pesquisa, bem como garantiremos seu livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que você queira saber antes, durante e depois de sua participação. Também informamos que você pode se recusar a participar do estudo, ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar e sem qualquer prejuízo à assistência que vem recebendo.	
RUBRICA DO PARTICIPANTE DA PESQUISA RUBRICA DO PESQUISADOR	

RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO

Caso tenha qualquer despesa decorrente da participação nesta pesquisa, tais como transporte, alimentação entre outros, bem como de seu acompanhante, haverá ressarcimento dos valores gastos. Também informamos que, na ocorrência de algum dano decorrente de sua participação no estudo, você será devidamente indenizado, conforme determina a lei.

CONTATO

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto a quem poderão ser contatados a qualquer momento são o orientador do Projeto Prof. Dr. Marcio Luiz Fernandes, telefone (41) 99931-2862, e-mail: marcio.lui@pucpr.br e o pesquisador Marcos Roger Ribeiro, telefone (43) 99875-3164, e-mail: marcos.rogher@gmail.com.

O Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) é composto por um grupo de pessoas que estão trabalhando para garantir que seus direitos como participante de pesquisa sejam respeitados. Ele tem a obrigação de avaliar se a pesquisa foi planejada e se está sendo executada de forma ética. Se você achar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como você imaginou ou que está sendo prejudicado de alguma forma, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da PUCPR (CEP) pelo telefone (41) 3271-2103 entre segunda e sexta-feira das 08h00 às 17h30 ou pelo e-mail nep@pucpr.br.

DECLARAÇÃO

Declaro que li e entendi todas as informações presentes neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e tive a oportunidade de discutir as informações deste termo. Todas as minhas perguntas foram respondidas e eu estou satisfeito com as respostas. Receberei uma via assinada e datada deste documento e igual a via assinada e datada que será arquivada pelo pesquisador responsável do estudo.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Dados do participante da pesquisa	
Nome:	
Telefone:	
e-mail:	

Curitiba, ____ de _____ de 2023.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do Pesquisador

ASSINATURA DO PARTICIPANTE DA PESQUISA

ASSINATURA DO PESQUISADOR